A FREIRA NO SUBTERRANEO

ROMANCE HISTORICO

A FREIRA NO SUBTERRANEO

ROMANCE HISTORICO

TRADUZIDO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PORTO
TYPOGRAPHIA — PEREIRA DA SILVA
Impressor da Casa Real

1872

ADVERTENCIA DO TRADUCTOR

Os periodicos portuguezes trasladaram, ha trez annos, da imprensa de França a noticia do apparecimento d'uma religiosa carmelita, que por espaço de vinte annos agonisara no subterraneo d'um convento na cidade de Cracovia.

A succinta descripção que então se fez d'este flagello, até certo ponto incrivel, dava a suppor que os adversarios do catholicismo fantasiassem fabulas para atravez do seraphico peito de Sancta Thereza de Jesus asseteарem o vigario de Christo. Mas, acontecendo que Luiz Veuillot, e outros esculcas das invenciveis milicias do céo, não desmentiram a noticia, era de recear que não fosse de todo imaginaria a historia da victima do fanatismo.

Volvidos trez annos, em 1871, sahiu dos prelos francezes um livro relatando os pormenores do martyrio de Barbara Ubryk, a freira carmelita de Cracovia.

Quem escreveu este livro?

Não o dizem as apreciações dos periodicos, nem os catalogos das livrarias. O livro é lido com espanto e talvez com lagrimas; ao passo que o auctor, que tão cuidadosamente se occultou, deve ter tido mysteriosas e for-

tissimas razões para esquivar-se á gloria de haver escripto um livro tão precioso na fórma quanto virtualmente util.

Transpira a verdade do contexto do romance, posto que, a espaços, a simplesa natural das coisas é estofada em pompas demasiadas da linguagem.

Isso, porém, não desdoura, antes redobra o quilate da obra para quem se deixa de bom grado captivar e levar nas azas da dolorosa poesia que voeja por alto. O que os bons espiritos hão de vêr n'esta pungente narrativa é a substancia de tal e tamanho flagicio praticado entre 1841 a 1868, n'este tempo, em nossos dias! A critica illustrada estremará da religião divina, que ensinou Jesus, a protervia dos sacrilegos que se abonam com ella, e lhe vão apagando as luzes para que as trevas da idade media se condensem e involvam as instituições não carimbadas pela chancella pontifical.

O livro é precioso por que é verdadeiro; é excellente por que é bem escripto; é util por que incerra uma lição.

O traductor abstem-se de indicar as passagens realçadas de maiores bellezas, por que lá está o claro intendimento de quem lê para as distinguir; e seria tambem desaccordo anticipal-as, prejudicando o tal qual prazer do imprevisto.

I

UMA CARTA ANONYMA

Ao entardecer d'aquelle dia, passou-se um drama intimo em casa de Zolpki, juiz do crime. Arrastava-se aos pés do magistrado uma formosa menina de desasete annos, livida, suffocada pelas lagrimas, com umas palavras descozidas que a um tempo denotavam grande desespero e turbação.

« Pai, exclamava ella, meu pai, não faça a minha desgraça n'este mundo, e a minha condemnação no outro! Eu estou tão nova e desejo tanto a vida! Deixe-me ser feliz, como meu pai ha sido? Quem foi que escolheu a sua noiva, não foi meu pai! Minha mãe, amada obstinadamente, não explicou bastante a razão da sua ternura?.. Meu pai amou, consinta que eu ame tambem; não prohiba que eu tenha o meu quinhão de felicidade...

Foi tão bom para commigo até hoje... Tratou-me com tanto mimo, e quer n'um momento destruir as caricias de desasete annos. Pense, meu pai! Olhe que vai fazer a desgraça de sua filha, condemnal-a á morte peior que a dos criminosos...

« Minha filha, respondeu o juiz, rasgas-me o coração, e fazes-me com as tuas lagrimas maior mal do que tu imaginas...

—Então enchugue-m'as, meu pai.

—Não posso, por que a minha posição de pai me obriga a fazer-te feliz embora não queiras... Tu amas, crês amar um homem de vinte annos, sem posição, pobre, sonhador de chimeras, que te arrebatou a não sei que mundo perigoso e falso, embriagando-te com promessas tanto mais perturbadoras quanto ellas se desfazem no vago. Filtrou-te ao coração isso que os homens chamam poesia, e que tu bebeste a longos haustos... Wladimir sabe que és rica, vê-te formosa, que admira que elle te queira?

—Quer-me sim; mas não pede dote.

—Mas sabe que eu não deixarei minha filha ser pobre.

—E por que não, se eu antes quero com Wladimir a miseria do que a opulencia com o conde de Sergy! Dou importancia á riquesa como accessorio, mas como base da felicidade não. Wladimir não é nobre?

—É.

—O pai sabe que elle trabalha incessantemente; e se a sua familia, empobrecida pelas revoluções, nada lhe deixou, elle esforça-se por adquirir posição.

—Concedo.

—E bem sabe que hade alcançal-a honrosa com a vontade e intelligencia que tem.

—Talvez; mas em que tempo?

—Isso não importa; o essencial é que elle consiga um dia o lugar que merece. Luctaremos unidos e amparados um pelo outro. A nossa felicidade material, lentamente adquirida á custa de muitos trabalhos e privações, hade-nos ser por isso mais grata... Eu sei que minha mãe era pobre quando meu pai casou: deixe-me escolher um marido tambem pobre...

—É diverso! Eu, apenas casei, enriqueci-a. Nego que haja felicidade sem dinheiro; sem dinheiro não ha talento que brilhe; honras e celebridades pagam-se. Se Wladimir fosse rico, convinha-me: é pobre?.. não me serve. Se agora te queixas da minha duresa, mais tarde a experiencia te convencerá de que eu tinha razão.

—Não, meu pai, nunca! Falla-me da experiencia... Quando tinha a minha idade, raciocinava assim? Os trabalhos da vida, quando são dois a supportal-os, não custam. Os meus proprios soffrimentos hão-de ser causa a que Wladimir me adore mais. Cuida que eu posso ser feliz se me separa d'elle? Heide amaldiçoar a opulencia em que elle não tiver parte. Amo-o! e não tenho outra idéa, outro pensamento que não seja isto. Amo-o! E' o instincto, é talvez uma loucura! Desgraça ou felicidade, tenho-a no intimo da minha alma. E' amor que me arde no sangue: irresistivel... nem meu pai póde apagal-o! Mate-me, que nem assim o extinguirá. Da sua parte está o poder que ameaça, da minha a fé ardente que salva, a esperança inflexivel, a ternura humildosa. Ajoelho a seus pés, primeiro por que é meu pai, depois por que é

meu mestre, e arbitro da minha felicidade... Se o pai soubesse quanto eu havia de amal-o, se consentisse... A minha vida seria curta para lhe agradecer, e a d'elle tambem, por que o venera e respeita, e o presa como pai de filha tão querida.

E o juiz, desenlaçando-se dos braços da filha que o prendiam, replicou:

—Vanda, até agora mostrei grande brandura e extrema paciencia; esperei vencer com a razão as suas repugnancias, e desfazer esses desvarios com a minha generosidade. Vejo que nada consegui. Se cuida que de dia em dia vai ganhando terreno, juro-lhe que não conseguirá abalar as minhas resoluções. O que uma vez disse está dito para sempre. Parece-me que deve conhecer bastante o meu caracter para comprehender que a sua teima acabará por me cançar. Uma coisa lhe prohibo: não pense mais em ser esposa de Wladimir.

—O seu poder, meu pai, limita-se a dominar os meus actos.

—Outra coisa quero.

—Qual?

—Hade cazar com o conde Sergy Radzwil.

Vanda levantou-se de golpe. Operou-se n'ella tão rapida e completa transformação que seria impossivel reconhecer a donzella supplicante, ainda ha pouco, na mulher que se aprumava severa frente a frente do pai.

—Tenho desasete annos—disse ella—O pai recusa que eu me caze com o homem, cujos bens de fortuna são a força e amor que o seu valor pessoal lhe dá: não lhe nego esse direito. E' rigoroso, e cruel; mas prostro-me, reconhecendo-lh'o... A lei auctorisa-o: é o que basta; mas

virá um dia em que a lei seja por mim. A equidade tem alternativas... mas impor-me que caze com o conde Radzwil, isso é que não póde... chega a minha vez de lhe dizer que não quero! E ninguem, nem meu pai, que representa a justiça, póde fazer que entre no meu dedo o annel nupcial do homem que detesto.

—Por que é esse odio, Vanda?

—Porque? O conde Radzwil é meu inimigo logo que meu pai o defende contra mim... A riqueza d'elle dá realces á pobreza de Wladimir. Que importa que o pai me encareça a posição que elle occupa na sociedade querendo aviltar o outro que não tem nenhuma? Isso é verdade; mas tem vinte annos! Quando os cabellos lhe encanecerem, tambem elle terá riquezas e titulos, honras e renome... mas tem vinte annos, cabellos negros, alma de poeta, coração d'oiro, e algibeira vazia! E o pai insulta esta mocidade, despresa a hombridade do pobre que ambicionava dois amores, a Polonia e eu! Esperarei para esposar Wladimir mas, quando a mulher de Radzwil, nunca! nunca! Não ha caso algum que me faça acceital-o; contra as sugestões da ambição, o meu amor me defenderá... E' isso que eu chamo fraqueza da obediencia.

—Olhe que está insultando o poder paternal.

—E o pai abusando.

—Vanda!

—Deixe-me fallar, meu pai! Ha lances em que tudo se diz e confessa. Sou honesta e leal; se me revolto, seja-lhe isto prova da minha franqueza e lealdade! Não sei mentir nem quero sabel-o, pouco importa que meu pai me queira ensinar a fingir.

—Eu?

—Vou convencel-o. Uma noite n'um baile onde o pai me levava muitas vezes, vi Wladimir. Encontraram-se nossas vistas, e contemplam'o-nos em silencio por que tudo estava dito nos olhares... Um lance d'olhos, um relampago, um flamma divina, é o mundo, é o céo, é tudo. Elle amava-me, e eu a elle. Occultei-lh'o meu pai? Não. O pai, esperando triumphar do sentimento que lhe pareceu pueril, sorriu-se; e não obstante, o amor venceu a sua logica de ferro... Levou-me ao turbilhão dos prazeres que poderiam exaltar uma cabeça mais fraca do que a minha; mas eu tinha um coração que defendia o cerebro. Requestou-me o conde Radzwil com approvação sua... Cuidava meu pai que o amor tinha a mesma significação proferido por todos os labios; pensou que o pobre moço habitando um sotão não duraria muito na minha memoria, logo que esse conde me offerecesse palacios, castellos, e riquezas immensas... Bem sabe que se illudiu... O pai aconselha-me indignidades, e arrasta-me a um abysmo quando me induz a contrahir uma alliança que me repugna e assombra. O conde é velho, hediondo e triste: hade ser forçosamente cioso. Não posso amal-o, nem o amaria nunca; e comtudo quem quer atirar-me aos braços d'elle é meu pai; e não me pergunta se o pensamento do outro tão bello e adoravel me não seguirá ao palacio d'esse velho... Eu lhe juro que seguiria! Quando o conde me dissesse: amo-te! eu fecharia os olhos para imaginar que era a voz de Wladimir que m'o dizia... Eu amaria o querido da minha mocidade na proporção da repugnancia que tivesse pelo marido imposto violentamente como um flagello. E um dia, se o acaso, a fatalidade, a vontade, que sei eu! me collocasse em

frente de Wladimir, eu me engolpharia na paixão como n'um abysmo. Havia de amal-o á medida das torturas que por amor d'elle houvesse soffrido. Vingar-me-hia da velhice do esposo no calor juvenil do amante! Se não pude desfolhar-lhe no seio a corôa de esposa, dar-lhe-hia todas as virgindades da minha alma, florescidas a um raio dos seus olhos... Os casamentos semelhantes a este que o pai me aconselha, são o primeiro passo para o adulterio; mas eu não sou d'aquellas que o premeditam: a mentira horrorisa-me. Se eu cazar com outro homem, heide fatalmente trahil-o. O coração é vingativo. O coração detesta o juizo, rompe os obstaculos, o jugo fomenta desejos de quebrar a fronte mas não de a curvar. Compete-me a mim dizer-lhe isto? Nem pensal-o devia! São palavras que me queimam os labios como lufadas ardentes de tempestade. Quero ficar o que sou: não me aconselhe o precipicio cazando-me com Radzwil. Não pense em tal. Os beijos d'elle far-me-hiam morrer de vergonha e tedio! O odio ao marido impelle para o amante... Não queira que a sua filha se degrade.

—A sua educação será bastante a defendel-a.

—Não é. Fraco estorvo é a modestia contra a violencia do amor! Que monta que a bocca se calle quando fallam os olhos? Que importa que os olhos se baixem, se o coração palpita? Juro-lhe que serei indigna esposa, se o conde fôr meu marido.

O juiz passeiava agitadamente na sala. Empallidecia-lhe a face, fulminavam-lhe ameaças os olhos; não fallava; mas a violencia dos tregeitos dizia mais que longos discursos.

Vanda comprehendia que a sua sorte ia ser decidi-

da immutavelmente. E com os braços cruzados, encostada á parede, immovel como estatua, esperava resignada a condemnação.

Finalmente o pai arremetteu para ella, e bradou vibrante de colera:

—Tudo o que ahi disse é uma loucura.

—Pois seja; estou louca.

—Os mentecaptos encarceram-se.

—Pois encarcere-me.

—Recusa cazar com o conde?

—Recuso.

—Obstina-se na sua paixão por Wladimir?

—Sou inalteravel.

—Disse ahi ha pouco que nem juiz nem verdugo de tortura podem arrancar um sentimento d'alma. Confessou que sería adultera, se cazasse com homem que não seja o da sua paixão?

—Serei adultera.

—N'esse caso será adultera para com Deus, porque ámanhã de madrugada entra n'um convento.

—Falta-me a vocação religiosa, meu pai.

—Bem sei.

—E' um carcere desfarçado a que me condemna.

—Voluntario quanto á sua duração.

—De que depende?

—Do seu consentimento a cazar com o conde.

—Tenho a optar entre a desgraça e a infamia.

—Entre a obediencia e a rebellião.

—Meu pai, sabe — replicou Vanda após uma curta pausa — o que são as cazas-matas na Russia; conhece os padecimentos das galés da Siberia; leu nos livros his-

toricos e nas memorias dos carrascos as descripções dos supplicios d'outro tempo; sondou os mysterios da inquisição; e como legista e viajante sabe o que é o *capacete do silencio,* e o *beijo da virgem,* e outros refinamentos de crueldade...

—Sei.

—Sabe o que é um convento?

E ella disse isto com um tremor de voz que retransiu o juiz. Todavia, como elle se não queria deixar vencer na lucta, respondeu:

—Um convento é uma caza cercada de muro tão alto que os amantes não vingam transpol-o; tão espesso que as suas lamurias e estribilhos de guitarras não o penetram. O convento é a mansão da paz e socego. Ha ahi um silencio que refrigera as almas abrazadas; a presença das virgens do Senhor faz corar de pejo as donzellas amoriscadas; o cantar dos psalmos, a vida frugal, a insulação d'esses oasis perdidos no dezerto humano para que n'alguma parte se conserve a celestial pureza, o fervor divino, emfim, exercem poderes que lentamente acalmam, ineffavelmente consolativos. Lá, os corações irritados dulcificam-se; as frontes incendidas esfriam; as mãos nervosas ajuntam-se supplicantes, e os labios, que vociferavam palavras rebeldes, balbuciam confissões humildes... Quem lá entra de fronte soberba, e alma tempestuosa de paixões, sahe alfim resignada ao viver qual elle é n'este mundo, disprendida de chimeras, digna da vista de Deus e da ternura d'um pai.

E Vanda redarguiu placidamente:

—A sua definição não me convence, pai... Cêdo á força, e vou para o convento. Prefiro uma cella algida,

penitencia, mortificação, tudo a um palacio explendido, ao marido execrado! Mas meu pai vê os conventos atravez de illusão estranha... E' certo que reina lá o silencio; mas quem sabe de que lagrimas elle se faz... O muro é espesso, e ninguem o devassa... Quem lhe disse a profundeza das cellas e dos carceres..? Ah! eu creio que ha ahi o sepulchro em vida!

O juiz Zolpki baixou a fronte, absorto em penoso sentir. Estremeceu, correu a mão pela testa, e disse com um rumor quasi inintelligivel de voz:

—Ahi socega-se, eu t'o affirmo, Vanda... Meninas formosas e amantes com tu, lá viveram...

—E nunca desejaram de lá sahir, meu pai?

A tal pergunta, accentuada morosamente, o juiz não respondeu. Vibrou aos olhos da filha um olhar escrutador como quem sonda o alcance das palavras. Mas o gesto de Vanda denunciou apenas dôr enorme e o que quer que fosse heroico.

Recusando esposar o conde Radzwil, Vanda conformava-se ao existir das torturas lentas, immolava-se ao amor sincero, palpitante, ao amor que a si sómente se contempla, e a si sómente se está sempre devorando. Era paixão que a ensoberbecia e amparava. Tão timida no mais, era espantosa de ver-se arrostar com a força da ternura as iras do pai, e sob pôr á sua paixão as mesquinhas considerações do juiz.

E esperava.

Mas o magistrado, em cuja alma, Vanda, sem o cogitar, emborrascara um escarceu de lembranças pungentes, nem parecia pensar n'ella.

Vanda tornou com amargura:

—Meu pai teve em sua vida terriveis missões a cumprir; muitos réos compareceram em sua presença para darem conta de assassinios, roubos, e infamias. Creio que nunca infligiu castigo aos innocentes. Aqui estou eu para que me julgue. Não tenho quem me defenda... Minha mãe é morta... morreu, pedindo-lhe que me fizesse feliz. Condemne-me, sentenceie-me á tortura lenta do mosteiro. Estou tranquilla, resignada, prompta!

—Estará lá até ao dia em que resolver cazar com o conde.

—Nunca de lá sahirei... ir-me-hei definhando debaixo do véo... Em silencio me irei matando... as macerações me irão dilacerando lentamente o corpo... Bem! quando vou?

—A'manhã cedo.

—Não quer que eu vá já?

—Aproveite a noute para reflectir.

—As minhas noutes quero-as lá todas.

—Que convento escolhe, Vanda?

—O mais austero.

—Com que então...

—O mais austero deve ser o mais sancto e perfeito. Ouço fallar muito das carmelitas descalças. Vou para lá, se consente.

—Não!—exclamou Zolpki—para ahi não. Ahi não se pensa: soffre-se.

—Se o pai me quizesse feliz, não me enviava a claustro nenhum, que basta a palavra para me atormentar... Consinto em viver n'esta casa sosinha, segregada de tudo, fechada, sem vêr ninguem, sem receber ninguem... Acha que seria conceder-me muito? Pois como

queira. Mas, ao menos, se me prohibe viver, não me tire a possibilidade de morrer.

O juiz não pôde encarar a filha, quando respondeu seccamente:

—Póde entrar hoje mesmo no carmelo.

A menina saudou profundamente o pai e sahiu.

Quando ella transpunha o limiar da porta, o escudeiro do pai entrava no gabinete, com uma bandeja de prata. N'esta bandeja trazia uma carta lacrada de preto. O sinete era sinistro: um crescente sobre fundo de prata e uma cabeça de morto sobranceira ao crescente.

O juiz reparou na carta, mandou sahir o creado, e hesitou antes de quebrar o lacre. Todos temos experimentado momentos de torvação perplexa durante os quaes nos parece que em nossa vida arfa um vulcão de imprevistas desgraças. Como que prescutamos ali o destino, vêmo-l'o, palpamo'l-o. Se podessemos, cerrariamos os olhos á ourela de golphão; mas não ha vencer o abysmo: é forçoso que nos despenhemos.

Zolpki rasgou o sobrescripto e procurou a assignatura de quem escrevêra a carta.

Não a tinha.

«Carta anonyma!»—disse elle com despreso.

Ía rasgal-a e queimal-a; mas susteve-se, e reflectiu:

«Um particular não deixaria de a lêr; e o juiz tem talvez necessidade de saber o que está aqui.»

Leu algumas linhas, poz a carta na meza e ficou oppresso por violenta dôr, a ponto de turbar-se-lhe a vista, tremerem-lhe as mãos e porejar-lhe o suor á fronte.

«Oh!—exclamou elle—não é, não póde ser isto... Zombam da minha credulidade como juiz, e torturam-me

o coração como homem... Como! após vinte annos de silencio, vinte annos! não de esquecimento mas de paz, ha quem atire este nome contra o meu coração... A mim, pai de familias, ha ahi quem recorde a memoria da grande paixão da minha mocidade... Por que? Com que fim? Que significação tem isto?.. Será Wladimir que emprega tal expediente para impedir que eu recolha minha filha ao convento? Que miseravel fraude! Talvez que Vanda o prevenisse... e lhe dissesse... mas ella nada sabe! Quem ousaria contar-lhe a primeira inclinação de seu pai? Minha propria mulher nunca a desconfiou... Tenho pois algum feroz inimigo que bate em meu velho coração a ver se lhe tira sangue e lagrimas? Pois bem! seja assim! Eis-me soffrendo! Não ha remecher impunemente em taes cinzas sem que os dedos se queimem nas mal extinctas brazas... Tem este nome para mim as vibrações d'uma harmonia, o arquejar d'um soluço... Amei-a! E ella amou-me!.. Por não ser infiel ao seu amor antes quiz a lenta morte e não a vida que outras mulheres invejariam. O' amiga tantos annos adorada, e tão longo tempo chorada, eu nunca pude esquecer-te!... Quem poderia escrever esta carta? Quem conhece ou recorda a antiga historia dos nossos amores infantis? Apenas duas testemunhas, dois amigos, que podem cada dia fallar da minha primeira noiva... Quem escreveu isto conhece o presente, mas o passado não. Não invoca reminiscencias amorosas: dirige-se á minha justiça de magistrado! Não me diz: «Recorda-te». Exclama: «Vinga! Salva uma desditosa cuja miseria todos ignoram excepto eu...» Se todavia o que esta carta diz fosse verdade... Quem sabe? Eu attribuia á malquerença as sombrias noticias que me

davam a tal respeito... Não podia crêr... figurava-se-me que taes infamias se perdiam na escuridão da idade media... Mas se o seculo caminha, os mosteiros são immoveis... Ha entes que não marcham nunca... São mortos... E que aconteça isto em Cracovia no seculo dezanove, em plena civilisação, é impossivel!

O magistrado retomou a carta e seguiu a leitura interrompida. Ao passo que hia lendo, luz terrivel lhe escaldava os olhos, e, quando a terminou, rompeu n'estes brados desvairados:

«Isto é assim! Existe o crime! Dura a atrocidade ha vinte annos! Ha vinte annos que tão perto de mim agonisa a mulher que amei, e ninguem me revelou o seu martyrio, quando eu a julgava no repouso do céo, quando os seus gritos desesperados em vão me chamavam a soccorrel-a!.. Heide salval-a! Eu decifrarei este espantoso enygma, o juiz vingará a martyr, e ai d'aquellas que torturaram a mulher que amei!»

Zolpki atirou-se a um sophá e ahi ficou com a face apertada nas mãos.

O rodar d'uma carruagem que se affastava revocou-o subitamente á realidade.

Chamando um creado, perguntou-lhe com a voz vibrante de viva angustia:

«Dize a minha filha que venha aqui já.»

—Meu amo não ignora que a menina partiu.

—Partiu? Já?

—E a menina mandou ao cocheiro que a conduzisse ao convento das carmelitas descalças.

—Corre atraz da sege... Ou vai antes buscar uma, que irei eu mesmo.

—A senhora já vai muito longe; meu amo não iria a tempo, e acharia fechadas as portas que não se abrem a ninguem.

—É certo!—balbuciou o juiz.

—D'aqui a algumas horas póde v. ex.ª procurar a menina.

Zolpki apertou a fronte convulsamente exclamando: «Esperar! é impossivel esperar!

—V. ex.ª tem ordens que me dar? — perguntou o creado.

—Não, retira-te.

O magistrado a só parecia presa de immensa dôr. Passeiava, retinha-se, vociferava rugidos inarticulados, chamava a filha, e proferia o nome d'outra mulher.

«Eis aqui onde eu mandei minha filha—murmurava elle.—O que eu hia fazer de Vanda, d'aquella adoravel creança, tão sómente criminosa por amar um homem pobre... Se a outra, a nobre martyr me não preferisse a tudo, estaria ella n'aquelle antecipado tumulo... Ah! como as horas se arrastam lentas! Quando será dia? Receio que estas palpitações de coração me matem antes de ter feito justiça! Quanta razão não tinha contra mim a pobre menina, espantada de que eu a encerrasse n'um claustro!... Esta denuncia fatal e abençoada salvará duas victimas ao mesmo tempo».

Zolpki retomou a carta, e leu-a em alta voz.

Continha isto:

«Senhor.

«Venho revelar, denunciar a um dos mais integros «magistrados de Cracovia, um facto de sequestração «odiosa que dura ha vinte annos. Uma religiosa carme-

«lita, Barbara Ubryk, entrada no convento em 1841,
«está, desde 1848, fechada não em um cubiculo, nem
«sequer n'um carcere, mas n'um antro infecto onde não
«entra ar nem luz. Que crime tem Barbara Ubryk? Nin-
«guem sabe; só eu talvez conheço o monstruoso facto,
«e em nome da justiça e da humanidade lhe rogo que
«soccorra uma desgraçada que já não espera auxilio dos
«homens, e que talvez já perdesse tambem a confiança
«em Deus».

Ao terminar a carta, Zolpki ajoelhara collando os labios sobre o nome de Barbara.

E clamava:

«Foi por mim que ella tanto ha padecido, e se perdeu! Se necessario fôr alarmar toda a cidade, e derribar pedra a pedra esse convento infame, e atirar á face da soberania espiritual do papa o crime perpetrado em nome da religião da paz, heide vencer... Entrarei em nome da lei nos claustros, e arrancarei das prisões mysteriosas as victimas que lá gemem! O nome de Barbara soará na Europa, como invocação a um castigo justo. E dirá a todas e a todos que a lei tem direito de fiscalisar essas mansões aferrolhadas pelo arbitrio! E o martyrio de uma só talvez que salve milhares de victimas.»

E o tempo arrastava-se com desesperador vagar. Repontou emfim o dia. Zolpki, antecipando-se á hora das visitas e das occupações, devorado de angustiosos sobresaltos, sahiu e correu a casa do commissario Pamza.

II

UMA CASA MURADA

ESTAVA no escriptorio o commissario. Dotado de indole energica, recta, forte e perseverante, o chefe da policia prestava á sociedade não só os serviços proprios de seu emprego e attribuições, senão que exercia o seu mister captivando de mil maneiras. Um commissario de policia é mais e menos que um magistrado criminal. O juiz sentenceia sobre factos, o commissario illucida-os, desembaraça-os, aproveita apparencias insignificantes, deduzindo d'ellas optimas illações. Cumpre-lhe possuir em grau supremo a faculdade de avaliar os homens; sendo que o magistrado acha quasi feita a prova, preparada pelo commissario.

Um lucta sómente contra os argumentos, o outro sacrifica-se pessoalmente muitas vezes. Pamza possuia

as qualidades necessarias ao seu emprego; mas de mais d'isto era dotado de rectidão natural, e instincto generoso e delicado. Mais d'uma familia de Cracovia lhe devia a honra dos filhos. E' que elle exercia a auctoridade de seu officio cortando abusos que não denunciava. A's vezes com uma palavra retinha um mancebo já pendido ao abysmo. As raparigas impellidas á voragem por um lapso, e ameaçadas de cahirem seduzidas nos braços da devassidão, achavam n'elle recursos em premio do seu trabalho, e com o arrependimento restauravam a dignidade perdida. Porém, se os crimes eram friamente commettidos, a indulgencia tornava-se excessiva severidade. Aos olhos d'elle a paixão desculpava muito. Mas o crime feito por amor ao mal, a vingança premeditada, a peçonha lentamente instillada, o rancor surdo desfechando no homicidio, eram crimes que não perdoava. Amavam-no e temiam-no. Ser justiceiro era para elle paixão em vez de officio; todavia usava e não abusava da justiça.

Desde muito o conhecia o juiz Zolpki; e quando a carta anonyma, delatando o encarceramento de Barbara emfim o convenceu, toda a sua esperança se fixou no commissario.

Ao entrar no gabinete d'elle, tremia tanto e tão pallido ia que Pamza lhe chegou cadeira perguntando-lhe com a voz commovida:

—Que é o que o perturba?

Zolpki mostrou-lhe a carta.

Pamza leu de espaço, sem a menor visagem. Depois, disse a Zolpki:

—Esta Barbara Ubryk não é uma que v. ex.ª amou apaixonadamente?

—E'.

—Se me não falha a memoria, esta menina foi mandada ao convento pela familia que o não considerou rico bastante para ser marido d'ella.

—E' verdade.

—Em 1841 soaram em Cracovia estranhos rumores a respeito d'esta mesma senhora: disse-se que v. ex.ª viera a esta cidade e diligenciava arrancar a menina do convento.

—Assim foi.

—Uma patrulha impediu a execução do projecto... mas não houve procedimento. A tentativa de rapto ficou abafada em misterio tão importante ao interesse de Barbara, como ao interesse do snr. Zolpki e da sua familia... Depois...

—Cazei-me, e o senhor sabe qual a minha vida tem sido.

—Não suspeita que alguem lhe désse este aviso?

—Não.

—Examinemos, replicou o commissario. A carta está escripta em optimo papel, compacto, um verdadeiro papel inglez... Logo quem quer que lhe escreveu é abastado... O caracter da lettra é redondo, largo e grande... e a margem enorme... O auctor da carta denota generosidade e excellente natureza. Phrase breve e laconica... O auctor desculpa-se de empregar tal meio para lhe transmittir a verdade..: logo receia prejudicar alguem... O segredo não é só d'elle... Movido por amor á justiça denuncia factos que sabe; mas sem duvida, se nos dissesse o nome levar-nos-hia no incalço de culpado que elle não quer denunciar... E' talvez parente ou amigo... Alguma

vez acharemos o auctor d'esta carta; e n'este rasto vingaremos descobrir o nome de quem quer que seja que elle não quiz expôr revelando-se completamente... Seja como fôr, esta revelação merece credito.

—Eu logo antevi que a desgraçada seria salva, se me eu valesse do snr. commissario!—Exclamou Zolpki.

—Devagar — replicou tristemente Pamza — estamos na vereda... entrevemos o crime, sabemos onde se pratica, conhecemos os algozes e a victima, e, com tudo, quem nos diz que poderemos livrar uma e castigar os outros?

—A justiça.

—Justiça humana, que prepondera em tudo e em todos, salvante as ungidas do Senhor, inclauzuradas nos seus muros, e ligadas por votos... Vai instaurar-se pleito entre nós e as carmelitas. A lei estaca no limiar da portaria; que o antigo direito de couto subsiste nos mosteiros. Não está em minhas attribuições levar aguazis e tropa, intimar a prelada a abrir as portas, ou, em ultimo apuro, arrombal-as... O meu mandato é inefficaz contra as ordens monasticas. Disponho da força contra toda a gente; mas lei e força não tem que ver contra pessoas ecclesiasticas. Vivem vida á parte do commum; teem legislação propria, castigos e supplicios particularissimos, bem vê v. ex.ª

—Mas isso é infame! bradou o juiz.

—Diga-o aos signatarios da concordata.

—Então... nada póde fazer-se? nada?

—Resta-nos uma esperança.

—Qual?

—Recorrer ao bispo.

—O bispo não punirá freiras.

—Por que não, se é justo?

—Receiará desacreditar a religião.

—Receiaria uma inepcia—disse gravemente o commissario. — A religião é irresponsavel de taes abusos e cruesas. A religião, apezar d'isso, não deixará de ser o codigo da mais pura moral. Intendem-na mal, forçam-lhe o sentido, desfiguram-na. Dizem que a purificam, e tornam-a indigna do Mestre que a implantou na terra, dulcissima de caridade e inoffensiva. O bispo tem pleno poder sobre os mosteiros de sua diocese: basta que elle ordene, e as portas ser-nos-hão franqueadas.

—Vamos então lá já.

—Vamos. Eu por mim sou a lei brutal que baixa a mão sobre o hombro do criminoso; v. ex.ª é a justiça que interroga, discute e senteneeia. Talvez que Barbara esteja nas vascas da morte. Levemos comnosco o doutor Blumenstock... Vamos de carro a casa d'elle, e depois ao paço episcopal.

—O snr. não sabe tudo ainda, — disse o juiz suspirando. — Hontem á noute, em momentos de irritação contra minha filha, dei-lhe a escolher entre casar com o conde Radzwil ou entrar nas carmelitas.

—E ella escolheu...

—O convento, para onde foi logo.

—A'manhã, permitta v. ex.ª a sua filha plena liberdade. Não lhe basta na vida uma desgraça?

Pouco depois, juiz, commissario e doutor compareciam no paço do bispo, com agentes que os seguiam distantes. O famulo de monsenhor Galecki objectou de-

balde que era aquella a hora de sua excellencia estar meditando. O commissario insistiu em fallar-lhe immediatamente e acrescentou:

—Monsenhor depois de orar que faz?

—Diz missa.

—Não podemos esperar.

—Se é caso reservado...—balbuciou o famulo, sahindo ás recuadas.

O bispo veio logo.

E o juiz disse o seguinte:

—Monsenhor, a nossa authoridade succumbe hoje diante d'uma porta que precisamos abrir.... Fui avisado de que uma freira é detida ha vinte annos no tronco do convento das carmelitas. Queremos salvar a desgraçada presa, interrogar e castigar aquellas que exercem o mister de verdugas.

—E' impossivel o que me diz!—clamou o bispo.—As religiosas do Carmo vivem edificantemente austeras. O seu capellão não cessa de nos elogiar a pontualidade, modestia e zelo com que vivem.

—Quem sabe se o capellão não é cumplice d'ellas? —Observou o chefe de policia.

—Permitta Deus que se enganem, senhores; mas eu toda a vida me reprehenderia se atravancasse a acção da justiça, e estorvasse o cumprimento d'um acto de reparação. Entrem, pois, quando quizerem no convento das carmelitas, e para isso lhes vou dar plena authorisação. Não posso agora acompanhal-os, por que está cheia a capella episcopal de fieis que me esperam: são horas de celebrar o sancto sacrificio da missa. Mas antes que hajam concluido a sua visita, irei encontral-os, ou

para, como espero, lhes ouvir rehabilitar as religiosas, ou para me coadjuvarem no castigo, se ellas o merecerem. Não sou d'esses prelados que creem na impeccabilidade de todos os membros do seu rebanho. Temos ministros prevaricadores, padres indignos, e servos do Senhor que mancham a castidade do habito. Ha no clero de hoje, como no do tempo do Messias, lobos vestidos com a pelle dos cordeiros, e vêmos sepulchros branqueados por fóra pelo menos tanto como entre os phariseus. Creio até que darei bom exemplo aos meus collegas no episcopado, se conseguir desarraigar abusos deploraveis e horrendissimas crueldades.

Monsenhor Galecki escreveu rapidamente uma ordem a favor dos magistrados investidos em commissão judicial para que todas as portas do mosteiro das carmelitas se lhes franqueassem por maneira que elles o examinassem como quizessem. Feito isto, sellou a ordem com as suas armas, e entregou-a ao commissario da policia.

Os guardas esperavam na ante-camara. Commissario, juiz e medico entraram n'uma sege, e chamaram dois dos mais recommendaveis cidadãos para que os acompanhassem. Depois um guarda entrou na officina d'um serralheiro, disse-lhe que se apetrechasse com os melhores utensilios do seu officio, e o seguisse.

Um quarto de hora passado, Zolpki e companheiros entravam no arrabalde de Werola, onde está o mosteiro de carmelitas descalças de Santa Thereza, ahi fundado em 1725.

Zolpki fugira sempre de atravessar esse arrabalde e defrontar-se com tal convento. Havia muitos annos que

ella não vira aquella sombria porta. Ao vêl-a, agora, lembrou-lhe uma scena nocturna, cujas reminiscencias muitas vezes lhe deram n'alma rebates dolorosos. Quando viu os alterosos muros do carrancudo mosteiro, ao juiz afigurou-se Barbara Ubrik tal qual a vira na ultima vez que se encontraram, elle, arquejante de esperança, ella tremente de pavor... Um instante a tivera nos braços, então, crendo que ella era sua por toda a vida... Mas, de subito, as grossas portadas fecharam-se com estrondo, e ella ficou... e ficou para sempre. Agora... ia vêl-a... vêr-lhe a sombra... Vinte annos volvidos por aquella face formosa, deviam têl-a desfigurado! Vinte annos deviam ter-lhe encanecido as tranças d'oiro, tão admiradas outr'ora! Vinte annos mais, e vividos assim!

Isto passava no intimo de Zolpki, em quanto se esperava que a porta fosse aberta.

Finalmente, mão invisivel abriu um postigo, e, atravez do crivo de ferro aberto em cruz na portada, transluziu a figura d'uma irmãa conversa. Era pallido e comprido o rosto d'ella; olhos orlados e reconcavos; bocca franzida nos cantos dos beiços. Fallava baixo por habito e preceito.

—Que querem os senhores? perguntou ella.

—Queremos fallar á prelada.

—A reverenda prioresa está a orar na sua cella.

—Que saia a receber-nos.

—Os senhores de certo ignoram—voltou a soror—que nenhum homem transpõe o limiar d'esta casa. E o medico, sahindo á frente, disse:

—Sou o doutor Blumenstock, e n'esta casa está uma religiosa doente.

—Nenhuma de minhas irmãs está enferma.

—Nem Barbara Ubrik?

—Não ha aqui freira com tal nome.

—Ha vinte oito annos que aqui entrou—disse Zolpki.

—Queira desculpar-me—negou a porteira—eu sou uma pobre creatura que nada sabe... Nossa reverenda madre é que conhece o nome profano das freiras... eu sei apenas o nome religioso que os senhores nomeam Barbara Ubrik.

—Tanto monta!—replicou o commissario—queremos entrar e entraremos. Vá prevenir a prioreza.

—E' inutil—redarguiu a soror lenta e docemente—homens não entram aqui, tirante sua magestade o imperador e o nosso sancto bispo.

—Ou os enviados pelo bispo—disse o doutor.

—Isso então sim—concordou a porteira.

Zolpki sentia arder em si violenta colera, e aldravou de novo com o pezado martello na porta.

—Abra!—exclamou elle—abra em nome da lei!

—Nós só conhecemos como lei a nossa sancta regra.

—Em nome do bispo, seu superior, que me enviou aqui!

—Traz ordem?—perguntou a soror.

Zolpki tirou-a da algibeira, e deu-lh'a. A velha porteira examinou-a, e, reconhecendo o sello episcopal, disse:

—Esperem que eu vou avisar a prioreza.

O rumor das saudalias da soror ouvía-se ao longo do lagêdo até gradualmente se perder.

Ao cabo de dez minutos, a porta rugiu nos gonzos, e a porteira á frente da alçada judiciaria, fez signal aos membros d'ella que a seguissem a um locutorio.

— A prelada vem aqui—disse ella.

O locutorio era vasto, desmobilado, apenas decorado de bancos ao longo das paredes, e d'um relicario enorme envidraçado, contendo um cadaver sem cabeça de monge mumificado. Lugubres textos, á laia de frizos, corriam ao longo do rebordo do tecto. Um Christo de tamanho natural esculpido com severidade quasi feroz, levantava os braços hirtos e sanguentados, e pendia a cabeça, pintalgada de sangue roixo, sobre a espadua ulcerada. Era verdadeiramente um suppliciado; mas, em verdade, aquella imagem, não representava um Deus! A bocca estorcida pela angustia parecia cuspir maldições; o olhar convulsivo pedia a fulminação dos verdugos, os pés esforçavam-se em escabujar de agonias para se arrancarem aos cravos que os esfacellavam. Esta imagem da morte horrida, medonha, sem consolação, com a esponja de fel, corôa de espinhos, beijo perfido, e multidão enfuriada, era realmente hedionda de vêr-se! Seria aquelle o Christo que chamava para si as criancinhas, e rehabilitava mulheres perdidas, e saneava enfermos, e dava a visão do céo aos cegos, e desalojava dos corpos a sordicia dos demonios? Não. O Jesus dos Evangelhos foi julgado indulgente e dulcissimo pelos successores dos seus discipulos... Vieram outros que converteram dogmas de ternura em religião de pavores. Ao serviço de suas ambições secretas, dos seus odios entranhados, ou por necessidade de infligirem aos outros os soffrimentos que passaram, pozeram o redemptor, arvorando-o em mestre severo, trocando-lhe a missão de Messias pela de juiz, e a de Jesus pela de inquisidor.

Mas aquella imagem condizia com a casa.

A porteira quedou-se á entrada da salêta. Lia-se-lhe na fronte a rebellião suffocada. Não intendia o que taes homens ali vinham fazer. Com que direito invadiam um convento? Esses Heliodoros profanadores do pavimento sancto que pretendiam? O que seria do claustro sacratissimo, se aos magistrados—coisa inaudita!—bastára bater nas portas dos mosteiros, para lhes serem abertas!

A porteira era uma pobre mulher completamente abrutecida pela obediencia absoluta. Sabia sómente d'esta vida que as ordens da prioreza eram leis, e que a sua sancta regra subvertia todas as instituições. Desprezava homens e mulheres que não pertencessem a Deus. O habito era para ella um trajar de bem-aventurada, como quem, no dia final, esperava vêl-o transformado em tunica de resplendores perpetuos. Não havia ahi discutir com tal pessoa: era mulher morta dentro de si propria, maquina movida por mão alheia. Faculdades de pensar não tinha nenhuma. Não é admissivel crer que nos mosteiros se consinta a cada freira licença de reflectir, meditar, exercitar os dons do intendimento. Esta privação é prerogativa das religiosas estremecidas, das dilectas que Deus chama ás altas paragens da perfeição, das ovelhas predestinadas que devem pascer-se nos uberrimos almargeaes onde serpenteam regatos de leite e mel. A propria iniciação á oração mental, ao culto do espirito, ao arrobo d'alma, se faz gradualmente, como se usava nos mysterios antigos, cujos véos se levantavam pouco e pouco para emfim deixarem entrever, na sua radiosa nudez, a deusa ou deus aquem se devotava o idolatra.

As freiras, semelhantes á porteira, recitavam jaculatorias de cór. D'esta sorte, cingia-lhes o animo um cir-

culo restricto, d'onde não se extraviava a minima idéa. Bastava vêl-as para logo se perceber que a vontade lhes era subjugada por outra, que lh'a comprimia e apagava. Taes mulheres, como as femeas dos fakirs indiaticos, soffreriam a tortura, sem proferirem grito que não fosse o *Ave* de cada dia.

A toada d'um andar compassado se ouviu no locutorio. A porteira recuou, prostrou-se e murmurou:

—A nossa reverenda madre.

Maria Wenzyk appareceu.

Não era decerto mulher vulgar. Fronte intelligente e imperiosa; olhos não desluzidos por macerações, coriscando como carvões sob as arcadas ciliares. Bocca retrahida e austera, desdenhosa no franzir dos labios, e voluptuosa na carnadura d'elles. Esta mulher devia ser de extremos em tudo. Se amou, o seu amor devia de ter sido ardente e sedento de selvagens volupias. Se odiou, o seu rancor devia ser glacialmente duradouro. Fulgia-lhe no olhar a lamina d'um punhal, e na bocca espumava-lhe o sensualismo d'uma Lais. Os cilios descidos conseguiriam esconder-lhe as fulgurações dos olhos; mas o que ella não podia era dissimular a lubricidade dos labios.

Ao entrar na saleta, fréchou uma vista indagadora sobre os que ahi viu. Cumpria-lhe medir a força do inimigo. Após rapido exame, abaixou o véo, ficando a espiar ainda, sem que lhe vissem os olhos; depois, cruzando ambas as mãos nas amplas mangas, disse laconicamente:

—Trazem os senhores ordem do bispo para vizitar esta caza: podem dizer-me o que querem?

—Duas coisas, senhora — disse Zolpki — Primeira, levar d'aqui minha filha.

—Eu pensei que ella entrára com o seu consentimento. Descance: ser-lhe-ha entregue; e, não sendo ella ainda noviça nem protestante, póde sahir já... Magoa-me que v. ex.ª recorresse á authoridade para objecto tão simples!

E a prelada fez signal de retirar-se.

—Eu disse, senhora, que queria outra coisa. Reclamo em nome da justiça que faça chamar á nossa presença Barbara Ubrik que professou n'esta casa em 1840.

—Barbara Ubrik rendeu o espirito a Deus ha quinze annos.

—Quem m'o prova?

—Eu que o affirmo. Temos um cemiterio onde são enterradas nossas irmãs, sem advertir a authoridade nem recorrer a gente de fóra.

—E só me dá a sua affirmação como prova de que Barbara é morta?

—Creio que lhe basta, senhor.

—Não basta. A senhora affirma, eu nego. A senhora occulta, eu procurarei.

—Tenciona entrar no interior d'esta casa?

—Demolil-a, se preciso fôr.

—E o bispo?

—O bispo approva, e não tardará a vir auxiliar-me.

A prelada ficou confusa por instantes; mas, reanimando-se, dirigiu-se á porteira:

—As chaves, minha irmã; e conduza esses senhores aonde elles quizerem ir. Querem que eu os acompanhe?

—Decerto—respondeu Pamza.

—Como queira—disse ella.

E serena, rigida, caminhou á frente do commissario, do juiz e do medico. E, como visse uma noviça, chamou-a.

—Minha filha, as religiosas que se ajuntem no côro; eu farei tanger o sino quando houverem de sahir.

Começou a visita.

Os cenobios vasios de suas moradoras não offereciam nada que ver. Uma taboa ingonçada na parede coberta pela enxerga era o leito das carmelitas. Sobre uma banqueta via-se um livro, a caveira e o crucifixo. Um escano de páo e lavatorio de barro completavam a mobilia. Nada que convidasse ao repousar, ao scismar e á indolencia. O frio das cellas retransia o coração; sentiam-se calefrios ao entrar ali. Eram todas uma. Todo o rebanho se movia tangido pela mesma vara.

Abriam as cellas para um vasto corredor. Em cada porta via-se a imagem do sancto ou sancta cujo nome apadrinhava as freiras. O nome com que sahiram de suas familias esquecera, fôra absorvido no outro. Com renunciarem ao seculo, haviam tambem abjurado nome de mãe, de pai e de irmãos: era mister que tudo se renovasse, que tudo morresse para renascer sob outro aspecto.

Nenhuma d'essas portas tinha chave, para que a toda hora a prelada e mestra de noviças inspecionassem o dormir de suas filhas em Jesus Christo.

O refeitorio, situado na extrema d'esse corredor, não offerecia feição notavel. Uma ingente banca de madeira occupava o centro; e bancos adherentes á mesa cor-

riam circularmente. O eido de cada freira era assignalado por um garfo de ferro, uma escudela de páo e bilha de barro. A caveira sobre uma peanha, e um pulpito, destinado á noviça que lia, completavam as alfaias do refeitorio.

O salão da communidade era grande e glacial. Ao longo da parede enfileiravam-se cadeiras, e ao centro bancas cobertas de cestinhos com lavores de costura indicando que esta sala era ao mesmo tempo officina de costura e bastidor. Passado um largo corredor, visitaram a lavanderia e rouparia. Ao passarem por diante d'uma grande porta, o commissario parou, a tempo que a porteira lançava de esconso um olhar á prelada. As janellas d'esta casa estavam hermeticamente fechadas: fez-se mister recorrer ao serralheiro para abrir uma. Só depois de arrancar uma espessa almofada—que não só impedia a entrada da luz, mas bastaria a abafar gemidos—conseguiram abril-a. Esta casa era abobadada á maneira de egreja. Um lampadario de ferro pendido ao centro devia espargir claridade lugubre na immensidade do recinto. De cada lado da lampada, umas correias de couro, suspensas do tecto, sustinham pedras enormes, em bruto, que pareciam mosqueadas de nodoas escuras. Via-se ahi uma cruz encostada á parede. Duas golilhas correspondiam aos braços, e uma terceira, chumbada á pranchêta, era destinada aos pés. Causava horror este espectaculo! De que servia ali aquella cruz? Havia mais duas deitadas no pavimento. Na parede fronteira, pendurados em pregos, viam-se dois cilicios de malha de ferro, cada um com sua rosêta agudissima, umas palmilhas de ferro eriçado de cravos, e tambem uma corôa de espinhos

metallicos que deviam sangrar a testa que a cingisse. Depois, por ali, em confusa desordem, disciplinas com balas de chumbo, cingulos de coiro, flagellos de cordas nodosas, tudo quanto crudelissima phantasia podéra inventar para tortura.

—E existem coisas d'estas! — disse o commissario.

E Zolpky pensava comsigo:

Onde eu enviei minha filha!

—Como se chama este recinto?—perguntou Pamza.

—A penitenciaria—respondeu a prioreza.

—E estes instrumentos de tortura servem para suppliciar as desgraçadas mulheres?

—E' que nós fugimos ás delicias do mundo para abraçar a mortificação—explicou a prelada.

Zolpky quiz interrogal-a sobre o uso dos diversos instrumentos.

—O senhor está aqui para ver — disse ella — veja. O meu dever é facultar-lhe o exame; mas não de o iniciar na regra de nossa madre Santa Thereza.

O doutor enxergou uma portinha no angulo mais escuro da sala, e quedou-se ali esperando que a porteira abrisse; ella, porém, buscando debalde na cambada das chaves a que justasse á fechadura, voltou-se para a prioreza.

Maria Wenzyk tirou da algibeira uma chavinha e abriu a porta. Ao alumiar-se aquelle recinto, dir-se-hia que ao pé d'um antro de tortura resplandecia uma recamara elegante.

A quadra era pequena, decorada de estofos mais claros. Um leito, senão antes um diwan, occupava-a quasi toda. Sobre este leito via-se deitado um Christo morto,

obra prima de sculptura, primorosamente encarnado. Este não tinha o semblante terrifico do crucifixo do locutorio. Parece que os olhos d'esmalte lhe sorriam, os labios descerravam-se, os braços pendidos ao longo do tronco pareciam ter ainda a flexibilidade vital. Este Christo era um primor de arte. Nos cantos d'esta pequena camara, quatro caçoulas deviam vaporar fragrancias embriagantes. A lampada pendida do tecto semilhava uma ingente estrella, destinada a radiar um clarão pallido sobre a imagem do Christo adormecido.

Zolpky encarou a revezes a penitenciaria e aquella salêta sombria. Procurou o ponto de contacto das duas idéas que lhe pareciam tão oppostas e todavia tão ligadas, mas não o descobriu.

A madre porteira restituiu a chavinha á prioreza.

—Falta-lhes sómente visitar a egreja, senhores—disse Maria Wenzyk.

—Vamos.

A irmã conversa tangeu uma sineta, toada de alarma que fez foragir as freiras do côro, e logo os agentes da policia entraram.

A egreja do mosteiro tem dois chôros sobrepostos.

O primeiro, especie de crypta mortuaria, encerra quatro cadaveres visiveis, porque a tampa do sarcophago foi substituida por uma enorme lamina.

—E os subterraneos da egreja?—perguntou Pamza.

—Logo os verá, senhor. E' o local onde depositamos os esquifes de nossas irmãs, visto que a terra d'este convento não dissolve os corpos.

Da crypta passaram ás catacumbas.

O cirio da porteira alumiava a custo aquella escuri-

dão crassa e abafadora. Os tumulos alinhados em andares, chegando do pavimento ao tecto, exhalavam o fetido da morte. As catacumbas romanas não poderiam conter maior numero de ossadas. Quanto ao mais, nem nome, nem algum signal distinctivo. Os mortos que ahi dormiam, bem mortos eram para suas familias, que nem sequer lhes podiam guardar minima recordação.

Um dos jazigos, separado dos outros e de diversa dimensão, continha a mumia d'um homem! Espectaculo hediondo! Aquelle cadaver estava decapitado! Parece que o morto havia sido degollado.

Pamza, voltado para a prioreza, apontou-lhe aquelle tumulo.

—Ha duzentos annos que este cadaver aqui jaz—disse ella.—A historia d'elle é legendaria, e ninguem m'a soube contar.

Quando o juiz, o commissario e o doutor precorriam o subterraneo, disse-lhes Maria Wenzyk:

—Agora conhecem os senhores este convento tanto como eu.

Zolpky pegou da tocha que o doutor levava, e segunda vez a perpassou ao longo das paredes.

—Nada!—murmurava elle—nada!

Eis que de subito despede um grito: é que acabava de vêr duas fechaduras chumbadas na parede.

—Isto que é?—perguntou.

—Esta porta abre sobre um corredor.

—E o corredor?

—Vai dar aos esgotos.

—Abra!—disse o commissario á porteira.

—Esta porta nunca se abre—disse a prioreza.—

Não tenho a chave d'ella. Já disse o que isto era: ao fim do corredor está o cano dos despejos.

Zolpky chamou o serralheiro, e disse:

—Arrombe esta porta.

O artista observou attentamente a fechadura.

—Ella não está enferrujada—observou elle—não ha muito tempo que foi aberta.

A prelada tremeu ligeiramente, e encostou-se a um rebordo de sepultura.

A porta resistia, a fechadura era rija, o serralheiro com difficuldade venceu arrancal-a: saltou emfim. E logo, ao clarão fumacento da tocha, distinguiu-se uma escaleira sem rampa engolphando-se nas profundezas da terra como um parafuzo disforme.

Zolpky foi quem primeiro desceu, levando a tocha cuja flamma vasquejava carecida de ar.

Pamza e Blumenstock seguiram-no; e o artista após elles.

A prelada apertou a mão da porteira, e segredou-lhe:

—Trata de encobrir a porta... bem sabes...

A porteira fez um gesto imperceptivel, e as duas mulheres desappareceram cada qual por sua vez no antro.

Quando os vizitantes chegaram ao fundo da escada, acharam-se outra vez n'um corredor tenebroso, onde havia duas portas; uma abria sobre um esgoto pestilencial; a segunda estava encoberta pela porteira que obedecia á ordem secreta da prelada.

—Nada!—repetiu Zolpky—nada!

E, já descoroçoado, ia dar o signal da sahida, quan-

do um gemido, apenas perceptivel, pareceu ressoar n'esse mesmo corredor. Não era um grito, era um soluço, talvez o derradeiro estertor d'um agonisante.

—Abra isto!—bradou Pamza desviando de repellão a porteira — O gemido é d'este lado... aqui deve estar uma porta...

De feito, uma porta de ferro, baixa e estreita, appareceu de repente ao exame dos tres homens, e, outra vez, o serralheiro teve de arrombal-a.

Quando, porém, esta porta rondou nos gonzos, os tres homens recuaram. O que elles viram era coisa de si tão pavorosa, que lhes falleceu a coragem para encarar semelhante espectaculo!

III

O IN PACE (*)

No espaço de poucos pés quadrados, estava agachada, recurva sobre si mesma uma creatura talvez humana. Dizemos *talvez* porque a face contrahida pelo soffrimento revelava uma expressão medonha em que a loucura se confundia com a raiva. Os cabellos prematuramente enbranquecidos ondeavam-lhe desgrenhados sobre os hombros; alguns farrapos cobriam apenas a nudez da miseravel mulher. Cahiam-lhe os braços sobre os joe-

(*) *In pace.* Assim se designava antigamente o carcere perpetuo dos mosteiros, onde eram castigados os criminosos de enormes delictos. Este castigo era precedido de grandes e terribilissimas ceremonias. A mesma expressão, *in pace,* era applicada ás masmorras das prisões civis. Equivalia á eterna privação de liberdade.

N. do tradurt.

lhos retrahidos. Servia-lhe de leito alguma palha fetida. O unico postigo do carcere tinha sido ladrilhado. Nem ar, nem luz n'este tumulo: era o *in pace* da morte antes do trespasse. Nunca tão lugubre agonia ferira a vista do doutor Blumenstock; nunca o juiz Zolpki tinha visto nas prisões civis um criminoso tão deshumanamente tratado.

A presa, quando viu a luz do cirio, abriu os olhos offuscados e fechou-os subitamente.

Agitando-se violenta, ergueu-se hirta sobre o seu muladar, e exclamou: matem-me! matem-me d'uma só vez!

Depois, apontando com o braço descarnado contra a prelada, exclamou convulsa:

—Deus julgará Maria Wenzyk! Estou prompta a comparecer na presença d'elle! O meu inferno foi n'este mundo.

Fez uma pausa, expediu uma casquinada sinistra, e bateu as mãos descarnadas, clamando: Elle hade tornar, hade tornar aquelle que um dia quiz salvar-me... Ha vinte annos que o espero e elle hade vir trazer-me a liberdade, o dia e a luz. Oh! que frio eu tenho—murmurou ella tiritante. — Não apaguem a luz que me faz bem. Ha tanto tempo que não vejo o sol! E a luz é tão bonita!

E sem transição, a desgraçada fechou os dois punhos ameaçando as testemunhas d'esta scena.

E exclamava:

—Querem torturar-me... querem levar-me á penitenciaria... bem me lembro... as corôas de espinhos, o açoute, as dôres na cruz... e o capellão a escarnecer o meu supplicio! Perderam-me! Perderam-me e querem agora assassinar-me. Eu luctarei, eu me defenderei com as

unhas e com os dentes. Não se cheguem para mim. Eu não sou freira, não sou mulher, sou uma fera.

Um grito rouco rugiu na garganta contrahida da preza.

Zolpki, á custa d'um violento esforço, aproximou-se d'ella e disse:

—Barbara Ubryk...

A encarcerada cahiu de joelhos perguntando: Quem proferiu este nome? Quem se lembra d'elle? Barbara era o nome que me dava minha mãe, o nome que me dava o meu amado. Quem é que se lembra d'um nome que eu julgava esquecido de todos?

—Venho procural-a, Barbara, arrancal-a a este inferno.

—Não me enganem — murmurou ella com voz internecida—Se me querem matar, façam-no... facil é... aqui estou. Que supplicio não será preferivel a esta vida?

—Nós viemos a salval-a!—repetiu Zolpki—Em nome da lei e da justiça levante-se, que nós vamos amparal-a para sahir d'este carcere.

Pamza acercou-se da prelada e disse: «Dê cá o seu manto para cobrir aquella desgraçada.»

Só n'este momento, Barbara divisou a prelada; e então vibrando um grito estridente correu impetuosa para o fundo da masmorra, bradando:

—Mentem! querem enganar-me. A furia está ali, o supplicio está perto. Ah! sim, pois não saio, matem-me aqui, d'um golpe, por piedade! E' muito... morrer a pedaços!

—Em nome de Deus lhe juro que venho soccorrel-a —replicou Zolpki.

A preza não o acreditava. O relampago de razão, que parecia alumiar-lhe as palavras, apagara-se sob a impressão do terror. E ella agora chorava como uma creança, logo rugia ferozmente; e ás vezes cozida com a parede, livida e minacissima na sua immobilidade, estendendo os braços cadavericos, ameaçava os espectadores com as unhas agudas.

Ouviu-se do lado da escada rumor. O commissario deu alguns passos, e percebeu a luz de dois cirios.

O bispo, consoante promettera, chegava acompanhado de dois agentes.

A indignação impallidecera-o; nobre e sancta colera fuzilava-lhe na vista.

Cresceu para a prelada, e perguntou-lhe severamente:

—Isto é obra sua? E' assim que pratica a misericordia de Christo?

—Esta freira está alienada—respondeu Maria Wenzyk.—Rasga os vestidos, e só com a prisão podemos reprimil-a.

—Alienada!?—bradou o bispo.—Alienada! Sim, actualmente decerto; mas éstava-o ella quando a trouxeram para aqui? Então a senhora é juiza e algoz n'esta casa? Como? Uma freira, uma filha da mãe espiritual que a senhora devia ser d'estas religiosas, agonisa lentamente aqui por sua ordem?!.. E ousam chamar-se as esposas do Senhor! E atrevem-se a aproximarem-se dos sacramentos! A senhora merece ser fulminada por todos os raios da egreja, mas eu não sei que haja anathemas bastantes que a castiguem. Receio perder a razão se aqui estiver vinte e quatro horas, e a snr.ª accusa de louca uma creatura a quem a sua cruêza roubou a luz do intendimento?

A louca não comprehendia as palavras do bispo; mantinha-se aterrada, impedrenida contra a parede, com os olhos esgaziados, e os punhos cerrados. Ah!—dizia ella.—Eu pensava que só o capellão, o miseravel Onufre pertencia aos meus verdugos, mas tambem tu ahi estás, bispo! Tu pastor d'estes miseraveis padres que me torturam depois de me aviltar! O' raça de viboras! Mercadores de hostias e de indulgencias, vós polluis e crucificaes as esposas de Jesus! Se o mundo soubesse! Se o mundo soubesse... seriam poucas as pedras da rua para vos apedrejar. Vens aqui julgar-me e condemnar-me bispo? E' pena que eu já não seja linda, o espectaculo do meu supplicio te daria prazer como ao padre Onufre. Ah! vingança divina, tu não és mais que uma palavra! Colera celeste, que é da tua justiça? Pois estes muros não se abatem para esmagar o ninho dos escorpiões? Deus não existe, ou absorveu-se na sua eternidade impassivel! Elle já não olha para a terra, senão a terra seria pulverisada por causa dos seus crimes... Que quereis fazer do meu corpo espedaçado, ó pharizeus! Vós já o amastes quando a pelle era fina e as fórmas elegantes; quereis agora que eu acompanhe as gargalhadas das vossas orgias com os meus gritos de angustia!... Lá em cima tendes religiosas novas, e bellas noviças... ide ensinar-lhes o que vós chamaes *amplexas do esposo* Oh! a vida, a vida! Eu devia matar-me antes de deixar lançar o véo sobre a minha cabeça... Eu era tão pura Senhor! E vós fizestes de mim tão enorme peccadora, tão miseravel martyr. Oh! os sacrilegos! Os carrascos! Os profanadores!

O bispo deixara correr a torrente das palavras. Em

meio das divagações da miserrima louca, descobriu uma cadêa de factos sinistros. O que elle não via, adivinhava-o. Esclarecido subitaneamente, penetrava os misterios de iniquidade que até áquella hora tinham fugido ao seu intendimento. Durante o seu episcopado crimes immundos se haviam commettido. A religião tinha sido conspurcada, as leis mais sanctas trahidas, a caridade, a humanidade, esta virtude instinctiva do coração do homem, haviam sido sovadas aos pés. Em vez de gemebundas pombas exalçando para o céo votos puros afim de obterem o celeste perdão, ouvia brados da devassidão monastica, a peior de todas as libertinagens, por que se faz cumplice de Deus. Em vez de virgens prostradas sobre os ladrilhos, pedindo ao céo perdão dos crimes do seu povo, descobria mulheres loucas de seu corpo, servindo-se da propria penitencia para cevarem deleites. Aquelle sagrado claustro, um dos mais admiraveis modêlos da regra, estava internamente profanado. O capellão do mosteiro era o chefe d'esse harem de religiosas... E elle bispo, padre, pastor, que tinha o cargo das almas, e direito de direcção e inspecção, confiado na rotina, descurara de ver e ouvir. Nunca se persuadira que algumas pobres meninas fechadas n'esse convento por pobreza, desesperança ou submissão, se achariam no lance horrivel de denegrir o que o claustro devia resalvar, ou então seriam preza de vinganças tanto mais requintadas quanto misteriosas. A primeira palavra d'este enigma espantoso disse-lh'a Barbara: cumpria-lhe averiguar o mais.

Galecski chegou á entrada do carcere, e disse com a voz cheia de tristeza e dignidade:

—Tem direito de me accusar, Barbara Ubryck, porque houve desmasêlo no meu dever de pastor... Eu deveria confiar de mim só para bem ajuisar do viver d'estas casas. Foi a confiança que me cegou. Illudiu-me a austeridade apparente d'estas mulheres. Tamanhas infamias quem poderia crê-las!.. Se os homens as contassem, e os escriptores as escrevessem, accusa-los-iamos de impiedade, e lastimariamos que tão mal julgadas fossem aquellas que fugiram do seculo para conquistarem o céo em tempos como estes... Confesso-me réo, Barbara; mas, chegada a minha vez de juiz, vou chamar ao meu tribunal Maria Wenzyk primeiro e depois as suas cumplices... Interrogatorios, livres e completos, vão dilucidar-me a verdade em todos os pontos. Serei rigoroso e inflexivel. Castigando, vingarei não só o seu longo supplicio, mas a injuria atirada á religião, cujo ministro sou. O principe da egreja vai armar-se com todos os raios canonicos para fulminar as suas perseguidoras... Venha sem medo, Barbara, e compenetre-se bem de que eu vim salval-a d'este carcere.

—Por quanto tempo?—perguntou Barbara.

—Não voltará aqui mais.

—Nunca mais! Disse que nunca mais?... Ó luz do céo. Ó celestial alegria! Hão de dar-me vestidos? Poderei comer? Sentirei accordar o meu cerebro que se atrophia? E heide vêr o sol? A claridade que eu já não conheço?

—Hade, Barbara, póde vir comnosco.

—Lá acima?

—Sim, mas saírá immediatamente d'esta casa.

A louca sorriu.

—Ponha esta capa—disse o bispo meigamente.

Mas Barbara, reconhecendo o habito religioso, recusou.

E então o bispo, tirando a propria capa, lançou-lh'a sobre os hombros.

Barbara envolveu-se, e das dobras negras resaltava-lhe a face livida como cabeça mumificada pela morte.

Zolpki e Pamza ampararam-na.

Dois esbirros ladearam a prioresa.

O serralheiro ía á frente do grupo levando a tocha.

Quando Barbara chegou ao topo da escada, cahiu, ajoelhou, e soluçou como creança.

—O dia!—exclamava ella.—O dia!

E os seus braços mirrados erguiam-se para o céo n'um extasis de gratidão.

E ao mesmo tempó disse o bispo á prelada:

—Faça reunir todas as religiosas na sala do locutorio, e o capellão tambem.

A prioresa dirigiu-se impassivel ao salão onde a esperava a porteira. Momentos depois, as religiosas com seus véos achavam-se reunidas, tremulas e aterradas pela perspectiva d'um funesto acontecimento. As mais moças choravam, as velhas espavoriam-se por verem o bispo visitando-as. Era esta uma visita natural, supposto que nenhum bispo de Cracovia exercesse tal poder para não dar visos de suspeita; mas que monsenhor Galceski auctorisasse as investigações da policia, ultrapassava os limites, Pois que! não seriam inviolaveis os mosteiros carmelitanos? O nome de Santa Thereza d'Avila não protegeria suas filhas? A lei, forçando as portas das reclusas, ousava esquadrinhar-lhes o modo de viver tão á par-

te? Em que pensava o sancto padre, se não defendia os mosteiros? Não seria melhor isto que estar a reunir tropa em defesa d'um territorio que Christo lhe não dera?

Todavia, entre as religiosas que abaixavam os olhos, algumas abençoavam a intervenção das leis disciplinares e civis. Uma noviça muito na flor dos annos, de joelhos na sala, orava como Daniel orou na caverna dos Leões.

As freiras velhas estorciam-se com frenesis de raiva, e davam aos seus semblantes de pergaminho a immobilidade dos traços esculpturaes. Sabiam algumas que haviam de revelar terriveis lances; e a si se perguntavam se seria bom mentir, se confessar, grangeando alguma indulgencia pela franquesa. E d'esta sorte se premiam umas contra as outras como se assim podessem affrontar melhormente a borrasca. A maior parte d'ellas ignorava a prisão de Barbara: ás religiosas novas havia-se dito que ella morrera. Porém as que a conheciam e conjecturavam que o negocio intendia com ella, tremiam do resultado. A chegada do padre Onufre, longe de as socegar, dobrou-lhes o terror. Uma sahiu-lhe ao encontro e disse-lhe:

—Salve-nos, já que nos perdeu!

Ao abrir-se a porta para entrar o bispo, as freiras recuaram até á parede, como se ella podesse engullil-as e defendel-as do opprobrio.

Monsenhor entrou primeiro.

Barbara, que tanto almejava a luz do dia, não podia supportar-lhe o brilho. O ar vivo que lhe dava no rosto era forte de mais para aquelles pulmões affeitos ao fedor do carcere; e porisso, cambaleando, parecia ébria.

Zolpki e Pamza levavam-na amparada.

O espectaculo porém da communidade reunida galvanisou-a a pouco e pouco. Retrocedeu vinte annos; reminiscencias d'algumas feições lhe accudiam atravez dos destroços feitos pelo tempo; murmurava nomes conhecidos; e tanto quanto a razão vacillante lhe concedia ía subindo na escaleira das suas memorias. Embuçada na capa, com os cabellos brancos dispersos pelas espaduas, estendia o braço secco e mostrava ao bispo as freiras que ella conhecera. Ainda o terror lhe paralisava a lingua, ou bem póde ser que o rancor lentamente cumulado em seu coração não podesse ainda desafogar-se.

E os magistrados, sentados á meza, escreviam.

—Como se chama?—perguntou o commissario á prioresa.

—Maria Wenzyk.

—E' filha do defuncto Wenzyk, que exerceu altas funcções e deixou um grande nome litterario?

—Sou.

—Que idade tem?

—Trinta e sete annos.

—Ha quantos annos está no convento?

—Entrei de vinte e um.

—Por inclinação?

—Que intende por essa palavra?

—Póde entrar-se no convento por tendencia á vida religiosa, ou por violencia da familia, ou pelas grandes desesperações que nos levam a desejar uma sepultura.

—Entrei por inclinação.

—Não está no mesmo caso a desgraçada que hoje nos interessa. Foi aqui arrastada por sua familia, e en-

carcerada como presa e não como freira... Mais tarde, saberemos que circumstancias a trouxeram a isto; o que hoje importa é saber com que direito e com que motivos a senhora usou com ella semelhante crueldade.

—Barbara está louca—respondeu friamente a prioresa.

—Louca! Até certo ponto assim é; mas quem a tornou assim? Quem a exasperou? Quem obliterou com a tortura aquelle cerebro exaltado, aquella naturesa ardente, senão os flagellos que a senhora lhe fez soffrer?

—Barbara foi presa depois que enlouqueceu.

—As freiras é que a perderam?

—Não. Foi o sacristão Casimiro.

—Quem empedrou a janella do seu carcere?

—O sacristão.

—Quem dava de comer a esta desgraçada?

—A sub-prioresa Thereza.

—As freiras conhecem às torturas infligidas a Barbara?

—Algumas.

Zolpki, voltando-se para Barbara, disse suavemente:

—Faça um esforço para reatar a cadêa do passado. O que eu lhe pergunto importa ao seu livramento e a salvação d'aquellas que á imitação da senhora são ameaçadas de prisão e martyrio... Se lhe for forçoso fazer alguma penosa confissão, não tema. Tem aqui a lei para protegel-a, e um sacerdote para a livrar de escrupulos... A senhora foi fechada no seu carcere ha vinte annos... Commetteu algum delicto que merecesse castigo—já não digo como este, contrario á justiça e á humanidade, mas qualquer punição?

Barbara passou as mãos pela fronte e respondeu com voz sonora:

—Sim, tenho uma culpa... mas não sou eu a culpada... O responsavel do crime é outro. Quando entrei no convento tinha um amor, um amor unico... Guardei-o puro em mim como fogo sagrado... Mas um homem, um monstro... forçou-me a violar o meu voto de castidade.

—Um homem! Quem? perguntou o bispo?

—Está ali! Está ali!—disse Barbara.—Entrou aqui para vêr a victima da sua lubricidade... Elle espera que a demencia embargue a accusação na minha garganta... Mas a razão reapparece-me... a razão que elles enfraqueceram, mas não vingaram extinguir. Eu comprehendo que me querem vingar, e por isso accuso o réo.

E apontava para o capellão, a quem o bispo perguntou:

—Ouviu?

—Ouço, monsenhor. Esta mulher está possessa d'um espirito mau, e eu nem sequer lhes refutarei as calumnias. V. ex.ª já ouviu dizer que ella está doida; julgue-a pelo que diz. Aponta-me como cumplice das suas culpas; capaz seria ella de accusar tambem os anjos e o proprio Christo.

—O Christo!... balbuciou Barbara.—O Christo!... Ah! Ah! eu bem me lembro dos amplexos do esposo divino, do oratorio mistico, e do cantar da filha de Sulam... Elles não viram a alcova sagrada das monjas... Miseravel! Miseravel! Tu me perdeste... e a idade ciosa das minhas rivaes fez o resto. Prenderam-me, por que tu me proferias, e por que era assim preciso enterrar a minha

culpa... Mas, ahi as tem todas, senhor bispo!—proseguiu ella, apontando para as freiras.—Não ha aqui uma só que seja pura, uma só que seja virgem! E o ardil da corrupção vai tão longe que algumas nem sequer sabem que estão prostituidas... A corrupção! Para saber-se o que ella é, faz-se preciso excaval-a na alma d'uma freira, ou d'um confessor de religiosas.

Barbara immudeceu exhaurida de alentos; mas depois, abeirando-se da prelada, insistiu:

—Deixaste-me sem pão e sem vestidos; impediste-me que eu invocasse soccorro e misericordia! Mas chegou a hora de saldarmos nossas contas. As minhas não são as mais difficies... Que vida eu vivi! Que vida eu passei!

Os magistrados attendiam áquellas palavras com progressivo interesse. Barbara recuperava a sua lucidez.

—Quer a senhora sahir immediatamente d'esta casa?—perguntou Pamza.—Eu a farei transferir para o Hospicio de S. Lazaro.

—Já.—Respondeu Barbara.—Mas aquellas ficam no mosteiro?

—Em nome da minha auctoridade episcopal—intreveio o bispo—declaro intredicto este convento. E' prohibido officiar n'esta egreja; são retirados os sacramentos ás religiosas que os profanaram; o capellão passe para uma casa de penitencia, e a justiça ecclesiastica punirá as criminosas ao mesmo tempo que a justiça secular a quem os entrego.

Zolpki acenou aos seus quadrilheiros, dizendo:—chamem um destacamento de hussards: é preciso de certo proteger estas miseraveis mulheres contra o furor po-

pular. As novas correm depressa, e o que se está passando aqui deve já saber-se lá fóra.

Os quadrilheiros retiraram-se.

Zolpki fallou ao ouvido de Pamza; e depois perguntou á prioresa:

—Onde está minha filha?

—Espera-o na egreja.

Zolpki dirigia-se para lá, emquanto Barbara o seguia com obstinado exame, procurando dar um nome áquelle rosto; mas não podia.

Instantes depois, o doutor, Barbara, e mais duas pessoas entravam n'uma carruagem e seguiam para o proximo hospicio.

A tropa chegou logo. Como sempre acontece quando se fazem arrestos, a noticia de que a força armada entrava ao convento das carmelitas divulgou-se com extrema rapidez. A populaça apinhou-se na rua, perguntando e esperando. Os odios velhos longo tempo represados extravasavam, as injurias faiscavam das linguas dos homens e do mulherio. Repetiam-se as velhas legendas do mosteiro; as crueldades ali feitas, e citavam-se os nomes de meninas que ninguem mais viu. O mysterio em que se acobertam as ordens claustraes volve-as mais suspeitas que quaesquer outras. A grade que defende do mundo deixa ao mundo o direito de suspeitar. O silencio, que reina n'esses serralhos celestes, aguça a curiosidade de conhecer o que ahi vai.

Apenas se proferiu o nome de Barbara Ubrik, esta mulher incutiu terror ao espirito do povo, como se fosse a imagem da morte; mas recordaram-se que a tinham visto no dia da profissão, radiosa de mocidade e belleza.

Murmurios de piedade circularam nas turbas que augmentavam, e impacientes esperavam a sahida dos agentes da policia e o desenlace do drama.

Abriu-se emfim a porta das carmelitas de par em par.

Assomou primeiro o commissario, depois quatro quadrilheiros escoltando a prelada e a sub-prioresa.

Os gritos, os urros, as ameaças da multidão estralejaram assim que as viu; algumas mulheres apanharam pedras para as arremessarem contra as duas freiras.

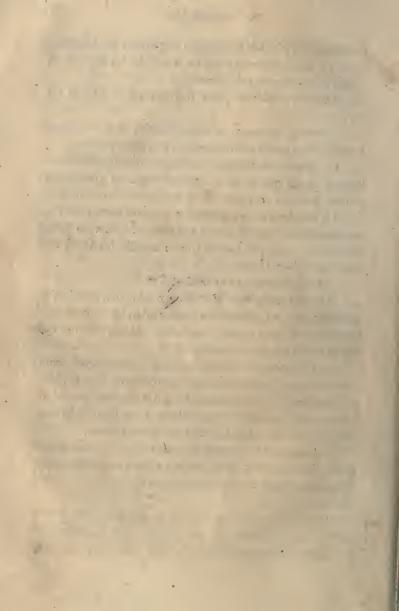
Os hussards esforçaram-se e debalde para defender as carmelitas d'aquella horda aggressora: gritavam todos repetindo o nome de Barbara, com aquelle brado do Senhor fallando a Caim:

—Que fizeste do teu irmão?

As duas religiosas desceram o véo para encobrir a vergonha sob as dobras da estamenha; mas uma mulher do povo mais atrevida arrancou de repuchão o véo de Maria Wenzyk, exclamando:

—Vede-as, as corruptoras das raparigas; caçamos esta miseravel, mas escaparam-nos milhares d'ellas! Arrazemos a casa das carmelitas e a dos jesuitas; que só as mães sabem guardar as suas filhas. Fóra da cidade com estas pestes, e façamos justiça por nossas mãos.

Os hussards tiveram de cerrar filas e levantar um muro vivo entre a multidão e as duas carmelitas, que immediatamente foram encarceradas.

IV

A VIRGEM DAS TRANÇAS D'OIRO.

Por 1817, nascia em Czerniakow, nas cercanias de Varsovia, uma d'essas explendidas crianças das quaes nos contos das fadas se diz: Ella era formosa como o dia. A familia dos condes de Ubryk era opulenta. Barbara, ao entrar no mundo, foi saudada com extremos de alegria. Pai e mãe acariciavam-na á competencia, e a creança cresceu entre duas ternuras cujo defeito era a exaggeração. Os haveres dos Ubryks permittiram que Barbara fosse educada com esmero, e bastante é dizel-o assim, quando se falla d'uma donzella do norte. Por muito soberbos que sejamos em França da nossa nacionalidade, talento, e vivesa de espirito, é mister reconhecer que a educação de nossas filhas, está muito áquem, da que recebem as russas e as polacas. Barbara, de natural ardente, palpitante de vida e enthusiasmo, estuda-

va com paixão. Assim que soube linguas, dedicou-se ás artes, e ahi mesmo a espantosa facilidade e faculdade de comprehensão a dotaram muito além das esperanças de sua familia. N'esse paiz das magias melancolicas, poderia dizer-se que uma Elfe divina presidia á vida da formosa creança. Cedo deixou de o ser. Floresceu a mocidade n'ella. Ardia-lhe nas veias generoso sangue; radiavam-lhe os olhos, ostentava fórmas tão vigorosas quanto flexiveis; e sobre tudo o que mais lhe realçava os encantos, e mais explendidamente lhe alindava a face, eram os cabellos d'oiro, em parte ondeados d'um colorido castanho que contrastava com os esplendores solares que lhe doiravam as madeixas. Trança longa, fluida, fragante, que se frizava no alto do pescoço, e encalamistrava nas fontes como as cabelleiras dos anjos. Os olhos negros formavam com estes cabellos e a brancura da pelle uma admiravel e formosa divergencia. Era de fórmas fortes e flexas, com promessas de contornos explendidos, que a adolescencia guardava ainda na virgindade da sua graça. Nos braços dava a lembrar as deusas, e nas mãos as madonas. O pé, sem encarecimento de pequeneza, era arqueado e subtil, feito para aquella nobre dança dos gregos cuja tradição chegou até nós nas esculpturas dos templos idolatras. Porém alguma coisa havia n'ella para maiores encantos que esta belleza perfeita: era a graça do sorriso, a caricia feiticeira do olhar, e o som melodioso da voz. Barbara não agradava tão sómente: fascinava. Dir-se-hia que ella respirava um ambiente de amor. Sem o saber, tinha a natureza das fadas. Os antigos, classificando estas mulheres, extremaram-nas do commum dos seres, pela raridade d'ellas. Mas, quer lhes

chamem sereias ou d'outro modo, nada faz o nome: a especie d'ellas é distincta. Ha mulheres sereias, não porque se façam, mas porque assim nascem. Não se cançam para attrahir: exercitam uma faculdade que possuem. Barbara com taes fórmas, com tal belleza e diversidade de talentos, gosava-se d'aquella quasi divina faculdade, pela qual as mulheres se fazem conquistadoras e despotas ás vezes. Fascinava; mas mediante uma opposição sem duvida destinada a manter oiro fio a balança dos seus meritos;—o coração, sensivel aos males de outrem, doce e terno para os seus, contrahia-se, fechava a qualquer outro sentimento. Não procurava dominar nem se servia cruelmente do seu predominio; não; mas a sua alma não reflectia tanto quanto inspirava. Era alma candida e fria como o gêlo. Talvez que n'esta indifferença andasse exaltado orgulho; mas em tal caso, este orgulho é o escudo das mulheres... Nunca ellas se defenderão contra o amor despeitado; porém o amor que inspiram não lhes custa a repellir. Serão injustas? Porque? Acaso o homem pergunta a uma mulher se lhe convém que elle a ame? Por ventura indaga se ella o achou amavel, espirituoso e bom? Não. Cede ao iman que o attrahe para uma mulher, depois converte esse amor n'uma arma, e tenta vencer. Mais d'um homem se deixou seduzir pela formosura de Barbara, muitos a pediram para casamento, e ella glacialmente os regeitou, antevendo que a sua hora de amar chegaria, e então debalde tentaria repulsar aquelle que desabrolhasse n'ella as divinas flores da paixão.

De mais d'isso, uma razão impedia que a orgulhosa menina poetisasse muito a vida. O scismar delicias ener-

va; e já dissemos que Barbara era uma indole fórte, simples, e ao mesmo tempo enthusiasta. Era ingenua nas relações com familia e amigos; o enthusiasmo era todo da patria, d'aquella Polonia estagnada em sangue e lagrimas, crucificada sempre e nunca vencida, a Polonia que ergue a fronte subjugada e fita o céo com a serena confiança dos martyres. Antes de conhecer as paixões pessoaes, alvorejara-lhe n'alma aquella grande paixão. Anhelava uma pagina heroica na historia das pugnas que não tem epopea escripta, pezava-lhe não representar em seu paiz o papel d'aquellas bellicosas damas de que a historia registra egregias proêzas. Quando, perante seu pai, fallava no aviltamento do seu paiz, da oppressão russa, da dôr da nação, o pai abraçava-a com altiva hombridade, e sacudia tristemente a cabeça.

E a mãe dizia:

«Se Barbara revelar em todas as suas affeições o fogo que a incende n'esta, que destino será o seu?

E tinha razão a mãe. Devem temer-se nas mulheres os transportes, os sonhos d'arte e de poezia, as ambições nobres, as aspirações sanctas. Tudo lhes é resvaladiço, até a propria virtude, e mórmente as demazias d'ella. Onde ellas entram de coração, o ideal da vida, o mais intimo da alma, o homem, ser-lhes-ha inferior. Que o homem então descrê da mulher. Depois que a legenda reconta que Adão foi enganado por Eva, todas as seducções feminis são consideradas perigos e armadilhas. As mulheres ditosas não são grandes artistas nem celebrados escriptores. Contra estas ha ahi o atirar-lhes o lixo das ruas para lhes fazerem pagar sua gloria tão amargamente, que ellas nunca acceitariam, se lhes fosse dado prevêr o futuro

quando, pela primeira vez, sentiram palpitar na fronte as inspirações espirituaes. Barbara defrontava-se, pois, com muitos perigos; por que era bella, artista e enthusiasta de todas as coisas formosas e nobres.

Se ao menos lhe fosse dado amar a sua Polonia querida, louval-a e pranteal-a!.. Mas cada palavra d'estas, poderia ser malsinada de rebellião. A Russia crê nas conspirações das mulheres. Na Polonia se alguem ha revelado mais heroismo que os homens, são ellas. E nunca lhes minguou dedicação á causa fraternal, nunca uma polaca fez pé atraz ao resgate d'um prisioneiro, acovardada pelos perigos da tentativa. A lei do czar não distingue entre polacos e polacas, quando os juizes os accusam de conspirar; pelo que, se para o homem ha o *knout* para a mulher ha a *plette* (*); mas a Siberia é d'ambos, e a morte, pelo supplicio, de ambos é tambem.

O destino de Barbara era soffrer os precalços de todas as vantagens com que a natureza, a sociedade e a familia a tinham enriquecido. Antes de chorar por si chorou pelos outros, antes de saber o que era o captiveiro fremiu indignada contra a escravidão da Polonia; antes de abrir ao amor aquella fogosa alma que devia gemer todas as angustias humanas, encheu-a de novos affectos, de sublimes compaixões e sagrados enlevos. Derramava os immensos thesouros da sua rica imaginação e dadivosa indole sobre os padecentes e os tristes, lamentando-os, ella que mais tarde havia de ser tanto

(*) O *knout* é um açoute de correias enterlaçadas e nodosas. A *plette* é outro instrumento de tortura, igual na missão de avergoar as carnes, mas de feitio distincto.

N. do trad.

para lastimas. O pāi era homem austero nos principios, e inflexivel nas vontades. Não tinha limites o seu amor á filha, e não obstante bem sabia ella, que se um dia anhelasse coisa opposta á vontade do pai seria vencida infallivelmente na lucta. Os odios de Ubrick guardavam a presistencia da vingança; para desafrontar-se d'uma injuria, esperaria a opportunidade atravez dos annos. E comtudo não era máo. Julgava a firmeza a maxima das virtudes civicas e moraes, e toda a energia fundada no stoicismo da alma. Confessava que comprehendia Bruto condemnando os filhos á morte; e approvava o supplicio de D. Carlos enviado ao patibulo por Filippe II. E' verdade que applicava taes theorias á politica, e não á vida privada; mas apezar d'isso bem sabia a filha que elle no regimen da familia exerceria o despotismo que desculpava nos outros.

Ubryk alimentava contra um homem de Cracovia um rancor dos que empeçonham as opiniões partidarias. Ubryk ligara-se tão excessivamente ao governo russo que excitara por isso o odio de Zolpky, e tanta era a raiva, e grande o despreso que tal homem lhe inspirou, que nem ao filho innocente perdoava as opiniões do pai. O joven Zolpki fraternisava com a mocidade polaca eternamente sonhadora da liberdade do seu paiz.

A fatalidade que preside a tudo n'este mundo, e talvez principalmente ao amor, aproximou uma noite Zolpki de Barbara.

A joven, sentada junto d'uma janella, prestava o ouvido primeiro desattento e depois curioso á conversação que trocavam, perto d'ella, dois homens já velhos.

Um elogiava enthusiasticamente um mancebo, o outro escutava-o a sorrir.

—Mas então, o homem é um heroe? — perguntou elle.

—Tal qual; é um heroe modesto e doce que parece córar das suas bellas acções quando as faz; homem que se bateria como leão e que um elogio acanha; instruido, inspirado, com a eloquencia que electrisa as turbas, e sobre maneira digno de capitanear uma revolução.

—Sim, sei isso — replicou o interlocutor — Contam-me coisas d'elle admiraveis... Mas sabe elle calcular o perigo que o ameaça?

—Calculou.

—E não desiste?

—Diz que o sangue dos martyres sustenta as causas preclaras.

Continuou o elogio do moço algum tempo ainda, por modo que Barbara se interessou por elle sem o conhecer, por que nome nenhum se dera áquelle retrato.

De repente um dos dois, mostrando ao seu amigo um gentil rapaz, disse:

—Elle aqui vem para nós.

De certo ia para elles, mas com certeza não os via: os olhos levava-os fitos em Barbara, cuja soberba formosura o repassára de admiração. Nunca tão maravilhosa creatura tinha visto. Ia attrahido para ella como para a luz. Barbara encarava-o tambem com enlevo. Tal homem que tanto enthusiasmava os dois anciãos, e o que elles haviam dito a respeito d'elle, eram motivos a interessal-a docemente na contemplação d'aquelle que tão fixamente a olhava.

E d'este encontro de vistas fulgurantes relampagueou aquelle magnetismo electrico do amor que funde momentaneamente duas almas em uma só...

O mancebo, aproximando-se dos seus amigos, perguntou:

—Podem apresentar-me áquella senhora?

Tocava então a orchestra o preludio d'uma valsa.

—Aquella senhora — disse um dos amigos — não a conheces?

—Bem sabem que eu não frequento bailes.

—E' Barbara Ubrik.

—Aquella! — murmurou o moço.

E passados alguns instantes meditativos inclinou-se respeitosamente diante de Barbara, e disse:

—Foi n'uma festa de Veneza que se encontraram aquelles immortaes inimigos chamados Julietta e Romeu... Passados poucos dias, vou a uma expedição onde arriscarei a vida... Sou Ladislau Zolpki... Concede-me esta valsa?

Levantou-se Barbara, toda purpura e fogo nos olhos.

—Vamos—disse ella.

E os dous desappareceram no redomoinho das danças.

O coração de Zolpki arfava de ebriedade desconhecida; premia meigamente a cintura da virgem; sentia nas faces o roçar das louras espiras do cabello. E ella era tão leve, que elle apenas a sentia reclinar-se-lhe no braço; e era tão bella que os vagados o tomavam, se a encarava a fito.

Barbara deixava-se ir como Zolpki ao sabor d'aquel-

la perigosa embriaguez. Bem sabia ella que se o pai a visse, havia de soffrer aspera invectiva. Fascinava-a porém a idéa do perigo; como que já lhe sorria a doçura de padecer por elle. Em rapidos instantes, como tudo que é felicidade, sentiu-se amada, e amou.

—Quando entrei n'esta sala—disse Zolpki—o meu intento era unir-me aos meus amigos que conspiram; mas agora quizera eu ficar para vêl-a... Tudo nos separa: a sua opulencia, e a minha pobresa; a obrigação de me devotar a uma causa sagrada, a responsabilidade em que empenhei a minha cabeça, a vigilancia do governo... e comtudo sinto, adivinho que as nossas almas se intendem, e já não deixarei esta cidade sem immensa dôr.

—Vai defender a Polonia, talvez salval-a! — disse Barbara.

—Ao menos vou fazer-lhe os funeraes pomposos.

—Vá, que o seguem os votos de todas as polacas.

—De todas? E' de mais.

—Não! A patria é mãe de todos nós.

—Pois, se eu succumbir na lucta, tenha saudades de mim.

—Antes quero offerecer-lhe um talisman... Acceite este raminho de urze... Na volta m'o entregará. Já vê por isto que tem obrigação de voltar.

—E tornarei a vêl-a?

—Hade ver.

—Talvez não saiba a historia das nossas familias...

—Eu não acceito herança de odios; além de que, o cavalheiro serve a causa da patria, que é o laço sancto da familia.

—E pensará em mim?

—Pois se eu o espero...

A fina mão de Barbara estremecera no braço do mancebo.

—Ahi vem meu pai—disse ella alvoroçada.

Zolpki desappareceu, mas não tão rapido que Ubrik o não reconhecesse. Pelo que dardejou á filha um severo olhar.

—Sabes quem dançou comtigo?

Barbara hesitou na resposta; mas, vencida pela franqueza do caracter, respondeu:

—Sei.

—E não receias desobedecer-me?..

—Pois que me prohibiu?

—Ha preceitos implicitos. Sabes de mais que odeio a familia Zolpki.

—E tambem sei que Ladislau é estimado e admirado; e sei tambem que estou n'um baile e que dancei... não sei mais nada.

—A isso ajuntarei que a prohibo de fallar com tal homem.

—Comprehendo, meu pai.

—E, se transgredir esta ordem...

—Não diga mais nada... E' tarde... quer que nos retiremos?

E' o que Ubryk desejava.

Desde esta noite Barbara teve um segredo para seu pai.

O amor que lhe prohibiam implantou-se tanto mais entranhadamente quanto era o esforço para lh'o arrancar. E do mesmo passo que ella ouvia encarecer a coragem e patriotismo de Zolpki, mais vibrava de jubilo ou-

vindo citar relances de generosa intrepidez e nobre ardimento. A missão a que elle se votara promettia eminentes perigos, que affrontava não só por enthusiasmo patrio e pelo resgate da Polonia, mas ainda com a serenidade heroica que preside ás resoluções formidaveis.

Ao cabo da precaria empreza negrejava-lhe a morte, e, peior que a morte, o captiveiro na Siberia; mas não havia fazel-o recuar. E, se algum estimulo podia exaltar a energia do moço audaz, era a idéa de merecer a estima de Barbara, estima profunda e intima sem a qual não póde haver amor sincero e duradoiro. Esteve ausente tres mezes Zolpki. Quantas vezes, n'esse longo espaço não perguntou elle, inquieto e desconfiado, se Barbara conservaria lembranças d'aquelle unico encontro! Uma valsa, uma flôr offerecida, uma promessa d'olhos... Que mundo de pensamentos, de sensações! E todavia que insignificante penhor!

Tinha Zolpki um amigo, não companheiro de infancia, mas um camarada de folias que se encontra alegremente, que se deixa com pezar, com quem se bebem garrafas de generoso vinho e se queimam alguns charutos; amigos, porém, no sentido perfeito da palavra, que o mesmo é dizer um ente com quem pensava em voz alta, que lhe conhecia o amago da alma, e cuja affeição lhe era de todo o ponto insuspeita.

Zolpki encarregou Casimiro de lhe fazer chegar novas de Barbara. O moço, temeroso de a expor, não ousava escrever-lhe. Comprou um exemplar de *Marya*, admiravel poema que é uma das obras—primas da litteratura polaca, sublinhou a passagem do «Juramento»—

as sublimes strophes que sabem de cór todos os amantes slavos, e enviou o volume a Barbara Ubrik. Ella comprehendeu-o; mas era-lhe desnecessaria á sua confiança aquella prova: bastavam-lhe as palavras ouvidas. Um minuto lhe sobejara ao completo reviramento de sua vida.

Findos tres mezes, o moço voltou.

Foi no templo que encontrou Barbara.

A menina ia ali todas as manhãs, seguida de uma aia que a creára, e cuja amisade tinha a profundeza da ternura maternal.

Ajoelhou Zolpky á beira de Barbara; e, no instante em que os fieis acurvavam mais humildemente as cabeças, interpoz uma carta na pagina do livro das orações.

E ella não fingiu desperceber aquelle acto. Baixou as palpebras em signal de consentimento mudo; e quando sahiu da igreja, estreitando o livro ao seio, sentiu que lhe lavrava fogo na alma,—que esse fogo radiava da carta de Ladislau.

Depois, fechou-se no seu quarto e leu a carta.

Quem ha ahi que defina e analyse uma carta d'amores? São todas parecidas, cheias de adoraveis canduras, de enthusiasmos sublimes, por vezes pueris e encantadores, jubilosos como um hossanah, e tristes como um gemido. Umas vezes marejam os olhos; outras vezes fazem sorrir. O que as aformoseia e divinisa é o sentimento que nos infundem e inflammam. Se mais tarde o coração se resfria e encinéra, lá vai perdida a primeira impressão; porém, se um bafejo generoso nos aviventa, se o seio arfa, se renascemos para o amor como pa-

ra uma vida nova, são ineffaveis os gosos que nos dão as nossas cartas amorosas. Não nos vexamos de as ler, acolhemo-las ao seio, beijamo-las sem pejo nem contrafeito pudor. Aquelle que não estremece ao ler uma carta d'essas, aquelle que olvidou a vida ardente e febril que ahi se reflecte n'esse papel, esse tal não amou nunca, nem foi digno de ser amado.

Ladislau referia a Barbara o resultado da sua viagem, iniciando-a em suas altas e legitimas esperanças, e rogava-lhe que lhe confirmasse o sublime alento de seu coração. Não mandava, implorava, supplicando-lhe que lhe concedesse vêl-a todos os dias na egreja, e licença para escrever-lhe, á falta de outro meio de lhe fallar.

Barbara permittiu tacitamente quanto lhe elle pedira.

O amor, porém, é insaciavel. O moço não se satisfez com o prazer de a vêr uma hora de cada dia. A virgem, ajoelhada ante o altar, parecia ser mais de Deus do que d'elle. Por isso, Ladislau solicitou encontral-a em melhor local, e procurou os meios.

A casa do pai de Barbara era murada de vastos hortos, e tão amplos, que um d'elles entestava em uma especie de matagal em que se emmaranhavam mais arbustos que arvores corpulentas. Este jardim frondente, accidentado e pittoresco era o dilecto de Barbara com preferencia aos taboleiros floridos que no estio alcatifavam os arredores da casa. A serra sobranceava aquelle bosquesinho, e d'ahi perto havia uma porta estreita, que não servia nunca, já velha e carunchosa, fechada com ferrugenta fechadura, incapaz de resistir a um rijo empuchão. Quando Zolpky lhe pediu uma entre-vista, Bar-

bara pensou logo n'aquella porta; depois atemorisou-se, e repelliu a idéa tão formalmente que Ladislau não ousou insistir. Era alma terna e melindrosa que facilmente se retrahia em si mesma. Cuidou que Barbara o amava menos de que elle esperava, e d'ahi seguiu-se o avassalal-o grande tristeza. Continuou, não obstante, a frequentar a egreja; mas já longe de sentir aquelle entranhado jubilo que lhe brilhava na mente quando via Barbara. Depois, nos seus olhos triste parecia queixar-se a magua, e já no sorriso lhe pungia o agro da duvida.

E não foi um dia ao templo, dizendo entre si:

—De que serve ir, se não sou amado?

Não obstante, volvidos dois dias, cedendo a novo impulso, tornou á egreja. Viu Barbara pallida e conturbada. Repercutira n'ella a dôr de Ladislau. E assim, ao perpassar, sem encaral-o, murmurou:

—A' noite.

Recolhida a casa, Barbara apavorou-se da sua coragem. Que promessa fizera? que destino era o seu? Como cumprir tão imprudente acto? As chaves da porta eram desde muito perdidas.

Fingiu que passeava, durante o dia, no bosque, e, examinando a porta, intendeu que só havia um recurso: despregar a fechadura; mas não tinha com quê. Esgarçou as debeis mãos, e quebrou uma faca antes de poder desencravar dois pregos. Quando conseguiu isto, ouviu ao longe a voz do pai, e ergueu mão da tarefa. Correu aos braços d'elle, entreteve-o, com diversas coisas, e voltou á empreza, quando elle a deixou. Era noite. Emfim, a fechadura cahiu. Barbara escondeu-a n'um tufo de verdura e mais os pregos, e voltou á sala. Por causa

da sua distracção foi muitas vezes interrogada carinhosamente. Respondeu que soffria. E não faltava á verdade. Ardia-lhe a cabeça, saltava-lhe o coração. A mãe alvorotou-se. Ubryk mandou-a deitar-se.

Barbara folgou com a ordem, para estar sósinha, e não ser interrogada pelos olhares, e por palavras, bem que intencionalmente inoffensivas. Sentada no seu sophá, escutava o silencio da caza. Pouco e pouco, deu tento de que a mãe se deitava, e o pai entrava na livraria. Faltavam os criados. Deram dez horas. Barbara nada dissera a Zolpki sobre o modo de se verem; mas a idéa da porta com todas as desejadas felicidades partira d'elle: era de esperar que lá estivesse.

A alcova de Barbara era tão contigua da da mãe, que todas as precauções eram precisas.

Cobrou animo, abriu a sua porta, quedou-se momentos no corredor a fim de certificar-se de que não acordara ninguem.

Depois começou a descer ás apalpadellas e em palmilhas.

Chegando á porta que abria para o jardim, tomou fôlego. Era cerrada a escuridão do jardim. Não havia luar, nem clarão nas janellas. Barbara socegou; mas entrou-se d'outra especie de medo. Até áquelle instante, dera-lhe alma a febre causada pela difficuldade do projecto. Chegado o lance de vêr Zolpki rosto a rosto, sentiu-se alvoroçada pelo pudor. Nada temia; que a castidade é um instincto sublime que soffre receios e não os define. O amor que Barbara sentia não lhe era estorvo a conhecer que commettia grave culpa contra seu pai e contra os bons costumes. Seria amaldiçoada pelo pai, so

lhe elle descobrisse a fragilidade; o mundo culpal-a-ía, e as mães prohibiriam a suas filhas que lhe fallassem; e seria repulsa da sociedade onde ellá tinha sido soberana até áquelle instante.

Esmoreceu. Teve a idéa de retroceder; mas figurou-se-lhe isto covardia. Receiosa de que o panico a dominasse, e o remorso lhe sopezasse o amor, correu para a extrema do jardim; e, chegada á porta, abriu-a subtilmente.

Zolpki expediu um grito de alegria; e, involvendo-a nos braços com ardentes carinhos, estreitou-a como um thesouro. E não lhe fallava, por que a sua commoção era indizivel. Apenas lhe acariciava as tranças d'ouro com o bafejo. Não reparava na formosura material da mulher, por que tomava posse d'uma alma. N'ella e n'elle a pureza aporfiavam a qual mais immaculada. Quantas grandezas d'alma cabem n'um sancto amor as tinha elle. Como o seu intento era esposal-a, o pensamento do deseja viria sómente á hora em que Deus lh'a pozesse nos braços.

Quando se remiram de sua lethargia, ebria e encantada, Ladislau, que não a podia vêr n'aquella escuridão, segredou-lhe ternuras, sonhos, amores, com aquella divinal eloquencia que brota de corações amantissimos, e filtra n'elles luminosas convicções. Foi o difundir-se d'uma alma n'outra enternecida e heroica. Quando elle dizia que amava, ellá respondia-lhe «Tambem eu te amo»; e quando mais tarde, elle disse: «Até quando?—» apertando-a ao peito, a virgem respondeu: «Até ámanhã».

V

O POEMA ETERNO

Affoitou-se Barbara a ponto de ir todas as noites esperar o amado ao bosque silencioso. Durante as horas que passavam juntos, esfolhavam uma a uma as mais vicejantes flores da esperança. A felicidade do momento offuscava-lhes os estorvos do porvir. A exultação de se entreverem cada noite não os deixava soffrer receios das privações que se lhe antolhavam. Horas de casto enlevo, de effusão d'alma, de apaixonados arrobos, de eloquentes promessas eram essas de Zolpki e Barbara! Os sentidos não tinham parte n'aquella enchente de gosos espirituaes... Os anjos não se beijariam com mais candura. O futuro esposo não queria desluzir os mimos da predestinada noiva. O futuro lhe centuplicaria as delicias de que se privava. Quando o coração de Zolpki palpitava muito, por que os cabellos de Barbara, roçan-

do-lhe as faces, as estremeciam voluptuosamente; — quando a tepida pressão das mãos da virgem lhe accendiam lavas no sangue, levantava-se e despedia-se. E então, com dulcissima e casta desenvoltura, ella se lhe pendia do pescoço, e murmurava:

—Amas-me tu?

—Doida!..—respondia elle.

—E hasde amar-me sempre?

—Até á morte.

E ella agitava a loira cabeça.

—As mulheres—dizia ella—são mais leaes na paixão.

—E os homens mais intrepidos.

—E se nos separassem?

—Tempo virá em que sejas livre... Esperarei...

—E, se eu morresse primeiro de tristeza!

—Seguir-te-hia eu.

—Assim seria, esposo da minha alma... Sei que me amas. Tua voz e teu coração tem a mesma harmonia; e eu tremo quando te escuto, porque as tuas palavras espertam em mim sentimentos de força, valor e ternura.

Todas as noites, ao separarem-se, repetiam aquellas phrases incoherentes e adoraveis, balbuciavam as palavras divinas que os beijos interrompiam. Todas as noites, a ancia de se tornarem a vêr lhes difficultava a separação, e prolongava essas tão perigosas quanto queridas entrevistas.

Ai! o amor atraiçoa-se com as suas proprias demasias! A's vezes a estrella matutina ainda os encontrava juntos! O repontar do dia assustava Barbara, que despedia a fugir atravez do jardim, subia a tremer para o

seu quarto, lançava-se á cama, e adormecia tão profundamente que não ia á missa d'alva. A paixão absorvia-lhe a fé, até aquelle tempo tão candida! Já não sabia que dizer a Deus desde que fallava, por largas horas, a um homem, doido de amor da sua belleza, e encantado de seu espirito e da nobresa do seu coração. Esta mudança de habitos foi grande imprudencia. A mãe impressionada interrogou-a.

A filha attribuiu á falta de saude a quebra nas devoções. O mesmo foi inquietar-se a familia, e logo Barbara intender que os cuidados com que ia ser desvelada lhe seriam impecilhos ás noitadas amorosas.

Ubryk, desde certo tempo, mostrava-se desconfiado da filha. Pela primeira vez, n'aquelle sarau em que Barbara dançou com Zolpki, conheceu que a filha herdara o seu caracter energico. Atterrou-o a idéa da lucta. Nunca elle proferiu o nome de Ladislau, nunca alludiu á brilhante sahida que elle dera á melindrosa missão politica; mas Ubryk, reparando n'um certo rubor instantaneo, e subita pallidez, inferiu que ella não esquecera o cavalheiroso rapaz.

Nada disse a Barbara; mas invectivou d'esta arte a mulher:

—Tu educas mal esta rapariga, deixando-lhe nutrir no coração idéas de independencia que mais tarde nos darão que soffrer. Oxalá que não disparem em deshonra para nós...

—Oh! — exclamou a mãe — pois tu desconheces a tal ponto tua filha?

—Não sou cego...

—Mas que é que tu pensas...

—Tudo e nada. Uma valsa e um momento de palestra com esse Zolpki, que o céo confunda...

—E' um nobre coração...

—Tambem tu!... Parece-te que é um heroe?

—Digo que é. Não me compete averiguar se fizeste bem ou mal em te submetteres ao governo russo, aceitando empregos e medalhas. As polacas que não passam de mulheres, divergem das opiniões dos homens. Zolpki é um bravo antagonista do oppressor. Conspira contra o Czar, odeia-o, e toda a sua vida odiará conspirando.. Esta firmesa de proceder espanta-me. Zolpky é amado de toda a gente, conquistou a confiança d'um partido, e, se elle amasse nossa filha...

—Davas-lh'a?—exclamou Ubryk.

—Immediatamente. Quem se immola por seu paiz, saberá sacrificar-se á sua familia e á ventura dos seus.

—Dizes sandices, e taes, que, se outro as ouvisse, bastára isso a tornar-me suspeito. Creio que sabes quantos perigos se involvem n'esta palavra «suspeito»...

—Sei; e póde até ser que eu me abalançasse aos perigos em vez de me estar gosando d'uma tranquillidade que os nossos compatriotas nos fazem pagar cara...

—De sorte que tu animas tua filha em sua louca paixão, se estás certa de que ella ama esse desatinado conspirador que hade acabar os dias na Siberia?

—Deus é pai dos desgraçados!—E como o marido fizesse um gesto de impaciencia, proseguiu:—Perguntas-me se animo a paixão de minha filha? Não. Pelo contrario, heide prohibir-lh'a. Enlace não applaudido pelos pais é funesto. Tranquillisa-te. Defenderei a paz e

honra de minha filha; mas faltar-me-ha força para amaldiçoal-a, se o seu coração se obstinar.

—Bem... já sei a quem me heide atêr. E, sem mais delongas, interrogarei Barbara na tua presença.

—Não o faças; peço-t'o em nome de Deus. Os homens não tem bastante delicado o coração para interrogar as filhas em taes casos.

—Sou pai.

—Pois sim; mas és homem. Uma creança, em vendo a ira nos teus olhos, não desdobrará diante d'elles a sua alma. A minha ternura colherá mais que a tua severidade. O que tu queres saber, eu o saberei. Mas peço-te que me deixes sondar o coração da filha, a mim só. E' um direito meu... e tu sabes quanto eu, ordinariamente, uso pouco dos meus direitos...

—Seja assim, mas sem demora. Incommoda-me a incerteza. Offerece-se-me excellente casamento para a pequena. O conde Rastoi pediu-m'a.

—O russo?

—Pois não somos nós todos habitantes da Polonia russa?

—Nunca—exclamou a condessa Ubryk.—Os polacos não ractificam a usurpação, nem acceitam a nova carta redigida pelo imperador. Não digas tal, senão queres que o coração se me parta de dôr. O que fizemos foi deixar que o vencedor absorvesse o vencido, defendendo contra elle nossa fé, nossa historia, nossa lingua, e sobre tudo nossa familia. Quanto ao mais, socega, que hoje mesmo te farei a vontade.

O conde sahiu, deixando a mulher atterrada.

Bem suspeitava ella que seu marido não estava de

todo em todo illudído. Combinando pequenas coisas conseguiria convencer-se. Se Ubryk tivesse dito verdade? Se Barbara amasse Ladislau? Se o enthusiasmo da menina houvesse esposado o patriotico enthusiasmo do ardente polaco? Tambem ella sentia, como mulher, os poderosos encantos de Zolpki. Comprehendia qual devia ser a influencia d'aquelle cavalheiroso moço, nobilitado por incessantes arrojos, n'um espirito varonil e ao mesmo tempo amoroso. Figurando-se no logar de Barbara, perguntava a si mesma se, na mocidade, recusaria o amor de Zolpki.

Longo tempo se deteve encerrada, hesitando em exercer poderes de mãe sobre a filha que segredava em si amor talvez forte bastante para lhe dar energia na lucta.

Depois, entrando na sua propria individualidade, a condessa lembrou-se do muito que havia sido humilhada pela situação do marido; quanto ella, ardente polaca, havia corado em presença dos seus compatriotas que haviam regeitado alliança com a Russia, e padeciam desterrados, roubados, mas não enfraquecidos na sagrada defeza da terra natal.

A condessa Ubryk vira fenecerem-se lentamente os seus mais bellos annos requeimados pela angustia. A apostazia do marido fôra-lhe o tormento de cada hora. Acolhendo-se á maternidade, ella devia a Barbara, senão o esquecimento, ao menos o turpor de muitas maguas. Mas uma nova lucta começava. A ter de defender a filha, a mãe revelaria coragem sobrenatural.

Que tinha porém a ganhar com isso! Que faria contra a vontade do marido? Não só impugnava elle que a

filha amasse Zolpki, porque o moço lhe não convinha para genro, mas ainda e principalmente, porque a sua politica se expunha. Se Ubryk concedia a filha áquelle fogoso defensor da liberdade polaca, a Russia julgaria que elle se bandeiava com os perturbadores da ordem, e para logo as suspeitas lhe andariam na espionagem. Entre suspeitar e accusar a distancia é curta. A situação que Ubryk alcançara tinha-lhe sido bem penosa. Muitas vezes os polacos incorruptos o tinham accusado de dar o beijo de judas na face da Polonia atraiçoada. Se elle tinha arriscado muito, cumpria-lhe guardar ao menos os beneficios da traição. Ubryk sacrificou sem magoa a felicidade da mulher á sua ambição, e pelo mesmo theor não duvidaria sacrificar a filha.

Resolveu-se emfim a condessa. Pareceu-lhe ceremonioso de mais chamar Barbara e ter com ella uma explicação similhante ao interrogatorio d'um processo de familia. Preferiu simplesmente subir ao quarto da filha.

Barbara ao ouvir o rumor da porta que se abria, deu-se pressa em esconder o papel em que estava escrevendo. A condessa impallideceu ligeiramente; depois, sentando-se n'um sophá, chamou a filha, a qual poz ambas as mãos no regaço da mãe, e esperou. A condessa não sabia por onde começar. Pensativa, afagava os cabellos dourados da filha, perplexa entre perturbar aquelle coração infantil ou revoltar o coração da mulher.

—Que tem, minha mãe?—perguntou Barbara docemente.

—Eu nada, filha.

—Nada!—repetiu Barbara melancolicamente.—Olhe

lá se quer enganar a sua cara filha... Eu bem a vejo a sorrir nas salas; vejo-a coberta de brilhantes que lhe invejam; mas vêl-a chorar... só Deus e eu!

—Tu!

—Eu! sim. E tenho pena que a mãe me não faça sua confidente, e me diga: «consola-me que eu soffro». E creia que eu havia de consolal-a, derramando no seu coração todo o balsamo da minha ternura, fazendo-me creança para lhe chamar o riso aos labios, e o contentamento ao espirito... Meu pai é duro...—disse Barbara, abaixando a voz.

—Minha filha!

—Oh! eu por mim não me queixo. Nunca lhe ouvi palavras asperas... senão uma vez; mas eu conheço que a alma d'elle é aspera... Se a brandura da mãe não fosse tanta, os arrebatamentos d'elle haviam de ser terriveis.

—Espero que tu nunca os mereças.

Barbara não respondeu.

—Em que meditas?—perguntou a mãe.

—N'isto... Estava a pensar se foi minha mãe que escolheu o marido.

—Não, filha.

—Lá me pareceu... Obrigaram-na...

—Nunca tive que soffrer por isso.

—Isso é a boa maneira de fallar a uma filha... A mãe quer que eu respeite meu pai, e por isso diz que não teve pezar de ser sua mulher; póde ser, mas custa-me tanto a... A mãe sendo tão polaca, hade por força soffrer com a situação politica do pai.

—Era outra n'esse tempo.

—Pois sim; mas por isso mesmo a desilluzão e a tristesa haviam de ser maiores.

—Resignei-me... é o dever das mulheres.

—Por que?—perguntou Barbara fitando na mãe os seus grandes olhos.

—Por que o evangelho nos ordena obediencia ao marido, e a lei nos força.

—Eu respeito o evangelho e sigo a lei; mas, na applicação d'estes dois codigos... tenho duvidas.

—Tu!

—Tenho reflectido muito.

—Reflecte, mas não raciocines.

—Por que não?

—Por que nos é prohibido.

—Bem sei; mas não faço caso da prohibição. Quero obedecer a meu marido, quero amal-o muito, seguil-o, ser a metade vivente, pensante e apaixonada do esposo recebido perante o padre; mas quero escolher esse marido que me hade dominar; quero estimal-o, adoral-o antes de lhe sacrificar a vida. E tão pouco admitto o cazamento de conveniencia, como o cazamento de dinheiro.

—Que cazamento queres tu?

—O do amor.

—Meu Deus! meu Deus! — exclamou a condessa, apertando a filha ao coração.

—A mãe deve comprehender isto... O cazamento do amor... a castidade da paixão, a alegria do dever, a escravidão do espirito, e a igualdade da razão, um esposo que é nosso amante, um esposo admirado de todos, que nos ama, que nos adora, e que só de nós é adorado!

—Ai, filha!

—Quer dizer que isto é um sonho? Pois seja. Mas por que não havemos de continual-o com a obstinação do desejo!? A mim parece-me que, á força de vontade, se vence o destino, e o que desejamos se realisa por effeito d'uma lei de attracção moral; eu por mim só me cazarei por amor, por que d'outra maneira nunca acceitarei marido.

—Pobre creança!—murmurou a condessa.

—Não me lamente, approve.

—Quizera, mas não posso.

—Censura-me?

—A mãe não ousa dizer-te que tens razão.

—Isso não póde ser, permitta-me que lh'o diga, não póde ser assim... O que eu penso... é o que a mãe pensa ou já pensou... Se fossemos sósinhas aqui, estava tudo decidido; mas ha um estorvo...

—Um estorvo...

—Meu pai... Sei que elle, fiel ao seu systema imperativo, hade querer impôr-me cazamento que mereça a approvação dos seus chefes, e o suffragio do partido russo... A mãe abaixa a cabeça... entendo-a... não me responde nem eu quero que me responda... é-me doloroso expôl-a a mentir, a mim ou a elle... Veio procurar-me ao meu quarto; isto, á primeira vista, parece simples... mãe e filha tem sempre necessidade de se verem e confiarem insignificancias que são coisas grandes como tudo que pertence ao amor... Entretanto, algum motivo aqui trouxe minha mãe... não me engane. A maneira como me abraçou não era a do costume... O seu lance d'olhos espreitava tudo o que está por aqui... Foi meu pai que

a enviou... Elle que quer? Que eu me caze?... Adivinho que sim. Responda-lhe que eu esperava o ensejo de lhe confessar o que vai no meu coração, e na minha intelligencia... Já estou vendo nos seus labios uma pergunta... Peço-lhe por Deus, que m'a não faça, por que me obriga a responder-lhe... Não lhe esconderei nada por que a amo... A minha franqueza ser-lhe-ia penosa, quando a mãe fallasse ao pai... E' melhor que o não saiba.

—Desgraçada creança!—bradou a condessa.

—Feliz! quer a mãe dizer. Muito feliz, por que o sentimento que me enche o coração dá-me valor para luctar com todo o mundo.

—Excepto contra mim.

—Oh! a mãe, essa hade estar sempre do meu lado —exclamou Barbara, lançando-se-lhe nos braços.

E a mãe, abraçando a filha com ardente carinho, beijou-lhe a fronte e os cabellos; ao passo que Barbara lhe agradeceu o abraço tão violentamente commovida, que a pobre mãe comprehendeu a profundeza do mal. Que dizer-lhe? Obter a completa confissão de Barbara era facilimo. Mas que fazer a esse segredo! Confial-o ao marido? Expôr a filha ás iras d'um homem que tão máo havia sido para ella! A reticencia de Barbara era bem mais habil e politica. A mãe adivinhava a esposa... não era obrigada a trahir. E mais tarde, qual viria a ser a sorte de Barbara? Ninguem podia sabel-o. O que desde já cumpria era salval-a da situação presente; quanto ao futuro, a providencia.

—Que heide eu dizer a teu pai, a respeito de...

—Do cazamento que elle me propõe?

—Sim.

—A mãe inda me não disse quem é que me pertende.

—O conde Rastoi.

—Respondo simplesmente que não cazarei com um russo.

—Deus queira que teu pai se dê por satisfeito com essa resposta.

—Hade dar provisoriamente..

E nada mais disseram. Abraçadas uma n'outra, assim passaram a tarde.

O conde, vendo que a mulher não vinha, concluiu que as negociações se complicavam, e que era chegada a hora de pôr a sua auctoridade na balança.

Subiu; e, quando subitamente empurrou a porta, viu Barbara reclinada ao seio da mãe e brandamente embalada por ella como se faz ás creanças quando se lhes acalenta os vagidos. A condessa levantou-se quando ouviu o marido.

Crispou aos beiços de Ubryk uma pergunta; mas a esposa deu-lhe o braço e levou-o comsigo; e, como elle tivesse pressa de saber o acontecido, sahiu do quarto sem dizer nada á filha. A anciedade da mãe, e o silencio de Barbara dobraram a inquietação de Ubryk.

Quando porém se achou a só com a condessa, em vez de ouvir alguma coisa positiva, escutou phrases anodinas, vagas promessas, fluctuações é divagações sem fim.

—Muito obrigado, sei tudo—disse elle seccamente.

Sahiu, e só voltou á hora de jantar.

Havia um certo embaraço e desconfiança em toda a familia.

O conde jogou o xadrez com a filha, contrafez alegria muito inversa das disposições de seu espirito; e, terminada a partida, disse que estava fatigado e ia recolher-se.

Barbara deixou rapidamente a mãe.

—Toca a rebate no campo—disse ella—O que irá agora acontecer.

E entrou nos seus aposentos muito perturbada.

Como quer que fosse, os diversos rumores da casa extinguiram-se como sempre a pouco e pouco; e ella esperava que o completo silencio lhe permittisse sahir para ir ter com Zolpki.

Desceu as escadas com precauções infinitas, saltitou pelas aleas do jardim, e sumiu-se atraz dos macissos.

Um momento depois, ouvia o bater do coração de Ladislau.

—Como o teu seio pulsa! E' de jubilo? — disse elle.

—Meu amado — respondeu ella — O jubilo do presente não me esconde as tristezas do futuro... Aquelle anjo da minha mãe propoz-me um marido por ordem de meu pai... Já sabes que recusei... Minha mãe protege-nos... Primeiro, emquanto o silencio for possivel não diz nada; mas depois, defende-nos... Meu pai é cruel e obstinado... Não me hade perdoar nunca este amor.

—E que farás tu?

—Pedirei a indulgencia do céo, e continuarei a amar-te.

—Ah! a minha linda corajosa!

—Até á morte—ajuntou ella.

– Até á morte!—repetiu Ladislau.

—Não hão de esperar tanto tempo!—disse uma voz convulsiva de raiva.

E, ao mesmo tempo, o conde Ubryk assentou sobre o hombro de Zolpki a sua mão pesada, exclamando em voz cava:

—Corruptor de donzellas illustres! covarde ladrão que entras no gremio das familias pela porta falsa! a deshonra nunca denegriu mulher da minha familia, e Barbara não será tua victima.

—Senhor conde,—respondeu Zolpki—estou em sua casa, entrei aqui de noute como um ladrão, a minha vida está ás suas ordens... Mas eu amo sua filha extremosamente; e, receiando ser repellido por v. ex.ª, dirigime a ella, cuidando que assim conseguiria abrandar-lhe o coração.

—Vou matar-te, que posso por direito fazel-o.

Barbara atirou-se de joelhos aos pés do pai, clamando:

—Perdão, perdão! que eu amo-o!

—Ousa confessal-o?

—Confesso, proclamo-o, digo-lhe em alta voz que o amo. Se meu pai o fere, o mesmo golpe me dará a morte!

A pallida menina quiz arrancar a pistola da mão do pai; mas Ubryk repelliu-a tão brutalmente que a fez cahir em cheio e desamparada no chão.

—Mate um homem—bradou Zolpki, mas não mate essa creança!

Instantes depois, já Barbara se abraçava ás pernas do pai, e lhe dizia entre soluços estas palavras maviosas:

—Piedade e perdão para elle e para mim... Que póde fazer, meu pai, contra um amor tão forte? Nenhum de nós tem culpa. Se me separa d'elle, mata-me... Mas esta fria crueldade não póde têl-a um pai... Não me condemne, não, meu pai?.. Olhe que eu sou a sua unica filha... não me repulse assim... ó meu querido pai!..

—Calla-te!—bradou o conde.

—Barbara!—disse Ladislau—os teus rogos são inuteis... Estou condemnado... Não exacerbes a irritação de teu pai.

O conde apontou a pistola á fronte do moço.

—Sabes que vais morrer?

—Sei.

—Não te queres defender?

—Contra o pai de Barbara, nunca.

—Eu é que o defendo!—exclamou ella.

—Sacrilega!—bradou o pai.

—Zolpki, eu não quero que morras!—repetiu ella—abandona-me antes; que a minha vida se perca... Sacrifico a ti o meu proprio amor... Vive para o teu paiz, para a tua cara Polonia, para todos os que tu amparas com a esperança! Meu pai, se eu desistir de o amar, não o mata?

—Não.

—Bem... não o amarei...

—Nem o verás mais?

—Nunca mais.

—Antes quero a morte—interveio Zolpki — que ouvir-te dizer que me não amas.

—Adeus! adeus!—clamou ella—Não tenho a sacrificar-te senão a minha futura felicidade... Essa te dou...

—Escuta, Barbara—disse o conde—a minha vontade é immutavel... A'manhã entrarás no convento.

—Entrarei, meu pai.

—Será eterno carcere em expiação de tua culpa.

—Acceito.

—Considerar-me-has um executor da justiça familiar.

—Agradeço-lhe a vida de Ladislau.

—Saia!—disse Ubryk a Zolpki — salvou-o a obediencia d'ella.

—Ah! Barbara! — tu nunca me tiveste amor!.. — exclamou o moço.

A infeliz saltou-lhe aos braços, d'onde o pai a arrancou de repellão, lançando Zolpki fóra do jardim.

Quando voltou, Barbara, rigida e inanimada, estava cahida em terra.

Ubryk tomou-a nos braços e levou-a á camara da mãe.

—Aqui está como educaste tua filha—disse elle—encontrei esta amorosa no jardim, em galante entrevista com Zolpki. A'manhã leval-a-hei ao convento das carmelitas.

—Oh! tu não praticarás semelhante crueldade!—exclamou a mãe.

—A'manhã—repetiu o conde.

No dia immediato a nova da entrada no Carmêlo da formosa Barbara não era a unica de que a sociedade se preoccupava. Ao mesmo tempo era preso em sua casa, sem processo algum, o joven patriota Zolpki e conduzido ninguem sabia onde; talvez encarcerado n'alguma fortaleza.

VI

MORTA E VIVA

Chegou o dia da profissão religiosa de Barbara. E ella, no seu cenobio, contemplava com infinita amargura o vestido branco da ceremonia. Uma apoz outra, examinou a saia de seda com flacidos refêgos, a corôa de flores de larangeiras e o véo de filó que devia cobrir-lhe o rosto. Não cuidou ella de vestir aquelles trajos em ditosos dias? Quantas vezes, em frente do seu espelho, no palacio de Ubrik, frizando as tranças d'oiro, ella dissera entre si que seria vaidosamente ditosa no dia em que cingisse na fronte o diadema nupcial! Mas, n'aquelle tempo, antolhava-se-lhe que a vista magica de Zolpki a banharia de luzentissima ternura, em quanto uma grata impaciencia lhe faria parecer longa a hora de desfolhar entre seus dedos aquella corôa. Figurára-se-lhe roçagar no pavimento marmoreo da egreja a sua cauda de

setim, em quanto familia e amigos commovidos da sua ventura, a viam perpassar, e faziam votos pela duração de sua felicidade. Era certo que parentes e amigos a esperavam já na egreja; já flores e cirios exornavam o altar, e as galas da noiva estavam promptas; mas a noiva esperava Christo, e as vestes do noivado iam ser trocadas pela mortalha.

Barbara havia jurado de entrar no convento: cumprira. A vida de Zolpki valia bem o holocausto da sua vida toda. Mas o absoluto silencio de homem tão amado perturbava-lhe ás vezes o animo. Barbara não podia deixar de sentir que elle tão depressa se resignasse a perdel-a! Ainda assim, nenhum queixume murmuraram seus labios, nem no coração a magua do resentimento; porém, uma vaga impressão de desencantamento a impelliu mais facilmente a curvar-se á regra claustral.

No dia seguinte ao da sinistra scena no jardim, o proprio conde levou a filha ás Carmelitas. Não consentiu que a mãe a acompanhasse, e declarou que a condessa só no palratorio a veria.

Sosinha e com stoica valentia supportou Barbara a primeira provação. Invocando em seu soccorro a força moral, o seu amor, não esmoreceu nem hesitou. O adeus que disse ao pai foi glacial: era, desde aquelle momento, um homem morto para ella; mas soffreu horrivelmente por não poder abraçar a mãe. A esperança de a vêr no locotorio não lhe era consolação. Ella sabia que uma freira escondida atraz d'uma cortina assistiria ás suas conferencias; tambem sabia que as grades serradas e espessas lhe não deixariam se quer apertar a mão de sua mãe. Oh! aquella expiação d'amor era uma bem com-

pleta condemnação de morte! A idéa de martyrio tamanho soffrido pelo homem da sua alma era-lhe amparo. A gloria do moço lhe seria galardão do sacrificio; e a Polonia lhe deveria a ella o seu heroe e talvez o seu libertador.

O primeiro anno de noviciado passou-o Barbara como um sonho tormentoso. Não tendo sido levada ao claustro pela vocação, obedecia pelo dever com aquella pontualidade que empregam nas coisas minimas as pessoas incapazes de descerem a pedir desculpa.

As postulantes são nos conventos tratadas com especiaes cuidados que se tornam mais intimos e meigos quando ellas passam a noviças. Ha então empenho em attrahil-as carinhosamente a Deus, tratal-as com privilegiado amor, e persuadir-lhes que ellas são objecto d'uma preferencia divina.

A boa mestra de noviças deve fazer quanto em si couber por persuadir ás meninas que dirije que é a vocação o seu impulso. Quer ellas hajam entrado no convento por que a pobresa as privou de marido, quer entrassem victima d'uma paixão impossivel, pouco importa. Concluido o anno de noviciado, o ponto está em fazel-as caminhar ao holocausto com a alma enternecida, deslumbrada, e fascinada.

Facil coisa é dominar a imaginação d'uma noviça. Bastam a commovel-a vivamente a poesia e magestade do culto catholico; depois a religião suavisa-se-lhe rodeando-a de poderosos attractivos; uma candida vaidade, certas porfias piedosas prefiguram-lhe nas perspectivas do céo um throno a conquistar.

«Quando os anjos rebeldes cahiram, ficou vago o

lugar d'elles, esperando homens, mulheres e virgens, que victoriosos do mundo e do peccado haviam de ganhal-as com vida casta mortificada e pobre».

E' o que diz a mestra de noviças: Respiga nos sanctos padres os trechos admiraveis que laureiam a virgindade; touca as donsellas de lyrios do céo, dizendo-lhes que hão-de ir no seguimento do esposo celestial: «*As virgens seguem o Cordeiro por onde quer que elle vae*». A noviça é rodeada, premida, envolvida, em tudo que possa abafar-lhe a reacção da vontade. Tiram-lhe a individualidade. Perfumam-na com as vaporações do incenso. Infraquecem-na com os jejuns para lhe exaltarem o espirito, aturdem-na de poesia cujo lyrismo se desata em paixões divinas, marasmam-lhe os sentidos; illucidam-lhe a vista da alma, bafejam-lhe ao coração as delicias de extasis de modo que, findo o anno da prova, todo levado em seducções misticas, a noviça vai de bom grado immolar-se; Efigenia christan submette o collo ao cutello; e, mais altiva que a filha de Jephté, não deplora a sua virgindade no cimo da montanha. O jubilo de entregar a Deus o corpo sem macula liga-se a uma hombridade modesta. E mais tarde verá com piedade, senão com despreso, as mulheres que seguiram as leis ordinarias da vida.

Barbara foi menos flexivel á mestra de noviças do carmêlo. O seu silencio, e observancia glacial das regras, impressionou notavelmente soror S. Xavier. N'aquella noviça adivinhava-se, sem vêr-se, um coração empedrenido. A mestra, tentando obter a confiança da nova pensionaria, interrogou-a muitas vezes. Barbara respondia que a sua consciencia estava em paz, e que sómente o

seu confessor podia lêr-lhe na alma. Mas, se o confessor a interrogava, Barbara incerrava-se n'esta formula:

«Nenhum peccado me dá remorsos: acceitei passar a minha vida entre as carmelitas.

Queriam-na porém mais confiada, mais expansiva; e houveram de contentar-se, reconhecendo que Barbara observava admiravelmente a regra, mostrando-se agraciada com as companheiras, respeitosa com as superioras, e paciente em tudo que intendia com os lavores da casa. Desvelaram-se durante semanas em fatigal-a com rudes trabalhos: ella cumpriu-os sem queixar-se, não tão serena quanto se diz da predistinação das sanctas, mas com um absoluto desprendimento de si propria. Foi afinal forçoso conhecer que Barbara era exemplar.

E todavia era menos amada que as outras. Não se prestava a intimidades. Havia n'ella frieza inacessivel ás confidencias das outras.

A vida claustral, aquelle regular mecanismo de existencia, iam-n'a vencendo sem que ella desse tento. Ao vestirem-lhe o habito, entendeu que a amortalhavam: deixou-se vestir. Não lhe chegava nova alguma do mundo, nenhum ecco lhe repetia o nome de Zolpki. Debruçou-se sobre um abysmo moral, e fez quanto pôde por se engolphar. A revolta interna acalmou-se. Acceitou o martyrio que era a continuação d'outro. E chegou a esperar remoto contentamento, vendo que a maior parte das suas companheiras eram feliz.

A mestra de noviças deu logo tino d'esta mudança.

«A graça actua sobre esta menina, — disse ella á prelada—Havemos de fazel-a vaso de eleição.

A prelada sorriu duvidosa.

Findou o anno. Barbara devia professar. Esta idéa já a não espavoria. Tantas vezes lhe diziam que logo que se entregasse a Deus se havia de sentir mudada—como Paulo fulminado na estrada de Damasco, a ponto de volver-se discipulo quem tinha sido perseguidor de Christo—que ella chegou a anciar a hora em que morresse a si e ao mundo.

A memoria de Zolpki ainda lhe vivia na alma á semilhança d'uma visão celeste divisada por entre as neblinas d'um sonho... E doce lhe era o sonhar, que mais tarde e mais no alto havia de encontral-o, para o amar sem pavor nem pejo no eterno amor do céo.

Muitas vezes sua mãe tentara, mas debalde, abrandar o conde de Ubrik.

«Heide perdoar-lhe, no dia da profissão—dizia elle.

Quanto áquella terna mãe, perdoada já ella tinha ha muito a imprudencia da filha.

Chegado o dia solemne, a condessa Ubrik enviou os ornatos de noiva ás carmelitas. Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve.

Soror S. Xavier, com duas bellas noviças, entraram na cella de Barbara emquanto ella tristemente contemplava aquelle vestido.

—Vamos! —disse a soror. —O orgão já toca e os thuribulos queimam o incenso. Nunca tamanho concurso de fieis e estranhos se viu em nosso mosteiro. Trate de vestir-se, minha filha, que o divino esposo a espera.

Despiram-lhe o pesado vestido de burel, e logo a mulher em todo, o esplendor da belleza, radiou n'aquelle pobre cenobio. A seu pezar a formosa estremeceu como se tivesse saudades da sua belleza... Nunca mais aquel-

les braços de jaspe, aquelles admiraveis cabellos seriam vistos por olhos humanos: a noite e a morte iam tragar tão divinos primores... Quando se viu no espelho, receiou perder o alento.

A propria mestra de noviças, espantada de fórmas tão perfeitas, murmurou esta phrase do cantico dos canticos:

«O' minha bem amada, tão bella que tu és, e tão sem macula!»

—Como este vestido te vai bem!—disse uma noviça, chamada Santa Angela.—Pareces-te tanto com as Madonas de Italia!

—Deixa-me cingir esta corôa nos teus lindos cabellos—ajuntou a morena soror das Cinco Chagas com jubilo infantil.—Ah! que feliz tu és em professar... A mim fazem-me esperar, e ha tanto tempo que suspiro pelo esposo amado...

As duas meninas Santa Angela, e Cinco Chagas empregavam encantadora garridice no cuidado de vestir a companheira. Uma, alma ardente, innocente e exaltada, imaginava-se predestinada a gosar os extasis de Thereza de Avila; a outra, meiga e triste, passava á orla do altar infinitas horas absorvida no sentimento da presença do seu Deus. Pombas amorosas, volitavam ao Tabor, e pensavam no santissimo deleite da transfiguração.

Barbara sabia que tinha de subir a encosta do seu Golgotha.

Era bello vêl-a com o véo ondeante sob a corôa das flôres e envolta nas magestosas dobras do alvissimo vestido.

Todas as pompas mundanas haviam entrado no convento, por que aquelle dia era festa do céo, e espectaculo curioso para a terra.

Estava cheio o templo. No arco do altar mór via-se um genuflexorio de velludo sobre o qual a profitente ajoelhou. Quando ella appareceu, fez-se um rumor de piedade e assombro. No seu rosto sempre a mesma expressão fria; porém, quando viu a mãe, resvalaram-lhe no rosto duas lagrimas que enxugou com o véo.

Principiou a missa, bem rapida para a profitente. Era chegado o momento supremo: o terror parecia suffocal-a.

Subiu o padre ao pulpito, exaltando a ventura da noviça eleita para as bodas de Jesus, apontando-lhe no céo a corôa e palma que a esperavam; e, ao mesmo tempo que os assistentes compadecidos pediam a Deus a felicidade da professa, Barbara sentia-se fallir de coragem.

Chegou em fim o momento fatal. A mestra de noviças aproximou-se da profitente; as duas postulantes ladearam-na, e a prelada sahiu á frente levando na mão uma grande thesoura. Santa Angela tirou-lhe o véo e a corôa de flôres. A prelada desatou-lhe os cabellos por sobre as espaduas: dir-se-hia então que um manto d'oiro fluctuante, fluido, admiravel envolvia a virgem.

Um grito estridente estrugiu d'entre a multidão: era a condessa Ubryk que desmaiava.

Aquellas peregrinas tranças, aquellas rutilantes espiraes que outr'ora com tanto amor alindava perfumando-as, trançando-as, estrellando-as de flôres e perolas, iam ser cortadas sem piedade!

O gemido de sua mãe angustiou tão profundamente Barbara, que se voltou de subito sobre o seu genuflexorio, e durante minutos mostrou a face á multidão. Oh! como foi triste vêl-a colher dos labios humidos de lagrimas nas pontas dos dedos tremulos um beijo que enviou á mãe!

Mas... máo foi que ella assim provasse que não estava inteiramente morta para as coisas d'este mundo, por que a madre Xavier, lhe disse em tom reprehensivo:

—Em que está a pensar?

Barbara curvou o collo, e a thesoura ringiu-lhe no cabello... Um momento depois, aquella onda loura jazia em terra ennovellada e morta.

E, quando as tranças cahiram, Cinco Chagas poz-lhe na cabeça um véo negro, e encaminhou-a á sacristia.

A infeliz não pensava: ía inerte, deixava-se levar.

Despiram-lhe o vestido de noiva, vestiram-lhe o habito do carmo, sem que ella fizesse algum movimento que lhe não fosse ordenado. Vestida de carmelita, olhou para si, e não se conheceu. Mas era bem ella! pallida, anjo de infortunio, com o duplo encanto da desgraça!

—Como ella é ditosa!—dizia soror Sant'Angela.—Tambem eu heide assim estar, semi-morta de sanctos deliquios no dia da minha profissão...

—E eu por mim—murmurou soror Cinco Chagas—cantarei o *Nunc dimittis* com o transporte das esposas escolhidas.

—Vinde!—disse a mestra das noviças dando a mão a Barbara.

As duas noviças, vendo que ella caminhava a cus-

to, abraçaram-na pelos hombros, e assim a levaram, esmaecida, mas formosa d'aquella morbideza.

Entrou no templo.

A' volta d'ella as freiras regougavam soturnamente.

N'esta ceremonia o minimo enthusiasmo esmoreceu.

Levaram a professa ao centro da egreja; mandaram-na ajoelhar n'uma alcatifa; e prostrar-se.

Barbara abaixou-se, colou a face ás lages, cruzou os braços, immovel, aspecto de cadaver.

Cobriram-na do crepe funeral.

E o canto *de-profundis* reboou, no templo, sublime e terribilissimo!

Barbara tiritou debaixo do crepe. Parecia-lhe que cada palavra d'aquelle plangente cantar lhe pregava o caixão que ia descer ás profundezas sem fim.

Desde este instante, perdeu a consciencia de si. Fez-se parte n'aquella corporação austera e despotica. Não lhe restava impulso minimo de vontade propria. Esqueceram-lhe as horas durante as quaes ella anhelára aquelle morrer... Sentiu tentações de erguer-se, sacudir a mortalha, e gritar:

—Estou viva! estes responsos funebres não são por mim!

Mas que escandalo não seria este desespero! Que vergonha para sua mãe! Que colera para o pai! E Zolpki? Zolpki de certo pagaria com a vida a covardia de Barbara, que teve um dia o orgulhoso pensamento de o salvar!

E cahiu, como expirante, no momento em que acabou o ultimo versiculo.

Ergueram-na.

A ultima palavra do seu destino estava dita.

Levaram-na ao locutorio.

Esperavam-na a condessa e o conde de Ubryk.

A mãe abraçou-a desfeita em lagrimas.

O conde disse-lhe em voz baixa:

—Estás perdoada.

E ella nem se inclinou nem respondeu a taes palavras: ficou de gelo para o perdão; mas apertou ao seio a mãe com a vehemencia da suprema ternura.

A prelada cortou estas expansões; por que, ao fim d'um quarto de hora, a freira devia deixar a familia, e ir tomar posse do seu cubiculo.

Estamos em um recinto quadrado, de tabique com janella para um pateo, e com o unico horisonte d'um alto muro. Um leito de bancos coberto com uma manta, uma cruz, uma banquinha e algumas vasilhas de barro: eram o adorno da cella. Tudo ahi era frio de trespassar. Havia mais um craneo, e uma imagem de Santa Barbara com uma espada na mão, e a torre na outra grudada no tabique. A vista não achava ali nada consolativo. Era tudo assellado de soffrimento rigido sem compensação, nem allivio. Era ahi o reduzir-se hora a hora a pó o corpo em martyrio vagaroso, em lenta consumpção.

—Filha!—disse a madre S. Xavier—a porta d'uma cella é a entrada do céo.

—Basta que seja a entrada da sepultura—disse Barbara.

Esta phrase destoou nos ouvidos da freira; mas, reflectindo, cuidou que a julgara erradamente. Talvez

quizesse dizer que pela sepultura se entrava no caminho do céo.

—Deixo-vos com o Salvador—tornou a mestra—os grandes jubilos querem-se saboreados em silencio.

Barbara inclinou a cabeça sem responder.

A porta fechou-se surdamente.

A nova carmelita estava em fim sosinha.

Relançou um olhar espavorido á gélida tarima, achegou-se á janella gradeada como a dos carceres, circumvagou por tudo a vista n'uma especie de muda desesperação, depois, de repente, em extasis da sua indole apaixonada, cahiu em joelhos, tomou o crucifixo entre as mãos, e colou os labios nos pés traspassadas de cravos.

—Consola-me, Senhor!—balbuciou ella—que me sinto desfallecer; ama-me, que a minha sêde de amor é inextinguivel. Dizem-me que d'hora ávante és meu esposo, meu confidente e pai... Remunera-me de tudo que perdi: a mãe que me chora, e o amado que eu invoco. Jesus, sede-me Jesus! Não vim aqui espontaneamente... atiraram-me ao teu altar como se atira ao açougue a ovelhinha boa para a degolação... Eu amava um homem, amava-o quanto se póde amar... Toda a minha alma lhe dei... meu peito ardia bafejado pelo seu halito. Sou ainda pura; e, ainda assim, a minha virgindade já não é como a de minhas innocentes irmans. Acolhe-me, absorve-me, engolpha-me no abysmo das tuas ternuras, esconde-me na chaga aberta do teu coração. Eu quizera ser uma digna carmelita, e cumprir por dever o que os outros cumprem por vocação... N'este mundo tenho-te só a ti, Jesus! e no outro serás tu tambem. Sou a tua

serva, a tua filha. Faz de mim a tua dilecta. Attrai-me ao sanctuario das tuas delicias... Que os divinos extasis do teu amor deslumbrem até a lembrança de outros amores transitorios.

Barbara calou-se suffocada pelos soluços.

O chorar deu-lhe allivio. Quando desceu ao refeitorio, parecia socegada.

Deram-lhe legumes cosidos sem sal: não os tocou. Dispensaram-na. N'aquelle dia era Barbara a predilecta da casa. Agradeciam-lhe ter sido causa de vir ao templo tanta gente com tão ricas esmolas. Se alguma nuvem escurecia o espirito da freira, era cedo para reprehendel-a.

Barbara cantou em côro; depois, tornando á cella, adormeceu alquebrada pelas commoções do dia.

No dia seguinte sentiu-se algum tanto consolada, pensando que o seu destino estavà decidido. Era, pois, tudo acabado. Nem já esperar lhe era permittido. A serenidade succede sempre a uma certeza, boa ou má.

A anciedade é a maxima das torturas. Se eliminassem a prisão preventiva e o tribunal, a pena de morte seria quasi nada: não aterraria o paciente, nem os carrascos, nem os juizes.

Portanto esforçou-se Barbara em sugeitar-se á sua vida, achando-a supportavel.

Não havia fugir-lhe: tanto montava acceital-a como regeital-a. Esperou a visita do divino esposo; e no entanto curou de tranquillisar-se e esmaltar a vida de mil visões occultas. Ao ler a *Legenda dos sanctos* exaltavam-se-lhe as esperanças. Quando estava sosinha no seu cenobio, almejava a visita do seraphim que devia traspas-

sar-lhe o coração com a sua frecha ardente, e chamava o esposo que devia dar-lhe o annel que Santa Catharina do Sena recebera do Salvador; e espiritava as forças do cerebro, e os nervos do corpo n'aquelles radiosos inlevos que transfiguram o semblante, e vaporisam a alma.

Muitas vezes, depois das noites passadas sobre o grabato de seu leito, despertava com o corpo macerado, todavia, sorrindo. E' que sonhára que um anjo a tomava nos braços, á imitação dos cherubins nas assumpções da Virgem. E aquelle anjo tinha uma vaga semelhança com Zolpki—Estranha analogia que ella não podia comprehender.

A belleza de Barbara tinha o que quer que fosse extranhamente novo.

A prelada e a mestra de noviças contemplaram-na um dia, e a primeira perguntou:

—Que faremos d'esta menina?

—Uma contemplativa de certo—respondeu a madre S. Xavier.

—Pois sim, uma crucificada, ou esposa do cordeiro.

—Crucificada... mas ella é tão bella!

—Veremos—disse a prelada meditando—Até hoje não pude formar idéa bastante exacta do seu caracter; e, apezar da sua sagacidade, parece-me, minha irman, que não está ainda bem segura da direcção que devemos dar a esta joven santa.

—Não seria melhor que ella escolhesse?

—A prova tem perigos.

—Mas decisiva... Quando Barbara souber o que são as noites da Penitenciaria, então será occasião de introduzil-a no *jardim das delicias*.

—Pensa bem. E no entanto, — ajuntou soror Xavier—continuarei a purifical-a na devoção.

—Quanto puder... soror das Cinco Chagas parece-me que voeja nas alturas do céo, como casta pomba.

—E' preciso reprimir-lhe o zêlo.

—E Santa Angela?

—Passiva, um tanto fraca, crendeira, e facil de modular-se como cera.

—Nas suas praticas com Barbara, mostre-lhe a entrada do cenaculo como elevada recompensa. Faça que ella deseje ardentemente a iniciação nos nossos misterios... uns dolorosos, outros gosozos, passando dos mais crueis aos mais suaveis... Cite-lhe passagens escandecidas dos santos padres, que, encarecem a castidade e a paciencia, principalmente S. Jeronimo; dê-lhe a lêr o *Cantico* de Salomão: é preciso que esta alma em tormentas de não sei que tempestade se nos entregue sem reserva alguma... E' preciso.

Soror Xavier sorriu-se, fez a reverencia, e sahiu.

A prelada era mulher de cincoenta annos, refeita e robusta, apezar do regimen da vida carmelitana. Parece que os estatutos não enfraqueciam aquella vigorosa natureza. Testa estreita, bocca grande e sensual, nariz dilatado, barba carnuda, eram feições que davam á sua phisionomia um complexo de traços lascivos corrigidos pela uncção dos olhos e brandura da voz. Se esta mulher vivesse na sociedade, haveria muito quem dissesse ao vêl-a:

—Que paixões não irão ali, e que tempestades não terá desencadeado aquella mulher!

Todavia, como ella era freira, os juizos eram outros, assim exprimidos:

—Que appetites, e que sedes voluptuosas ella não terá vencido antes de chegar áquelle abatimento!

Sujeitaram pois Barbara, sem que ella o suspeitasse, a um regimen moral e religioso. Prepararam-na para a visão e para a vida contemplativa. Prestou-se innocentemente áquella educação monastica, comprazendo-se no marasmo e enervamento das suas noites, e no perdimento, durante os trabalhos do dia, das lembranças do mundo.

Era-lhe prohibido vêr a mãe. A porta que se fechara nunca mais se abriria. Como lhe disseram que não tinha perspectiva senão a do céo, forcejava por alcançal-a. Jejuava, orava, trabalhava, cantava no côro, observava perpetuo silencio, e deixava ascender a sua alma como ave solta para além do espaço e do tempo. Suspirando por vêr ainda Zolpki na eternidade, ceifava palmas de martyr e santa. A prelada louvava-lhe o fervor, e as companheiras amavam-na. Cinco Chagas e Santa Angela invejavam-lhe a dita de ser tão favorecida da graça da prelada, e da mestra das noviças. Mau grado seu, Barbara, bem que não fosse orgulhosa, deixava-se brandamente emballar d'estas lisonjas. E quanto a lisonjas, não as ha ahi mais idoneas para seduzir almas tenras, que exaggerar-lhes as perfeições, e crêl-as dignas do amor d'um rei, e das nupcias d'um Deus.

Promettiam a Barbara como galardão do seu fervor admittil-a na primeira assembléa de penitencia. Para isto era-lhe mister edificar grandemente a communidade, afervorando-se mais. Esta iniciação era retardada

até se confirmarem as virtudes das recentes professas; e sobre tudo havia n'isto o proposito de lhes sondar as disposições e obter a certeza de que ellas se não recusariam á celebração dos sagrados mysterios, os quaes, no dizer da prelada, indicavam a verdadeira predestinação das carmelitas.

VII

O RECINTO DA PENITENCIA

É noite.

Uma lampadazinha alumia froixamente o corredor do convento das carmelitas.

O som d'uma sineta, funebre como a toada da campainha que tange no viatico, tilintava a espaços e lentamente. Vão-se abrindo as cellas das freiras uma após outra. Algumas perguntam em tom afflicto o que vai acontecer. As professas novas tentam em vão que as velhas religiosas lh'o digam. Grande numero d'ellas caminha ao longo do dormitorio, com aspecto de medo. As duas noviças Santa Angela e Cinco Chagas vão pressurosas, procurando Barbara, que as espera transida do espanto causado por umas palavras ouvidas na vespera. Não póde recuzar-se áquella reunião; mas segue-a com visivel repugnancia.

E a sineta vaí tangendo sempre...

Uma a uma, seguindo aquella melodia da noite e da angustia, semelhante ao *Angelus* pelo som argentino, e ao dobre a finados pelo lugubre das notas, as freiras descem as escaleiras de granito. Reina ainda escuridão quasi absoluta. A prelada desinvencilha uma chave da cintura, abre uma porta de dois batentes, e as monjas penetram n'um vasto recinto. A meia-treva que ahi se condensa não deixa desde logo entrever o local onde estão.

São enormes as dimensões d'aquella quadra. Dá a lembrar um salão de tribunal. Ao ver a variedade de esquisitos objectos que ahi se amontoam, lembra se aquillo será um dos horrendos subterraneos que a inquisição decorava de instrumentos de tortura. Com a differença, que a inquisição agarrava da victima para acorrental-a ao potro, e ali—phenomeno incomprehensivel!—a victima supplicava aos algozes que a iniciassem nos misterios da flagellação.

As paredes negras não recebiam o menor reflexo da lampada pendente ao meio. Só de longe a longe uma faisca argentina reverberava em malhas de ferro d'uma camiza semelhante á cota dos cavalleiros, ou as puas das sandalias de ferro tremeluziam scintillações.

As religiosas entoaram o plangente psalmo do *Miserere.*

Esta poesia vibrante de gritos de angustia, conclamada na escuridão por mulheres prostradas com os braços em cruz e o rosto no pavimento, era horrivel de ouvir-se!

A intervallos, a voz da prelada sobrelevava a das

freiras: era quando o poema de David tinha palavras mais analogas á situação.

—*Asperge-me com o hyssope para que eu me purifique.*

E as freiras respondiam :

—*Asperge-me, e eu serei mais branca do que a neve.*

Concluida a psalmodia, a prelada ergueu-se.

Com os labios crispantes, a fronte livida de pythonisa, soffreando a voz secca e soturna, fallou assim ao rebanho curvado a seus pés:

—E' chegada a hora do sacrificio, sanguinolento como o do Calvario... O Senhor não quer hecatombas de cordeiros, e de novilhas: quer que suas filhas se lhe sacrifiquem até ao sangue... Vós não sois esposas d'um Deus de gloria, mas do Christo agonisante no Calvario. A' luz celestial, radiada de vossas chagas voluntarias, é que sereis reconhecidas no dia final! Concentrai toda a vossa fé, espertai toda a vossa coragem, meditai na constancia das martyres bellas, novas e delicadas como vós. Quem não quer aguentar sua cruz é indigna de mim, diz o Senhor. O' virgens, salpicai de sangue vossas palmas e arnezes. Invocai o martyrio como um favor, implorai força para soffrer dôres excruciantes, afim de vos tornardes mais dignas dos amplexos do esposo... De sobre as ruinas do corpo é que a alma se levanta explendorosa. Odiai a carne para adquirir immortal recompensa. A sexta feira é o anniversario da morte de Jesus; morrei tambem, ou ao menos roçai nos labios o calix d'amargura. Estendei as mãos aos cravos, as espaduas á cruz, deixai escorrer sangue por pés e braços;

e, santamente cruéis comvosco, alentai-vos, fortalecei-vos para uma nobre porfia. Quem me dera ver-vos a disputar as lancinantes dôres do Deus do Golgotha, e com as mãos abertas para mim a imploral-as... O' vós, que conheceis as amargas delicias da mortificação! Vós que conheceis a paga que Deus vos dá, e cujos deliquios vos egualam ás santas, vinde exclamar com Santa Thereza: *Soffrer ou morrer!* Vinde repetir como S. João da Cruz: *eu fui recaldeado no amor, como em fragoa.* Vinde! ardei! soffrei! morrei! se quereis ganhar o direito de reviver.

A prelada fez uma breve pausa.

As freiras ergueram-se vagarosamente.

Algumas acocoradas ficaram com as mãos cruzadas sobre o peito, outras, pendendo a fronte, punham as mãos supplicantes; e as mais ardentes estiravam os braços para a prioresa.

Barbara escutou aquillo tudo estupefacta.

Cinco Chagas sorria em extasis, e Santa Angela tremia de impaciencia estendendo as alvas mãos para a prelada que proseguiu:

—Meditai nas agonias do Christo no jardim das Oliveiras... Elle, em resgate do mundo, offerecia-se como victima, e comtudo, tamanho é para a humanidade o preconceito da dôr phisica, que bradou: *Meu pai! affasta de mim este calix!* E ferindo-se no peito recebia a paixão inexoravel como um decreto da justiça divina... Não calculeis sobre a vossa fragilidade... Eu sou forte n'aquelle que me fortalece, diz S. Paulo. Cada uma de vós peccou: fira-se cada uma no proprio seio. As que se persuadem possuir ainda a innocencia baptismal expiem os cri-

mes do mundo que se condemna a esta hora em que nós soffremos... *Mea culpa! Mea culpa!*

E então uma religiosa saltou para o meio da sala, pegou da pedra suspensa na correa de coiro, e deu com ella tão fortemente no peito que soluçou um rouco gemido. Mas este grito de dôr, longe de atterrar a companheira, pareceu reanimal-a de tão viva inveja que cahiu por terra extenuada de soffrimento, espumando sangue.

E para logo irromperam todas n'um brado de *mea culpa* homicida; porém a voz da prelada dominou os gemidos das pacientes, clamando assim:

—Quem dirá as agonias do Salvador na noite antecedente á sua morte? Vêde-lo errante de tribunal para tribunal? Aqui, vestido com tunica de histrião; ali, esbofeteado por um soldado; por toda a parte, ludibrio de apupos, de escarneos e desprezos! Eil-o chega a casa de Pilato, do covarde, que o acha innocente, e sacrifica-o, não ao urrar do povo, mas ao medo dos romanos de quem depende! Este homem está innocente, diz elle; e comtudo consente que o flagellem. Vêde-o, arrastado pela soldadesca, chusma de algozes ali feitos de improviso. Vêde-o sem defeza e silencioso, em quanto as vestes lhe são esfarpadas por miseraveis que o maneatam á columna dos açoutes. Eil-o, o homem das dores! que sinistros vergões esculpem os lategos n'aquellas carnes virginaes! Quem contou o numero de açoutes que verberaram o filho de Deus! A'quelle espectaculo os anjos cobrem o rosto e a terra sorve convulsa o sangue innocente do cordeiro immaculado... Eis aqui o vosso pretorio... Minhas filhas, a columna está erguida... o supplicio espera-vos. Quem ama bastante o Salvador para

aquinhoar com elle o mais sensivel dos seus tormentos? Quem vem maneatar-se ao poste? Quem quer ser flagellada por amor a Jesus?

Cinco Chagas sahiu á frente com o rosto brilhante de enthusiasmo.

Blandina, a martyr lionêza, devia ter aquella casta formozura quando a prenderam á columna em redor da qual tigres e leões chegaram a lamber-lhe as plantas.

A mestra das noviças, rapida como o pensamento, introduziu as mãos de Cinco Chagas na golilha de ferro chumbada na columna.

Immediatamente uma freira descintou o seu habito, e o deixou resvalar pelas espaduas. Eil-a inteiramente despida.

Cinco Chagas expediu um brado de pudor.

—As disciplinas, as varas, os tagantes de coiro, tudo que quizerdes... Antes quero todos os martyrios que vêr-me núa.

—Filha—respondeu a prelada—ainda não comprehendes o Christo! Lembro-te que Jesus, Deus da castidade, foi exposto nú diante da vil gentalha.

Feito certo signal, uma freira velha lançou mão d'uma disciplina, e começou a açoitar o corpo da Cinco Chagas. Cada golpe ia progredindo em força. A menina estorcia-se, confrangida pela dôr; gritava por Deus; soluçava escabujando; ás vezes parecia desmaiar, mas, de repente, ella mesma pedia que lhe exacerbassem a tortura.

Quando o braço da velha fraquejou, a victima recostou-se desfallecida á columna. O habito cubria-lhe os

pés. As costas, cortadas de vergões roixos, ressumavam orvalho de sangue.

—O meu vestido! o meu vestido! — exclamou ella.

A prioresa poz-lhe na cabeça uma corôa de junco com véo negro, e deixou-a assim.

Cinco Chagas chorava suffocada.

A dor da freira não impressionava as monjas que já haviam passado por semelhantes provações. Ao avesso da minima piedade, era horrivel vel-as a despiremse, e a proverem-se de disciplinas que tinham nas extremidades balas de chumbo. Algumas acolchetavam no alto dos braços nús braceletes de lhama de ferro, com unas puas por dentro que entravam pelas carnes; outras, cingiam á cintura um cinto da mesma natureza, da largura d'uma mão, e d'este modo estavam immoveis, orando. Santa Angela, vendo, que uma das suas companheiras calçava umas sandalias de ferro, tirou umas da parede, calçou-as, e ligou as pernas com as correas. Ao levantar-se, esteve para cahir. As solas dos pés sangravam-lhe feridas nos cravos, de que as sandalias estavam hirissadas.

A voz da prelada sobrelevou ás surdas lastimas arrancadas pelo soffrimento, da seguinte fórma:

«Humilhai-vos! Sede, como diz Izaias, não entes humanos, mas vermes... Tomai sobre os hombros flagellados a cruz do Salvador dos homens; e como elle cahi sobre o peso esmagador. Que os vossos debeis braços se cancem a sustentar o instrumento das torturas; não importa, ide até ao fim da vossa paixão. Exaltemvos as proprias dôres; lagrimas e sangue, tudo vos será contado.»

Uma das flagelladas acurvou-se, ergueu do chão uma cruz de páo de pezo de oitenta kilogrammas, levantou-se com muito custo, cahiu, ergueu-se outra vez, sustendo-se difficultosamente; e, arqueando-se e gemebunda, arrastou-se até meio do recinto. Ahi cahiu livida, extenuada, e ficou, meio-prostrada, sobre a cruz, buscando ainda com os braços cingil-a, até que perdeu a consciencia da vida.

Assim como os fanaticos indianos e os aissauas se excitam mutuamente com o espectaculo de seus soffrimentos, e aporfiam no requinte da cruêsa, por egual theor as religiosas encerradas na casa penitenciaria embriagavam-se contagiosamente no padecer. As novas chamavam a si as velhas, investidas no cargo de atormentar, e pediam açoutes, disciplinas, coroas de espinhos, espartilhos de ferro. Possessas d'aquelle delirio, soluçavam ao mesmo tempo que a psalmodia do *Miserere* cobria com a toada os clamores das penitenciadas: era uma vertigem, a demencia sem nome, a hysteria sanguinaria. Aquelles corpos tenros, alvos e flacidos atiravam-se ao martyrio mais sedento do que o fazem as amantes aos braços que as acariciam.

A final distinguia-se claramente o conjuncto d'esta scena. Cinco-Chagas, nua, amarrada á columna; Sancta Angela, esvaida sob o pezo da cruz; o maior numero meio vestidas, açoutando-se com disciplinas, ou com uma das pedras suspensas no tecto.

Por fim, a voz da prelada reboou de novo:

—Ao calvario! ao calvario! as crucificadas serão ás queridas do crucificado! Quem sobe ao patibulo? quem vai imitar o senhor do Golgotha? quem arde em sedes

do calix de fel para se embriagar depois com as ineffaveís delicias que o esposo reserva ás suas amantes? Ao calvario!

Sancta Angela levantou-se como galvanizada, sobre os pés esgarçados pelos picos das sendalias; e avançou cambaleando até ao angulo mais escuro da sala.

Sobre a parede negra via-se uma enorme cruz; a prumo e lateralmente havia golilhas de ferro destinadas a suspender o tronco e os braços. Na base da cruz resaltava uma taboa sobre que a crucificada havia de apoiar os pés.

—Minha filha, tu és a pomba dilecta de Jesus!— disse a prioreza á pallida penitente.

Amparou-a, ajudou-lhe a pôr os pés sobre a pranchеta, ageitou o apparelho das golilhas, e, instantes depois, o corpo da formosa moça mostrava-se inteiro, sobresahindo por sua alvura á côr negra da parede.

Instantaneamente conclamaram todas:

—Milagre! milagre!

Sancta Angela já não se contornava sobre um fundo escuro; um foco suavemente luminoso a aureolava d'uns alvores matutinos, mosqueados de raios de côr de rosa, resplendor maravilhoso como o do diluculo, só definivel com as palavras escriptas nas vidas dos sanctos, sempre que ahi se referem extasis de bem aventurados, deliquios e arrebatamentos para além-mundo. Vistes as telas de Murillo e a *Noite* de Corregio? Comprehendereis o effeito produzido por aquella claridade magica e subita. O corpo nu da juvenil religiosa parecia cercado de nimbo celestial. Com a fronte um pouco pendida, e os joelhos tanto ou quanto curvos, Sancta Angela ficou immovel.

Nada mais para assombro e dôr que o espectaculo d'aquella mulher crucificada! O enthusiasmo das monjas redobrou á vista do prodigio. Era então o pedirem todas a cruz, todas a implorarem torturas, para participarem da gloria de Sancta Angela, por que sanctamente a invejavam. Que doloroso lance de olhos lhe fixava a Cinco Chagas!

A prelada andava por entre os grupos, acirrando o zelo das froixas, e alentando o fervor das zelosas... A loucura da cruz hallucinava todas vertiginosamente, exceptuada uma.

A prioresa distinguiu-a; e, dirigindo-lhe a palavra, perguntou:

—E tu, Barbara, não farás nada por Deus?

—Por Deus dei eu a minha vida á clauzura.

—Não humilharás teu orgulho imitando tuas irmãs ?

—Receio deshonestar a minha castidade—respondeu Barbara.

—Fizeste voto de penitencia—contrariou a prelada.

—A vida aqui é já de si longa penitencia, nossa madre.

—Illudi-me comtigo; tive-te em conta de vaso de eleição, julguei-te vencida por Christo, crucificada por amor d'elle, e digna dos seus celestiaes abraços.

—Quero sahir d'aqui—disse Barbara com uma voz soturna — Enoja-me a vista do sangue... desmaio com este enjoativo cheiro...

—Conserva-te para que o exemplo te anime.

—Eu despresaria a dôr se não houvesse n'ella a impureza... A nudez de minhas irmãs faz-me soffrer.

—Só Deus as vê...—murmurou a prelada.

N'este momento, Barbara inteiriçou os braços tão rigidamente como se fossem de pedra, e apontou para a parede que defrontava com a crucificada.

Um postiguinho se abrira n'aquelle momento.

E Barbara, apontando-o, exclamava:

—Ali! ali!

E cahiu sem sentidos no sobrado.

VIII

AS NUPCIAS CELESTIAES

De repente, fez-se profunda escuridão no recinto. As freiras apanharam ás apalpadellas os vestidos dispersos. Algumas gemiam, e bastantes não tinham força que as levantasse.

Santa Angela desmaiara na cruz. Tres religiosas foram então desapertal-a destramente das golilhas que a acorrentavam ao madeiro. Cahiu-lhes inerte nos braços o corpo da menina. Uma tomou-a pelos hombros, outra pelos pés, em quanto a terceira, procurando na parede certa mola, abriu uma portinha que dava para um estreito recinto cavado na espessura da parede.

As duas freiras velhas pozeram o corpo sobre um leito formado de muitas almofadas justa-postas, depois humedeceram finos lençoes de cambraia em agua aromatisada d'um vaso que ali estava sobre uma banquinha.

Estes objectos precisos ao enterramento da crucificada estavam preparados, por que já sabiam que pelo menos uma das freiras novas levaria até aquelle extremo de demencia a prova da sua devoção.

Santa Angela permanecia immovel, com as palpebras cerradas, e o corpo hirto sobre almadraques de demasco escarlate. Parecia realmente morta. Ao lavarem-lhe o peregrino corpo, cingiram-lhe na cabeça uma coroa de rozas.

As duas monjas contemplavam-na, quando por entre os labios lhe siciava um suspiro sibilante.

Depois sumiram-se por uma avenida que se fechou logo tão hermeticamente que os mais perspicazes olhos não vingariam descobril-a, passados momentos.

Dissemos que Sancta Angela estava deitada sobre um flaxido coxim. Em frente d'este, havia outro coberto de veludo preto.

Sobre o qual se estendia uma imagem de Christo descido da cruz. Era maravilhosa aquella esculptura!

N'esta funebre camera não se via o crucifixo retezado, anguloso, atormentado como o do locutorio. Este que acompanhava Sancta Angela em seu *retiro* era em verdade o «mais gentil dos filhos dos homens». A cabeça, explendidamente bella, attrahia com ineffavel expressão de ternura. Brilhavam-lhe os olhos por entre as longas e sedosas pestanas; parecia chamar com os labios; as azas do nariz como que arquejavam; coroavam-lhe a fronte louros cabellos, semelhantes á barba um tanto frizada. Braços admiraveis cahidos ao longo do corpo com flexibilidade de vivos. As mãos encarnadas nas palmas pareciam cheias de petalas de flores vermelhas, e

não manchadas de sangue na cisura dos cravos. Pernas nervosas, e pés de irreprehensivel delicadeza. Não era estatua de homem, senão d'um deus, quanto podem artistas realisar um typo sobre-natural; mas esta divindade seductora parecia vagamente maliciada de idolatria pagan. Era Jesus morto ou Apollo ferido? Aquelle admiravel corpo não exalçava o pensamento. E, se idéas carnaes assaltassem o espirito contemplativo, com toda a certeza devêra pensar-se que, se um prodigio animasse tal estatua, qualquer virgem se daria por contente de tal esposo.

A legenda de Voragine, a *Vida dos santos* de Godescar superabundam em milagres d'aquella natureza. Umas vezes o caminheiro que pede agasalho, se transfigura de manhã na belleza de Jesus; outras vezes uma formosa rainha, que levava em braços um menino doente, o vê transformar-se em imagem do crucificado. O que já succedeu póde succeder de novo; ou, pelo menos, é facil comprehender que as freiras moças, affeitas aos perpetuos contos de taes visionices, milagres e transfigurações, se illudam facilmente. Deram-lhes uma particular educação de que cedo ou tarde são infalliveis as consequencias. A noviça que vive em esperanças de gosar um dia os amplexos do esposo divino, está sempre a ponto de aceitar o prodigio em cada noite, por que as noites encerram favores mysteriosos, e é de noite que as hade visitar o amantissimo noivo. Sob qualquer fórma que lhe appareça, adoral-o-ha, em arrobos de celestial prazer, e ao romper da aurora lhe estará dando pranto de reconhecimento infindo. Os dias passa-os a merecer preferencias do salvador; as noites, a esperar signaes

d'essa distincção. Se o corpo soffre, o espirito reacende-se-lhe. Elanguescem-na dulcissimamente os perfumes do ar que respira. Murmura palavras estranhas, cheias de blandicias mysteriosas. Diz a Jesus o que amantes não ousam dizer aos amados. Presta-se-lhe a lingua flexivel a toda a variedade de expressões amorosas. Estão-lhe continuas nos labios as palavras: extasis, deliquios, arrôbos, prazeres divinos, esvahimentos, infusões angelicas, supremas exultações. Chama o amado, offerece-se-lhe, dá-se-lhe langorosa. Sem saber como, sente-se, a um tempo, exaltada na phantasia e nos sentidos. Arde, ama, arfa de mysteriosos desejos, volateis como as auras, discretos como um sonho, tão abysmados nas profundezas innocentes do seu espirito, que julga sentir effluvios de graça quando o coração lhe palpita mais forte e a respiração mais apressada. Bem sabe ella que perigos affronta. N'aquelle vago aspirar á condemnação, crê ganhar o céo. Crava os olhos no Christo sem sobresaltos nem remorsos, sem mesmo attentar na nudeza da imagem resplendente. Lê a relação dos milagres, que não aprofunda, e todavia lhe conturbam o intimo seio. Por exemplo, se folheia a vida de S. Bernardo, verá que este mavioso servo de Maria, ornamentando o seu cubiculo com uma imagem da Virgem Mãe, não podia desfitar os olhos d'ella. Aquella doce imagem o mantinha devoto e ajoelhado, escravo submisso. Mas elle não fixava tão sómente a vista no semblante da filha de Judá: ó que mais ali o inlevava e lhe incutia pios ciumes era vêr o formoso seio de Maria, tumido a um tempo de puro leite e de virgindade. Aquellas rozeas carnes sem macula tentavam-no como um fructo. E então ex-

clamava elle, fallando ao innocente Jesus cujos labios se collavam no peito de alabastro, em quanto com as mãosinhas lh'o acariciava maciamente:

—Que eu não esteja em vosso logar, ó divinal menino? Por que não hade uma bocca sedenta collar-se tambem ao alvo collo que se dá aos teus beijos?

E um dia (lá vem contado o caso na *vida dos Sanctos*) a Virgem, depondo no chão a criança, e arregaçando amplamente o seu manto de purpura, permittiu que Bernardo se dessedentasse na taça onde a creança hauria a vida.

Não ha commentos para semelhante parvoice! Sirva-nos ella unicamente como justificação do parecer que temos ácerca dos ensinamentos especiaes que recebe uma freira: o que fazem é nortear-lhe os sentidos para outro porto, e prometterem-lhe de procedencia celeste sensações privilegeadamente terreaes. Quanto mais a queimam desejos, mais ella julga que Deus a chama á vida contemplativa. E acontece logo que as macerações a deleitam, cuidando que conquista a preferencia á custa de torturas. Immola-se; mas espera ser recompensada. E' uma virgem que arde em desejos de perder misticamente a sua virgindade. Não se acham perdidos os sentidos n'ella: deslocados, sim. O clarão do relampago talvez lhe mostrasse a natureza em toda a sua verdade; e então aconteceria que ella, antes de se vêr cahida, não soubesse perceber como se fez a transição invencivel d'um sentimento para outro.

Santa Angela era um modelo consumado da freira juvenil, ardente, amorosa, bella, ebria do amor divino, que ultrapassa o ideal. Para ser correspondida em tal

ternura, vimos que nenhuma dôr a retinha sem exceptuar os tormentos da cruz.

Eil-a pois immovel sempre, eburnea como as esculpturas, com o marfim de suas carnes resaltando do fundo escarlate dos estofos. Bruxeleava apenas na camera uma luz pallida, caçoulas aromaticas vaporavam lentamente, e uma neblina de fragrante fumo condensava um véo diafano.

O Christo, immovel tambem, estirava-se sobre o almadraque negro.

No seio da menina arfavam suspiros.

Entreabriram-se-lhe as palpebras, expediu um grito, e fechou os olhos... O que ella devisára figurou-se-lhe visão, attribuindo a deliquo o apparecimento d'aquella imagem.

O Salvador, em cuja paixão dolorosa ella tinha parte, chamou-a para o seu tumulo, dando lhe tambem parte n'elle: de sorte que, corrido algum tempo, ressuscitariam juntos.

—Senhor! Senhor!—balbuciou ella.

E então, voz aeria, como murmurio de briza, ciciou-lhe ao ouvido:

—Não és d'este mundo, querida! N'esta noite de martyrio e gloria, ser-te-hão revellados os segredos do paraizo... Vais compartir nas ineffaveis delicias que eu liberaliso aos que me amam... O' virgem discreta! A tua lampada está cheia d'oleo, vem...

Santa Angela levantou-se; mas, tomada de indifinivel turpôr, cahiu, exclamando:

—Leva-me, Jesus! leva-me!

—Esquece o mundo... Cerra os teus olhos carnaes,

abre os da alma, deixa a caza de teu pai, entra no jardim do rei, e nas adegas mysteriosos onde te embriagarás com o vinho de Engaddhi... Entrega-te a esse divino quebranto que toda te elanguece... Despenha-te cegamente no abysmo do amor... Transpoem montes e vales em busca do amado, e cuida em o attrahir a ti com as mais suaves palavras da tua prece.

E Santa Angela respondeu:

—Que bello és, meu querido! Que bello és... O meu amado desceu a colher lyrios do meu jardim... Sou sua!

E a vós seraphica replicou:

—Teu seio é mais alvo que os cordeirinhos, e o teu perfume recende ao sinamomo... Que formosa és, ó querida! Que formosa és... Dá-me um beijo da tua bocca.

Auras de estio perfumadas, e o ardor da braza viva, eram a dupla impressão que Santa Angela sentia. Coava-lhe nas veias estranho fogo, era um sentir quasi doloroso, e todavia ella alongou os beiços á feição de beijo...

E a voz continuou:

—Tu és a minha pomba, prendeste-me o coração n'um só lance d'olhos, com um só de teus cabellos... A tua bocca é favo que distilla mel... Mel e leite adoçam tua lingoa... E's um jardim fechado, uma fonte defeza.

Santa Angela balbuciou:

—Durmo, e meu coração vela... Elangueço d'amor.

N'este lance, o bafejo que roçou a face da extatica, foi por tanta maneira afogueado, que ella cuidou sentir uns labios nos seus.

E ao mesmo tempo os perfumes dos vazos deram todos os aromas, a luz da alampada impallideceu mais, e figurou-se á freira que o Christo morto se levantava do seu leito mortuario... Escureceu de todo, e aquella voz mais cariciosa, acrescentou:

—E's semelhante á palmeira na estatura; e eu subirei á palmeira a colher-lhe dos fructos... O teu pescoço é semelhante a um cacho de uvas...

A aza d'um anjo deslizaria no seio arquejante da extatica? Santa Angela murmurou um gemido delicioso de celestiaes volupias.

E disse com voz expirante estas palavras:

—A sua mão esquerda está debaixo da minha cabeça, e com a direita me abraça.

E, depois, ouviu-se este dizer:

—Minha querida, minha tão amada, eu colhi o favo com o seu mel e colhi a myrrha com os seus olores.

E, logo á maneira de ecco, um gemido prolongado, e estas palavras:

—O meu amado é como um raminho de myrrha, e entre os meus dois seios o heide ter.

Depois, silencio, silencio de sopitamento, de mysteriosa embriaguez...

Passaram minutos e horas. A claridade fèz-se a pouco e pouco na camera sagrada, cujo ambiente estava nubloso de perfumes.

A imagem do Salvador immovel sobre o cochim negro ficou sosinha no *retiro*.

Santa Angela sahira; e, como que despertára, extenuada, na sua cella.

Languor estranho a alquebrava. Soffria, abafava, não se reconhecia, palpava-se nos braços, percorria a fronte para certificar-se de que era viva. A existencia normal parecia-lhe sonho: tantas e tão novas sensações a exagitavam, desde que voltára a si. Lembrava-se... Na casa penitenciaria, onde, louca da loucura da cruz, se deixára ir depoz a alma generosa, deu-se como Christo aos algozes, e, como elle, cahiu extenuada; depois, sentira-se transportada ao céo em nuvens de incenso, e ouvira a voz do amado, e com elle dialogára as phrases sensualmente amorosas do *Cantico dos canticos*, escriptas pelo mais apaixonado rei sob os olhos da Sulamita... E experimentara a ebriedade do extasis, quando a vida se lhe escoava em tão violentas dilicias, que todo o seu ser lhe parecia engolphar-se por abysmos sem fim!

E assim fôra de certo: primeiro o martyrio; depois as nupcias com o *Cordeiro*.

E então, arraiada no palor da face pelas illuminações dos recordados prazeres, dizia:

—Vem, ó querido, vem!..

Sancta Angela não sabia que hora era. Ia vestir o habito, quando a porta se abriu subtilmente.

A prelada entrou, e, contemplando, penetrantemente, a freira, disse:

—Dispenso-te hoje do côro, e dou-te uma companhia que te distraia.

Esta companheira era Barbara.

Tão radioso estava o semblante de Sancta Angela, quanto quebrado e sombrio o da sua amiga.

As duas carmelitas aproximaram-se.

9

Os olhos de Barbara inundaram-se de lagrimas.

—Pobre martyr!—disse ella—pobre martyr!

—Lamentas-me!?—acudiu Sancta Angela.

—Se te lamento! Ah! que horrivel demencia hontem se apossou d'estas mulheres! Nunca poderei esquecer o que vi... nem já mais tornarei a ver...

—Cega! cega!—disse Sancta Angela, sorrindo.

—O que tu soffreste!..

—Não... não... Estás muito enganada com o que é dôr physica... Hontem, ao começar a tortura, confesso que me entravam nas carnes agulhas de fogo... os nervos não podiam... senti-me desfallecer... mas, se o miseravel corpo enfraquecia, o espirito venceu... Minha alma levantou-se logo como se tivesse immensas azas... Superei o corpo... a ponto de já não sentir as mordeduras da flagellação... Quando me deitei na cruz, todo o meu sentir era ambição do céo... Parecia-me vêl-o abrir-se, e que o Salvador me dizia: «Irás hoje commigo ao paraizo.»

Sancta Angela, cuja voz se elevára gradualmente, disse em ar de segredo:

—E o Christo me prometteu que...

—Que...

—E cumpriu o que promettera—murmurou a freira, purpurejando-se como a noiva no seu primeiro dia de esposa.

Barbara, que não podia tolerar a idéa do soffrimento physico, achegou-se mais da amiga, e disse-lhe:

—Conta-me tudo.

—Não sei se dêva... A escriptura diz: «A belleza da filha do rei é toda intima... e não deve revelar-se o

segredo do rei»... Mas, se eu fallei, minha irmã querida, é para te convencer de que a penitencia, que recusaste, encerra prazeres infindos...

—Que prazeres?... perguntou Barbara.

—Recorda-te dos dons sobrenaturaes concedidos aos sanctos; os lumes da vizão beatifica, as dilicias do extasis, os arrebatamentos d'amor de S. Francisco Xavier, que, abrazeado em inextinguivel fogo, exclamava: «Basta, senhor, basta!» Lembra-te dos esvahimentos amorosos de Sancta Thereza... Olha... tudo eu senti... tudo...

—Tu?

—Eu, sim! Onde estive?... Levaram-me... não sei como... era, talvez, um anjo que me involveu nas suas azas, e me levou a Deus... Não o vi com os olhos, nem meus ouvidos o ouviram... O coração humano não póde imaginar o que o Salvador dá áquelles que o amam...

—Não te percebo... Quando te levaram da sala, sabes onde fôste?

—Para aqui de certo...

Barbara acenou negativamente.

—Então para onde?—tornou a extatica.

—Que sei eu!.. Desde hontem á noute que me sinto traspassada d'um pesadello horrivel... Estás ahi fallando em transportes divinos, e eu penso que assisti a uma scena de inferno. Dizes que os anjos te levaram para longe da vida material, e eu, n'isso d'anjos, o que vi foi uma bengalé de demonios... Fallas em *Cantico dos canticos,* e o que eu tenho na lembrança é a toada plangente dos psalmos de David... Eu insandeço, juro-te que insandeço, se torno a ver semelhantes quadros.

Acceito o convento na glacial regularidade do seu viver... curvo-me á regra, não quebrantarei os votos, isto e só isto farei... não podem exigir mais de mim.

—Pois não queres merecer a effusão da graça?

—Falla-me da tua visão, minha mystica dulcissima, virgem discreta cuja lampada desborda de olorentes oleos, conta-me tudo, tudo...

—Quando despertei, vi-me deitada sobre uma cama, cercavam-me perfumes, nuvens de incenso que quebravam a luz do céo... O Christo estava defronte de mim...

—O Christo?!—exclamou Barbara.

—Tal qual a gente o vê quando as sanctas mulheres o sepultaram, bello e livido. Reconheceu-me, fallou-me...

—Que sonho! que chimera!

—Fallou-me, repito, e sua voz entrou-me n'alma como celestial harmonia. Depois, uns gosos desconhecidos me deram tremuras; a braza de Izaias calcinava-me os labios; um esvaecimento me elanguecia todas as fibras...

Barbara, ao recordar o primeiro beijo de Zolpky, estremeceu.

—E, depois?..—perguntou ella, reflexiva e concentrada.

—Depois? sentia-me tão languidamente abatida, como se me estivessem amolecendo as mãos dos anjos, n'aquelles dulcissimos contactos que as virgens devem sentir ao ascenderem para Deus, caricias divinas, mercês de alto amor, que eu toda ancias me ia ao encontro d'ellas para as saborear melhor... Algumas vezes, abafava-

me o excesso da delicia, e tremiam-me na garganta uns gritos inarticulados... Mudando de natureza, as minhas sensações revelavam-me deleites novos; e, alfim, um longo estremecer me agitou, o rapto arrebatou-me, e oh!.. que desfallecimento!..

—E depois?—perguntou Barbara.

—Depois, despertei aqui, com saudades da minha visão que se esvahiu, e anciosa por que se abra outra vez a sala da penitencia por onde vamos ao jardim das delicias... Ah! Barbara, minha amiga, minha irmã, se tu podesses sondar o mysterio que esta noite me foi revelado, não recusarias acceitar as passageiras dores que pagam por certo semelhantes gosos.

—Ainda não percebi o enygma—murmurou Barbara.

—Qual enygma?

—O que me embrulha a tua narrativa.

—Pois não foi ella tão simples e admissivel?

—Escuta—disse Barbára, erguendo-se, e tomando nas suas as mãosinhas de Sancta Angela—a tua alma é pura e a tua confiança infantil. Estimo-te e quero-te por tua sancta ignorancia, ainda que ella te abysme... Tu, n'este instante, desvairas, certamente... Estavas febril, quando pensavas sentir jubilos celestiaes, ou então...

Barbara conteve-se, murmurando:

—Oh!.. seria horrivel!..

—O quê?—perguntou Sancta Angela.

—Não terias animo que te fizesse descer ao fundo negro do que eu penso... Heide ir sósinha onde está a ultima palavra do mysterio.

—Por onde eu fui...

—Deus sabe por onde eu irei.

E sahiu da cella, instantes depois.

—Eu não sonhei!—dizia ella entre si no caminho do côro—só eu talvez possuo o segredo do que se passava... oh! se possuo!... Eu bem vi... Mas não irei ferir aquella pobre alma... o que farei é acautelar-me...

E accrescentou, ao transpor o limiar do côro:

—E meu pai a receiar que a deshonra lhe entrasse em casa, mediante as innocentes entre-vistas com Zolpki...

IX

O APRISCO DO SENHOR

Desde aquelle dia, Barbara foi espionada cuidadosamente. Com toda a certeza, aquella mulher individualisava-se de estranho modo: cumpria estudal-a a preceito. No convento, a religiosa que se não docilisa, tanto á regra escripta, como á interpretação que lhe dá a prelada, é logo malsinada e suspeita. A suprema palavra da vida monastica, o maximo da perfeição, é o esquecer-se de si em Deus, o desprender-se de vontade propria nas mãos de quem lh'a representa. Qualquer desfalque n'esta renunciação absoluta, n'este suicidio da individualidade, constitue rebeldia. O voto de obediencia é o unico, de quantos lá se fazem, a que se não concedem subtracções. O voto de pobreza, respeitado no individuo, é ultrajantemente violado no conjuncto da communidade. E' certo que a menina rica, entrada ao mosteiro, lh'o

dota os seus haveres, fruindo de seus rendimentos a minima parte. Uma freira não chega a romper dois habitos de burel. O segundo hade ser-lhe tambem mortalha. Gosa, porém, como as irmãs, a magnificencia da casa conventual, onde ha prodigalidade de marmores e bronzes de valor. Habita um palacio onde reverberam resplendores. A capella rebrilha como a rampa d'um theatro; recende como toucador de dama casquilha; os espaciados claustros recebem por debaixo da arcaria ás fragrancias dos hortos; a cella é decerto melancolica; mas o aspecto dos cubiculos tem um exterior magestoso.

O mosteiro possue enormes rendas, que se gastam nas mais das vezes a enxamear novos cortiços, por que a cubiça de cada ordem é contar mais conventos que a ordem émula. A pobresa dos mosteiros, por tanto, é simplesmente uma palavra convencional.

O voto de castidade!... Nas chronicas e na historia sobram personagens, que nos dispensam de fantasiar. Ha ahi realidades vivas, dramaticas, mais para pavores que quantas ficções cabem na mais imaginosa vocação de romancista.

O voto de penitencia é particular de certas ordens. As ursulinas, as visitantes, as religiosas do Sagrado-coração não o proferem. N'estas ordens, são raras as penitencias, e peculiares de certos dias. S. Francisco de Sales, posto que aconselhasse uma boa disciplina a quem quizesse dormir regaladamente, não consentia que as suas filhas espirituaes abusassem d'isso, e receiava que o sangue remoçado, e escandecido pela dôr physica, tentasse desforra.

As claras, as calvaristas, as trappistas e carmelita-

nas constituem a maceração uma das vitaes condições da ordem. A fogosa reformadora do Carmelo viveu metade de sua vida sobre o calvario, e outra metade em extasis de Thabor.

Até onde chega o soffrimento das macerações? E' difficil abalisar. Talvez que, durante os primeiros dias, os cilicios de ferro, os látegos achumbados, as corôas de espinhos penetrantes atterrem e exulcerem a carne da joven penitente; mas a exaltação moral e febre da phantasia depressa sobvertem o sentimento da dôr plenamente. Os fakirs da India não soffrem, se os supplicios, que se infligem, são voluntarios. Attingiam os martyres dos primeiros seculos um grau de enthusiasmo que lhes absorvia o sentimento. Deitados sobre grelhas ardentes, affirmavam estar deitados em leitos de rosas. O certo é que elles retrahiam ao intimo as torturas que lhes escalavravam os membros. A embriaguez da dôr remata na insensibilidade. O excesso atrophia. Estão cheias de alegorias poeticas e graciosas, que pintam perfeitamente o estado real dos martyres, a *Legenda aurea* e a *Vida dos Sanctos*. As chammas abatem-se nas fogueiras desviando-se das virgens; chuva de perfumes lhes refrigeram os corpos invulneraveis, anjos as involvem nas suas azas n'aquelles infames paradeiros onde os perfeitos de Roma as arrojam ao sêvo dos libertinos e gladiadores. Lambem-lhes leões os pés alvissimos, e prostram-se no circo deante das vencedoras innocentes. Leite em vez de sangue lhes deriva das chagas. Quando morrem, lá se lhes vai voando ao céo a alma em figura de nivea pomba. No dia seguinte ao do martyrio, as feridas desapparecem, por que enviados do céo lh'as ungiram com divi-

nos balsamos. Os estrepes de vidro transfiguram-se em leitos juncados de olorosas pétalas. Auroras maravilhosas rutilam nas suas escurissimas masmorras. O espectaculo de taes prodigios, e o reviramento das leis da dôr, assombra verdugos e espectadores, a termos de alguns clamarem em frente das victimas: «Sou christão!» para em seguida os imitarem na morte. A dôr torna-se attrahente, o martyrio contagioso, o amor ao soffrimento pega-se como a febre. Em todos os tempos foi assim.

Quando se deram aquelles extravagantes cazos que forçaram a auctoridade a fechar o cemiterio de São Medard, os discipulos do diácono de Pariz torturavam-se freneticamente. Não ha ahi supplicio que os taes fanaticos não comportassem com enthusiasmo. As proprias mulheres se offereciam aos atormentadores. Era geral o attractivo. Se o rei não pozesse côbro a tamanhos escandalos, a torrente arrastaria a França inteira.

Não se nega que algumas ordens religiosas se dão a excessivas penitencias: provado está isso de mais para que o discutamos. Porém, não temos sempre em grande conta a dôr da penitencia; e fundamos esta duvida sobre o que a maior parte dos ascetas escreveu sobre o assumpto. Além de que, é crença nossa que, se a exaltação mystica de certos beatos não se eleva ao alto ponto em que o soffrimento se anniquilla, a compensação estranha, exquisita, mixto de visão e sonho, de pezadêlo e extasis, basta de mais a remuneral-os.

Ha ainda o voto de obediencia. Este sim, que é grave, fatal e inviolavel. A prelada de um mosteiro é rainha absoluta, autocrata e sacerdotisa a um tempo: reina e governa. O centurião diz ao seu servo: «Faz

isto.» A prelada diz mais: «Pense isto.» Absorve na sua a vontade das vassalas. Veda-lhes ter idéas. Toda a sua politica funda em lhes supprimir o pensamento.

E', ao mesmo tempo, cerebro e braço.

A qualquer hora lhe assiste o direito de perguntar: «Irmã, em que pensa?

E é obrigatorio responder logo. Se a freira mente, corre-lhe o dever de confessar a mentira, e penitenciar-se em dôbro.

Uma senhora de baixa condição, sendo prioreza de um convento, comprazia-se em humilhar as freiras de linhagem antiga. Uma noite, perguntou a uma recente professa que a precedia com o castiçal:

—Irmã, em que vai pensando?

—Nossa madre, penso que, se estivessemos lá fóra, era a senhora que me servia de creada.

A pobre menina de certo nunca mais teve pensamentos orgulhosos, por que foi encerrada no tronco.

Freira, que seja voluntariosa, é má freira. Entrar ali é morrer, sem mais resurreição de individualidade. Tal obediencia corta as azas da alma á professa juvenil. A' prelada incumbe apontar no seu rebanho as que hão de ser Marthas e as que hão de ser Marias; umas para a *vida activa,* outras para a *contemplativa.*

As da vida activa são as que moirejam na caza, curando do bragal, da cozinha, da portaria. Oram, mas vocalmente — oração labial, sem que o espirito intenda n'isso. A oração vocal restringe o intellecto n'um circulo d'onde não ha sahir. As rezas ditas de cór são sempre as mesmas; os hymnos do psalterio são poucos. Ha freiras que em toda a sua vida não leram tres volumes. São

umas que andam atarefadas em limpezas de casa, arranjos de claustro, que vão e vem, tangem sinos, sacodem tapetes, escovam, barrem, afadigam-se todas n'aquella admiravel ordem que notaes nos conventos, e se identificam n'este monotono e ingrato mister até ao extremo de se embrutecerem.

São as Marthas da casa.

Quanto ás Marias, ás dilectas, ás amantes, essas, são inversamente impellidas a tudo que é do dominio espiritual.

Meditam, oram e contemplam.

E ahi começa a região sombria do mysticismo.

Mas, á inergia de pormenores, é impossivel perceber a vida monastica.

A religiosa, que medita, conhece as lettras. A, que ora, junta as palavras. A contemplativa lê correntemente. Meditar é analisar e desfiar um texto grande ou curto: é uma gloria pessoal, familiar, que cada dia se renova sobre diversos assumptos. A oração é coisa de mais fôlego: é improvisar sobre uma palavra ou um sentimento; nada de phrases de livros; quando muito, uma citação evangelica, um recordar mysterios do christianismo, materialisal-os, se isso convier. A concatenação de idéas, invocações, fervores que brotam do espirito, constituem a oração: a alma lá vai ter levada por uma lembrança, um simples fio conductor.

A contemplação vive de si mesma. Renasce incessantemente, phenix divina. E' a alma que se está na presença de Deus. Não falla nem actua: espera passiva. Soffre dôr, enlevo ou enthusiasmo, segundo praz ao Espirito Sancto. E' o ultimo grau de mysticismo.

Acima d'isto, está o extasis, como fim logico da contemplação.

O extasis vê, sente, saboreia e gosa.

O extasis tira ao corpo o pezo, e a faculdade de padecer. Arrebata Elias no carro igneo, e Paulo ao terceiro céo; idealisa o purgatorio de Santa Perpetua, o inferno de S. Brandão, põe o Deus-menino nos braços de Estanislau Koska, dá a Sancta Thereza o desmaio em que o seraphim lhe alcanceia o coração, permitte a S. Bernardo receber nos beiços as gotas de leite virginal destinadas ao menino Jesus, passa ao dedo de Catharina o anel nupcial, abre nas mãos de Francisco d'Assiz as chagas sangrentas, e lardea de passagens exoticas de contestavel moralidade as paginas de Voragine e Godescar.

A vida ascetica procede por iniciação progressiva.

Do mesmo modo que os sacerdotes de Isis levantavam um a um os véos da deuza, ao passo que os profanos cahiam fulminados se lh'os queriam arrancar d'uma vez, assim as freiras entram mui devagar na senda mystica. Ha d'ellas que topam, n'essas diversas phazes, recompensas de suas privações. Muitas vão de boa fé.

Logo que a prelada sondou, esquadrinhou e viu por miudo a alma d'uma noviça, fica sabendo o que ha de fazer d'ella. E o que é factivel far-se-ha: a novilha ficará no redil, ou irá ao dezerto. Perguntam-lhe o que sente e que deseja. Findos seis mezes, está predestinada: activa ou contemplativa—uma das coisas, sem termo medio. Ha ordens que tentaram enlaçar os dois modos de ser, fundindo Maria em Martha: não se combinam bem. A alma assim dupla não está plenamente satisfeita.

Ou muita actividade, ou perigo de demasiada passibilidade. Por mais que faça e possa, a prelada não vinga refundir corações e vontades tão a ponto.

E, se não fosse aquella pujança de dominio, que em uma só vontade cifra todas as vontades d'um convento, não seria possivel conter uma só noviça.

No mosteiro carmelitano de Cracovia, o voto de obediencia não era palavra vã.

A prioreza tinha envelhecido no exercicio da sua soberania, fazia d'isso gala, e não permittia a minima trangressão.

Assim pois que ella viu vontade tenaz em Barbara Ubryk, affrontando-lh'a com armas eguaes á sua, intendeu-se d'este theor com a mestra das noviças:

—Estudou mal esta rapariga; figurou-m'a creatura branda, flexivel, e ahi a tem rebelde aos dois grandes meios de submetter que até hoje exercitamos. Barbara, por causa da exaltação que lhe é natural e talvez ella mesma desconheça, devia entregar-se sem reagir ás sanctas crueldades da penitencia.

—Tel-o-hia feito—respondeu a mestra—se a nossa madre lhe houvesse dado os instrumentos na solidão da sua cella... Que impedimento poz ella? O voto de castidade que lhe prohibia mostrar-se nua...

—E Christo estava vestido na cruz?

—Barbara não attingiu por ora o grau de obediencia que annula a vontade alheia em nossas mãos. Hade ser preciso muito tempo para desfazer a memoria da scena a que a fizemos assistir prematuramente.

—Ah! Eu tambem assim o pensava... Quem teve a culpa foi o padre Zózimo... Era bem melhor esperar al-

guns mezes... Não lhe bastava o ardor da Cinco-Chagas, e a evangelica obediencia de Sancta Angela? A muita pressa pode perder tudo, quando temos que luctar com naturezas de tempera tão rija... Que faremos agora para reconduzir esta menina receiosa e desconfiada?

—Sim... desconfiada... — obtemperou a mestra das noviças.

—Que surtir da sua conversação com Sancta Angela?

—Nada que preste.

—Então a joven sulamita...

—Ah! Sancta Angela ala-se ao paraizo a todo o voar de suas azas... Nunca tão mystica pomba poisou nas franças da oliveira; nunca mais fervente virgem acendeu sua lampada para ir offegante ao encontro do esposo; nunca tão predilecta amante se gosou na lembrança dos reaes celeiros onde o vinho do amor se bebe com perfumes de myrra... Mas, por fatalidade, o que devia coadjuvar-nos, nos embaraça n'esta conjunctura... Quando Sancta Angela enthusiasticamente lhe contava as suas delicias, Barbara respondeu-lhe com um sorriso cheio de reticencias...

—E' que ella viu...—disse a prelada.

A mestra de noviças deu aos hombros.

—Ou julgou vêr, que é o mesmo.

—Mas o que devemos fazer é convencêl-a de que se enganou.

—Decerto; mas quem hade convencêl-a?

—O padre Zózimo decerto não.

—Recorre-se ao confessor.

—Custa-me a submetter raparigas novas á direcção

d'um padre. O confessor deveria operar influenciado por nós.

—A nossa Madre decidirá segundo o seu alto discernimento.

—Por agora, dê livros a Barbara, occupe-lhe o espirito, empregue-a na egreja. Não lhe falle em *Penitenciaria.* Não a misturemos com as outras, antes de averiguarmos se ella é digna de pascer-se nos prados regados por correntes de leite e mel.

—Intendi, nossa madre.

O som do sino rematou este dialogo.

Consoante se convencionou, Barbara foi dispensada da vida contemplativa. Deu-se-lhe officio de preparar altares, e colher flores para as jarras da egreja. As companheiras viam-na raras vezes. Em volta d'ella, redobrou-se a lei do silencio. Encheram-lhe a cella de livros, que a freira lia para entreter o espirito. A pouco e pouco foi-se tranquillisando. Quando, porém, lhe perpassava na memoria aquella terrivel noite em que tantas nudesas virginaes se lhe mostraram, tremia ainda de medo; todavia, como ardera em febre no dia seguinte, já confundia a realidade com o delirio.

Trataram-na com brandura.

O director das carmelitas, prevenido das cautelas que era mister haver, mostrou-se reservado, e Barbara, por isso, mais disposta a confiar n'elle.

Quanto ao padre Zózimo, confessor, isso era diverso.

Nas grandes communidades, ha confessor e director.

O confessor ouve os peccados, absolve e impõe a penitencia.

O confessor, medianeiro entre Deus e as monjas, é menos considerado, está muito áquem do director.

A freira, se tem socegada a consciencia, não tem que vêr com o confessor.

A relação das miudezas sobre o maior ou menor fervor da oração, dos *raptos* movidos pelo Espirito-Sancto, do *affecto* que sentem ao Salvador, do attractivo da penitencia, do encanto que as leva para as *consolações sensiveis*, isso pertence ao director sómente.

O director destrinça as propensões, jubilos, lagrimas, exultações das suas derigidas, sondando-lhes os seios da alma. Faz, a seu modo, sanctas e illuminadas. Arrasta com a authoridade da palavra ao horto da agonia ou ao jardim das delicias. O director é a alma do convento; o confessor é um maquinismo necessario ao ministerio dos sacramentos. Exercem acções independentes. Na sociedade, as beatas, que aspiram á perfeição, usam d'este luxo mystico: director e confessor.

O confessor póde ser um padre simples, idiota, ignorante, tanto monta.

O director deve ser por egual theologo e eloquente, e, mormente, possuir o que se chama *tacto* das almas.

Francisco de Sales, director de Joanna de Chantal, converteu á sanctidade a amavel filha de Frémiot.

Pedro d'Alcantara, amigo e director de Sancta Thereza, dirigiu e aconselhou a reforma do Carmêlo.

Um convento sem director vai desnorteado.

O padre Onufre, director das carmelitas de Cracovia, era homem habil, prudente, reflexivo, pomareiro sagaz que deixava amadurar os fructos antes de os colher, differente do padre Zózimo com quem a miudo ti-

10

nha graves questões. Barbara, porém, durante bastantes mezes, foi sómente dirigida pela prelada.

Convinha remittir-lhe a febre moral e reconquistar-lhe a confiança.

Dôr e terror eram o duplo sentimento que a reconcentravam desde a profunda impressão que lhe deixou o revelado mysterio das macerações.

Repulsa da familia, esquecida por Zolpki, trahida até certo ponto pela religião que quizera abraçar em trances de naufragio, que lhe restava? A força do espirito e a logica da consciencia.

Invocou todas as energias para a lucta, e jurou não se deixar prostituir pelo exemplo das outras mulheres, ainda que a rebeldia lhe custasse a vida.

Contra a espectativa, não se lhe azou o ensejo de envidar o aprumo do seu caracter. Espectaculos perigosos nunca mais os viu; revelações de Sancta Angela nunca mais escutou alguma. Dir-se-hia que a prelada lhe concedera a liberdade de se derigir.

Serenou-se gradualmente o espirito da freira. Já descoroçoada de esperar a volta de Zolpki, julgou-se condemnada para sempre. Desde ahi, forcejou por afazer-se á existencia imposta e repulsiva. Applicou-se a esquecer, a refundir-se completamente na regra de Sancta Thereza.

N'este em meio, morreu a prelada.

Foi successo estrondoso no mosteiro.

As freiras, o padre Onufre, director, o padre Zózimo, confessor, fizeram frequentes conciliabulos. Duas carmelitas disputavam a soberania. Uma ainda nova, bella, ardente. A outra já avelhada. A primeira tinha as

exaltações de espirito aventuroso, e os mal esfriados sentidos de mulher de vinte e cinco annos; a segunda, rispida por idade, invejosa do frescor e belleza das suas companheiras, pellidava pelas auctoridades da regra, sem as attenuar com as compensações de que era prodiga a fallecida prelada.

Sahiram a campo, n'esta eleição, seducções sagazes, e ardis velhacos. O padre Onufre protegia a candidata velha, e o padre Zózimo dava o seu suffragio a Maria Wenzik, cujos haveres e ascendencia illustre, segundo elle, realçariam a honra do convento.

Instaram vivamente com Barbara para que désse o seu voto; ella porém fechou-se com o segredo da sua preferencia. A rigidez da Santa Rosalia atemorisava-a, ao passo que a mocidade de Wenzyk lhe parecia de melhor agouro. O voto de Barbara por fim decidiu a eleição.

Pobre mulher! Se ella adivinhasse as torturas que um dia lhe seriam feitas, por aquella religiosa que o seu suffragio chamou á prelazia do Carmêlo! Dir-se-hia que a nova eleita comprehendia quanto era obrigada a Barbara: tantas eram as delicadezas com que a tratava, a ponto de sondar o segredo do coração da sua amiga. A contricção d'alma da infeliz freira desafogava-se a pouco e pouco. Parecendo-lhe impossivel qualquer futuro fóra do convento, submettia-se ao destino, repetindo o *Quotidie morior* de S. Paulo, que é a grande divisa do christianismo.

Barbara foi mais adiante.

Com quanto não commungasse d'aquellas macerações nocturnas que a tinham indignado mais do que assombrado, quiz tambem matar o corpo a fim de reviver

a alma. Deu-se á penitencia fervorosamente. Mortificou o corpo desangrando-o, para espancar a imagem de Zolpki. No seu triste cenobio resoaram muitas vezes os involuntarios gemidos que lhe arrancava a dor. Estes supplicios eram mais excruciantes, por que não tinham cumplices nem testemunhas. O frenesi da penitencia não era contagioso para Barbara, que se mortificava por que assim o queria, sem o attractivo do exemplo. Era-lhe instinctivamente odioso o soffrimento corporal. Figurava-se-lhe commetter um crime de lesa humanidade—um suicidio lento, com premeditação. Procurava nos livros sanctos passagens idoneas que a absolvessem, tornando-se discipula da loucura da cruz, com aquella serenidade que redobra as torturas de quem voluntaria e solitariamente a ellas se condemna. A' custa pois do muito soffrer, esperava ella desfazer a visão do fantasma adorado.

Maria Wenzyk prestou-se aos desejos da religiosa. Se a não amava tanto como a outras, estimava-a por veneração ao respeito de si propria. Bem sabia a prelada que não era facil reduzir Barbara á submissão de adepta; mas esperava que ella fosse no convento pessoa bastante considerada, de quem mais tarde se colhessem as vantagens promettidas á situação que estava grangeando.

Enganara-se Barbara, quanto a pensar que a flagellação bastaria a dissipar a lembrança de Zolpki, e que o socego d'alma iria vindo á proporção que o corpo desfallecesse esvaido de sangue.

Quando, consoante a praxe do convento, estendia os dois braços á sangria, e que a força ia abatendo á medida que os borbotões de sangue derivavam, sentia-

se exhaurida, semimorta, e de repente mais deslumbrante e pura se lhe contornava a imagem radiosa do amante da sua mocidade. Era por tanto baldado luctar contra si mesma: o amor resistia invencivel como a morte.

Succumbiu, porém, o corpo.

A freira foi atacada de febre ardentissima. Durante alguns dias recearam que ella morresse.

A' imitação de todas as freiras enclaustradas, as carmelitas retardam quanto podem o recurso da medicina. Estava pois quasi agonisante Barbara Ubryk, quando a prelada mandou chamar o doutor Wrobleski.

X

O AFILHADO DO DOUTOR

O medico acabava de metter-se ao caminho do bairro de Wesola, quando um homem de cerca de trinta annos, pallido e esbofado, bateu precipitadamente na sua porta.

A creada abriu apressada, e, vendo o visitante, recuou expedindo um grito de espanto:

—O senhor aqui!

—Julgavas-me morto, não é verdade?

—Como toda a gente, como seu padrinho, como... Pobre menino! — ajuntou ella com ternura—Muito hade ter padecido...

—Muito!.. Meu padrinho está em casa?

—Não senhor, sahiu ha pouco.

—Esperarei... O' casa querida! Ha que tempos eu não transpuz a tua hospedeira porta... Tudo está no mesmo lugar. Os homens passam, e as coisas ficam.

O mancebo seguiu o corredor, e entrou no gabinete do medico, atirou-se a um sophá, e recolheu-se em meditação profunda que a velha criada respeitou affastando-se discretamente.

Meia hora depois, chegou o doutor, que, ao entrar no seu gabinete, deu subitamente de rosto com o hospede, e exclamou:

—Zolpki! Zolpki! Meu caro Zolpki!

E abraçaram-se com vehemente ternura.

—E' o mesmo homem... Que bom agouro eu tiro d'isto...—disse Ladislau—Adivinha o que a minha vida tem sido... Preso, e longos annos incavernado em *carcere duro*. Pude sahir porque os meus inimigos conseguiram o que queriam, e já me não temem... Meu amigo, meu segundo pai, falle-me com franqueza, diga-me tudo, o bom e o máo, que eu tenho soffrido tanto que já me julgo capaz de ouvir tudo... Que é feito de Barbara Ubryk?

O doutor impallideceu.

—Cazada?—exclamou Zolpki.

O padrinho fez um gesto negativo.

—Morta?! — bradou o mancebo amparando-se á meza.

—Nem morta, nem cazada, mas para ti... perdida.

—Quem ousa dizer que Barbara Ubryk está perdida para mim, se não está gelada na sepultura!... Se não cazou, foi leal ao seu amor, como eu á sua memoria... Onde está ella, meu amigo, meu pai, onde está ella?

—Pódes escutár-me serenamente?

—Diga.

—Esperei que oito annos de exilio e soffrimento te

fizessem esquecer Barbara... Sim, isto esperava eu, meu filho... O amor da tua mocidade não é hoje a esposa de outro homem, e comtudo, não tornarás a vêl-a... Barbabara, cedendo á vontade despotica do pai, professou nas carmelitas...

—Desgraçada menina!

—Mas o peior é ser terrivel a austeridade da regra, e a melindrosa compleição d'esta senhora não a supporta... Sabes d'onde venho? Do mosteiro onde ella está... Venho de disputar á morte a tua querida Barbara.

—Meu Deus! Meu Deus!—soluçou Zolpki tapando a face com as mãos.

Depois levantou-se, e caminhando agitado no gabinete do doutor, dizia:

—E' impossivel! E' impossivel!.. Eu soffreria mil torturas por amor d'ella, e ella terá soffrido tanto por minha causa, e para que tanta paixão, e tantas lagrimas fossem inuteis! Não! Existe Deus, ha uma justiça providencial! Eide tornar a vêl-a... Eide salval-a da morte, e do captiveiro depois... Os muros do convento não são mais altos do que os do meu carcere... Hade fugir... Não heide ser só n'esta empresa salvadora... O doutor hade ajudar-me.

—Pois esperas...

—Creio que o padrinho me ama...

—Sim, amo-te! E este amor, é quem impede que eu não coadjuve as tuas loucuras... Que queres tu fazer contra o irremediavel? Barbara está tão inteiramente separada de ti, que, ainda que fosses seu irmão, não poderias visital-a na grade... O sepulchro não é mais inviolavel que o seu claustro...

—O padrinho entra no convento?

—Como medico.

—E ella está muito doente?

—Muito...

—Póde morrer?

—Sim, por que não quer viver.

—E se ella quizesse?

—Salval-a-hia a mocidade.

—Graças! graças, meu amigo! E' preciso que Barbara queira viver. E' preciso que um vigoroso interesse como a esperança a impulse para a vida! Diga-lhe, como o Christo, áquelles que levantava da sepultura: «Ergue-te, e caminha!» Ella erguer-se-ha, viva e formosa! Como eu heide amal-o então! Adorar-lhe a sua bondade! Vamos! Faça o milagre. Basta que lhe diga: «Existe Zolpki; existe, e ama-a.»

—Mas, meu pobre filho, eu não fallo com Barbara.

—Não lhe falla?!

—Só, nunca. A prelada e outra freira estão sempre ao meu lado, e é impossivel que eu diga á doente palavras que ellas não ouçam.

—Mas é preciso que ella saiba, é preciso!

—Não!—disse o doutor com tristeza.—Não é preciso; e, se queres que eu te diga o que sinto, escuta: Melhor seria para aquella desgraçada senhora que a morte a colhesse nos seus braços maternaes, que prolongarlhe a tristeza dos annos que vão seguir-se... O convento mata Barbara... Definham-na as sombras dos altos muros; e a tua imagem ainda lhe está no coração... Se eu a salvar da morte, augmento-lhe o martyrio... Se tu soubesses, Zolpki! Eu vi-lhe nos braços e nos hombros,

quando a auscultava, as cicatrizes das recentes feridas... Barbara, dilacera-se com penitencias...

—Isso é horrivel!

—Horrivel!—Mas que fazer-lhe? O meu dever é acalmar-lhe a febre; porém, sei de sobra que não conseguirei suspender-lhe as pulsações do coração.

—Fui eu, pois, que a matei!

—Meu pobre filho, sou fatalista: o que acontece, devia acontecer.

—E' a phrase do homem resignado; mas eu estou resolvido a luctar. Pois pensa que tendo eu atravessado tantos perigos, me deixarei quebrantar agora por pequenas difficuldades... Se me não auxiliar, chegarei sósinho ao meu fim, ainda que o exito me haja de custar a vida.

—Pobre amigo, não estamos em Portugal, no tempo das escadas de corda.

—Ha um meio, que força os claustros mais rebeldes a franquearem-se.

—Qual?

—O fogo—disse tranquillamente o mancebo.

—Pois serias capaz?

—De tudo... As chammas me darão Barbara, que a auctoridade da familia me roubou, e a igreja me nega...

—Não queres ouvir nada?

—Nada, se não é algum conselho que me ajude nos meus projectos.

—Projectos d'um louco!

—Talvez! Mas que é o amor senão uma loucura! Entre o crime e o suicidio, escolho... Esta é que é a

verdade! Se nada conseguir fica-me o recurso da morte.

—O suicidio! Tu!.. Pois não sabes que eu, ao vêr-te agora, pensei que ficarias sendo o meu filho adoptivo! Vem para mim! Envelheci na solidão entre os livros da sciencia... Tu serás n'esta casa o contentamento e a vida. Fica, que eu te amarei e compensarei das saudades do passado.

—Mas eu amo Barbara.

—Então que fazer? Que fazer?

—Quer-me servir?

—Não posso faltar á missão de confiança que exerço.

—O seu primeiro dever é salval-a.

—Então que queres de mim?

—Pouco—disse Ladislau, sorrindo.—Segundo a sua propria confissão a sciencia nada vale n'esta cura... Eu enlouqueço da doença que a mata a ella. O seu mal e o meu é a paixão... Julga-me morto, e pensa em morrer para tornar a vêr-me... Amanhã, quando fôr ao convento, e a prelada lhe perguntar o que pensa da molestia, não occulte a gravidade do mal, tenha a coragem de confessar que nada póde.

—Farei isso.

—E depois diga: «Só o céo faz milagres, e eu ouso propôr á reverenda madre um meio infallivel...» A prelada quererá conhecel-o. O padrinho mostra-lhe então um pequeno relicario de prata, recommendando que a doente o tenha comsigo nove dias. Não duvide que a prioreza lance o relicario ao pescoço de Barbara... E ella será salva.

—Se é só isso...

—Só.

—Consinto.

Zolpki abriu o relicario, tirou um embrulhinho de papel amarellido que continha umas esquirolas d'osso, e escreveu dez linhas em caracteres microscopicos. Depois repoz o papel á volta da reliquia, e entregou o relicario ao padrinho. Este, porém, parecia hesitar, quando o olhar supplicante de Ladislau conseguiu vencel-o.

— Mas — volveu o doutor — Se Barbara estivesse morta para tudo, e até para o amor... Se recuzasse a liberdade que lhe queres dar?

—Se tal desgraça acontecesse, acabaria a minha fé n'ella, em todas, e d'ora ávante não haveria mais amor em minha vida. Não se violenta um coração! Barbara fará o que quizer. Se acceitar, serei feliz; se recusar, matar-me-hei...

O doutor, de seu natural refractario ás grandes paixões, olhou para Ladislau com profunda piedade. Depois, deligenciou desviar-lhe o animo para outro assumpto. Fallou-lhe do pai, cujo intimo amigo havia sido, e de quem, na hora extrema, recebera o encargo de proteger-lhe o filho. Serenou assim a primeira perturbação do moço. Durante o jantar, quasi que esteve alegre. A' noite, contou as suas aventuras. Referiu o modo como o pai de Barbara o fizera prender denunciando-o como cumplice em tentativa contra o imperador d'Austria. O ultrage feito á familia Ubryk pelo amoroso rapaz pareceu ao velho digno dos mais atrozes supplicios, dando-lhe por tanto direito a vingar-se da seducção moral de sua filha. Os precedentes politicos de Zolpki eram de natureza bem accomodada ao intento do conde. A authoridade

lançou mão do conspirador e aferrolhou-o sem mais averiguações.

Ubryk, antes de o deixar soltar, queria bem definir a posição da filha. Se ella aceitasse o conde Tostoi, perdoar-lhe-ia; mas Barbara vestiu o habito, fez votos e professou sem dar signaes de submissão.

Ubryk morreu antes de levar ao cabo a empresa da vingança, ou de reconsiderar a iniquidade. O governo austriaco deu liberdade a Zolpki, á falta de provas, julgando-o bastantemente castigado com a prizão preventiva de sete annos. Voltára pois Ladislau a Cracovia, febril das recordações amantissimas da sua querida. Ao saber que ella era freira, balançou entre a consternação e o contentamento. Em verdade, fôra-lhe mais facil varar o peito d'um rival que arrancal-a do mosteiro. Um homem é trahido mais facilmente que Deus. As esposas do Senhor adulteram mais raras vezes que as dos homens.

Ladislau desvelou a noite quasi inteira com o padrinho. Fadiga e dôr não o impediram de saborear-se nas recordações da perdida mocidade.

Quando na antemanhã do seguinte dia o doutor sahiu do seu quarto, encontrou já de pé o afilhado.

—Quero acompanhal-o a Wesola;—disse o moço—não se assuste, que eu ficarei na sege: desejo vêr a casa em que morre a infeliz senhora.

Wrobleski, vendo que seriam baldadas todas as advertencias, fez um gesto de consentimento.

Quando lançava mão do estojo, disse-lhe Zolpki:

—Que lhe não esqueça o relicario.

Um quarto de hora depois, estavam em frente das paredes negras do Carmêlo.

O doutor apeou-se.

O moço ficou submerso em angustiosa contemplação.

Puchou o medico rijamente pela cadeia da sineta; a porta rodou nos gonzos com um rangir surdo que fez estremecer Ladislau.

O doutor caminhou apressado ao longo do claustro. Ao visinhar-se da enfermaria, estugou o passo, e conturbou-se. Ia ser instigador e cumplice d'um rapto, e rapto religioso... Crime gravissimo!

E' verdade que Barbara estava ali violentada, e, com toda a certeza, em risco de morte.

Apesar d'estas considerações o medico não atinava a decidir se praticava uma boa acção, se premeditava um crime.

A' cabeceira da enferma estava Maria Wenzyk.

Barbara parecia mais marasmada que na vespera.

Talvez, ainda assim, que uma forte commoção podesse galvanisar aquelle corpo desnervado por jejuns, macerações e dores.

—Que lhe parece a doente?—perguntou a prelada.

O doutor sacudiu a cabeça.

—Não ha remedio algum?

—Na sciencia, não.

—Veja lá, snr. doutor, pense...

—Onde acaba a sciencia, principia a confiança em Deus.

—Já se orou muito n'esta casa.

—A senhora prioreza sabe que o Senhor se compraz em operar prodigios por intercessão dos sanctos, da mesma sorte que mais benignamente acolhe os preitos que se lhe fazem em alguns altares privilegiados.

—Sei.

—Acho que não ha nada que fazer aqui; mas tenho uma reliquia de efficacia divina; consinta que eu a lance ao pescoço da doente, e esperemos o prodigio impetrado pelas orações da senhora prioreza.

—Pois não!..—disse Maria Wenzyk.

O medico tirou do seio o relicario de prata.

A enferma fechara os olhos feridos pela demasia da luz.

Wrobleski cingiu-lhe no collo a reliquia, e affastou-se com a prelada para o vão d'uma janella.

Instantes depois, Barbara expediu um grande brado.

A prioresa e o medico accudiram.

Coruscavam os olhos da freira, sentada na cama, com os labios pallidos collados no relicario.

—Que é isto?—exclamou ella—Que é isto? digam-mo por piedade!

—E' a esperança da cura—disse o doutor—é o balsamo da sua ferida... Descance, minha senhora, e durma em paz.

—Em paz!—murmurou a doente.

Barbara reclinou-se para as almofadas, com o relicario sobre os beiços.

—Tem razão, snr. doutor—disse a prelada—as reliquias operam prodigios.

—Antes de nove dias, esta freira estará salva.

Soror Maria acompanhou o medico que sahiu, prescrevendo que deixassem a doente completamente sosinha.

Sahiram todas as freiras da enfermaria.

Barbara sentou-se outra vez na cama. Não sonha-

va! Aquelle relicario bem o conhecia ella!.. Era uma joia de familia, que vira ao peito de Zolpki. Por que lh'o dera o doutor? Cumpriria a sagrada promessa feita a um muribundo? ou Zolpki estava em Cracovia? Era ainda amada? Seria aquella reliquia o testimunho de ser amada ainda? Amada!.. Então queria viver.... queria a grande coragem das vidas desgraçadas. Mas viver para quê, se o não havia de ver jámais!..

E, pensando assim, abriu o relicario.

Sobre um tecido de brocado viu umas lascas de osso, e o nome de *São Marciano* escripto em uma fachazinha circumposta.

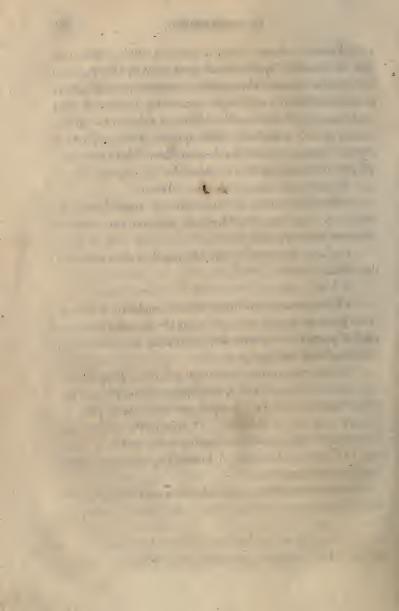
Barbara levantou a tira de papel, e deu um grito de jubilo.

E leu:

«Vive; resurge do fundo d'esse sepulchro, e prepara-te para me seguir na noite seguinte ao nono dia. Estarei á porta do convento das carmelitas com uma sege, e o meu mais fiel amigo.»

Subita reanimação aviventou a freira. Empurperaram-se-lhe as faces lividas, o sangue regirou-lhe nas arterias rapido e calido. Era precizo viver! triumphar da doença e da morte! Amada!.. O' effusão do milagre pelo amor! ó triumphar das paixões sobre todos, e sobre tudo! O' crentes infinitos, ó loucos imperecedouros que vos chamais amantes!..

Ao intardecer d'aquelle dia, Barbara não tinha febre.

XI

A RELIQUIA DE S. MARCIANO.

As rapidas melhoras de Barbara alvoroçaram a communidade.

Todas as freiras quizeram vêr o milagre. Barbara prestou-se graciosamente aos parabens das companheiras, respondendo ás perguntas. Dizia que apenas sentira sobre o coração o relicario, logo o allivio, e cura foram instantaneos. E ajunctava que, ao mesmo tempo, sentira um jubilo desconhecido, como se a tirassem do tumulo; e então, penetrada de immensa gratidão, se voltára com todas as potencias de sua alma para Deus que lhe restituira fé, saude e esperança.

Eram benemeritas de confiança estas palavras por serem textualmente as mesmas que de que usam as favorecidas por milagres. Em breve tempo, Barbara grangeou não só o preito que se dava ás suas compa-

nheiras; mas, para Maria Wenzyk, tornou-se objecto de assignalada preferencia.

Enviado ao leito da inferma, o padre Zózimo louvou o Senhor por tão maravilhosa cura. Deu-lhe a intender a prelada que seria proveitoso divulgar o prodigio, e attrahir d'esta arte ao mosteiro a visita de todos os fieis christãos de Cracovia, cujas offrendas sem duvida iriam em barda pelas portas dentro.

No dia seguinte, incommendou-se um relicario sumptuoso, e assentaram que no dia final da novena se cantaria um solemne *Te-Deum,* e depois se exporia a reliquia de S. Marciano.

—Parece-me,—disse o padre—que, á excepção do fragmento que Barbara possue, não temos mais nada do sancto.

Maria replicou, sorrindo:

—E' de opinião que o pó humano, de quem quer que seja, dêva ser glorificado? O culto e a invocação dirigem-se á alma que animou o miseravel corpo desfeito em cinzas: logo, nada prejudicamos a honra devida a S. Marciano, collocando no relicario a cabeça e o braço d'um homem cuja salvação custou o mesmo a Christo.

—Pensa bem—disse o padre Zózimo.

—A communidade vai trabalhar na bordadura dos requifes de velludo que hão de ornamentar as reliquias. Quantas piedosas damas nos não hão de enriquecer o relicario com as suas perolas! Antes de dois annos, o cofre de S. Marciano hade encerrar metade das joias de Cracovia.

—Acho que será bom—tornou o confessor—que as pessoas piedosas possam vêr Barbara, tanto quanto a

clauzura o permitte. A noticia do milagre fará muito, mas o espectaculo da favorecida do sancto fará muito mais. Esta menina é tão prodigiosamente bonita, que só de persi parece um milagre de formosura!

—Oh!.. eu bem sei —disse a prelada, assentuando as palavras—bem sei que, desde certo tempo, a prefere em segredo...

—Pois acredita?..—exclamou o padre.

—Contaram-me que, antes de eu entrar n'esta casa, Barbara Ubryk foi um dia destinada pelo snr. padre Zózimo á iniciação completa do soffrimento e do extasis... Mais me contaram que ella, espavorida pelo espectaculo de scenas cuja intenção e fim não percebia, se recuzara constantemente ao que lhe pediam. Dizia-se até que ella o vira com os olhos accezamente fitos na penitenciaria, ao mesmo tempo que Sancta Angela, despida sobre a cruz, radiava em meio de uma aureola de resplendores. Eu nada quiz aprofundar... reporto-me só a Zózimo... mas se a minha desconfiança fixar alguem... desgraçado d'aquella que eu suspeitar...

Maria pregou os olhos coruscantes no padre, que lhe aparou as frechas sem se perturbar.

—Entretanto, o seu parecer não me parece máo—tornou ella adocicando a voz—Barbara terá a semana toda para convalescer-se.

Fez-se o que a prioreza indicou.

Barbara readquiriu o colorido da vida. A commúnidade via edificada a terna devoção da freira a S. Marciano; o fervor com que ella beijava a reliquia, e parecia, n'aquelle inleio, absorta em profundo rapto. Ao terceiro dia mostrou vontade de sahir da infermaria. Ob-

temperaram agradavelmente aos seus desejos. Permittiram-lhe que passeiasse no jardim, claustro e pateos. Como a dispensaram do côro, e a tratavam como filha dilecta e inferma, aproveitou aquella temporaria liberdade para melhor estudar a topographia do convento, e deliniar a proxima fuga. O milagre, com que S. Marciano a honrára, adormecêra suspeitas. D'ali á vante, Barbara seria tractada com especiaes mimos, visto que attrahira para a communidade honra e proveito.

A religiosa que Barbara mais receiava era a porteira.

Esta mulher já desbotada de juventude, angulosa, enrugada e amarellenta, guardava no seio do claustro uma horrivel doença: a inveja.

Sendo feissima, e indigna de qualquer marido, abraçou a vida religiosa, para não soffrer a affronta de invelhecer sem namoro. Chamava-se Martha. Vocação não tinha alguma a não ser a do tedio por tudo d'este mundo que lhe era defezo. Ambições, que na sociedade lhe seriam matraqueadas, foi exercital-as no mosteiro. A clausura não dá preferencia ás bellas. Martha, fria e pontual, longo tempo aspirou ao maximo ponto da sanctidade. Estudou a vida dos bem-aventurados no intento de os imitar servilmente; dobrava-se aos caprichos da prelada sem murmurar; e, apezar d'isso, não attingiu o almejado fim. Minguava-lhe ardor no espirito e enthusiasmo na palavra. Fizeram-na porteira logo que professou: manteve-se n'este posto, invejando as suas companheiras de noviciado que iam vagarosamente subindo a escaleira das dignidades conventuaes. Com ouvir dizer a miudo que era grande o sacrificio de quem professava

no Carmêlo, capacitou-se de que se havia immolado, e accusava o divino esposo, a quem se unira á falta de homens, de ingratidão para com a mais casta e fiel das suas noivas.

Maria Wenzyk não deu maior preço que a sua antecessora aos raros meritos de Martha. Gemia, pois, a porteira por se vêr reduzida á oração vocal, aos encargos secundarios, e perguntava que mais valiam do que ella as freiras encaminhadas na vereda da perfeição, que conduz a todas as delicias das amantes predilectas.

Barbara escrutou logo o que ia no coração de Martha.

A recente liberdade permittia-lhe girar no mosteiro. Foi ter-se com Martha, á sala onde ella estava esperando sempre a aldravada do martello no portão.

Espantou-se Martha da honra que lhe fazia a joven freira do milagre. Humilhou-se deante de Barbara, louvou o Senhor pelo prodigio operado na sua serva, e disse que era bom que a fé publica se retemperasse tal qual vez na crença de similhantes successos.

—Ah!—respondeu Barbara—muito certo é aquelle dizer da Escriptura: *O espirito sopra onde lhe praz.* Deus sabe que eu, longe de solicitar favores ostensivos, os temia e mil vezes antes quizera vêl-os operados em mais perfeitas creaturas... Eu me abato e prostro, confessando minhas fragilidades e peccados... temendo muito esta especie de ardil armado á minha vaidade...

—Ardil?—atalhou Martha.

—Certamente. Não sabe quanto é facil figurar-se á gente o espirito das trevas com apparencias de espirito de luz?

—O Evangelho o diz.

—Quem me assegura a mim a verdade?.. a mim, peccadora!.. Não consta da Biblia que os magós do Pharaó operavam milagres semilhantes aos de Moisés? Simão Magico não espantou o povo com prodigios analogos aos dos apostolos? A nossa sancta fundadora propriamente não temia sempre de enganar-se com a qualidade dos espiritos que lhe assistiam, e tomar á conta de conselhos angelicos as tentações do diabo?

—Tudo isso é assim—concordou a porteira.

—Além de quê, se tal prodigio devia ter logar, por que se não deu em uma filha de Sancta Thereza, perfeitissima nas virtudes monasticas? Ha cinco annos apenas que eu professei; ainda não caminho, mas vou de rojo na via da perfeição... Antes eu queria vêr os favores do céo cumulados sobre uma alma excellente, e que a refrigerassem como os orvalhos celestiaes ao vélo de Gedeão. O' minha irmã, poderemos fallar confiadamente, abrir-mo-nos as nossas almas, como Santa Thereza com Pedro d'Alcantara? Os divinos segredos da consciencia querem-se expandidos, por que a confiança e a amizade os aviva. Ora diga-me: nos vinte annos que tem de freira, foi favorecida dos favores do divino esposo?

—Nunca—respondeu Martha.

—Como assim? A minha irmã tem sempre estado no dezerto arido...

—Sempre.

—Sem consolação sensivel?

—Privada da minima consolação!

—Injustiça!... se tal palavra póde applicar-se ao arbitrio de Deus... Ha vinte annos que exercita as vir-

tudes da pobreza, da castidade, da humildade, da mortificação, da obediencia, e nunca taes sacrificios lhe foram remunerados como uma visão celestial, com divinas lagrimas, effluvios d'alma, consolações ineffaveis, deliquios, affluencias de graça refrigerante? Nunca?

—Nunca! nunca!

—Minha irmã, permitte-me que eu peça ao Senhor que lhe concêda alguma manifestação de seu poder, alguma dadiva de consolativa graça?

—Pois a minha irmã, a honra do convento faria tanto por mim?

—Farei.

—Ah! então já sei que hade ser attendida...

—Pelo menos, espero sel-o—e acrescentou com vehemencia:—Martha, encha-se de fé; e quarta feira á noite, depois do solemne *Te-Deum,* em que hade fazer-se a exposição das reliquias de S. Marciano, meu patrono, será então objecto d'um favor do céo.

—Deixe-me beijar-lhe as mãos e o habito, minha irmã!

—Vamos... Não hade soffrer mais. Martha... Vai abrir-se-lhe o céo... Não tem a minha irmã em si as prerogativas de Pedro que ata e dezata? Quando lhe vejo as insignias de confiança de que está investida, penso que deve occorrer-lhe a miudo a lembrança de Jesus e dos apostolos... Decerto que as chaves do reino do céo não são mais pezadas... Que volumoso molho! Estas chaves devem ser de muitissimas portas!..

—Esta é a da portaria; esta é a da loja da lenha; e a mais grossa é a do portão de fóra.

Barbara tomou-lhe o pezo.

—Eu não tinha bastante força para desandar a lingueta de uma fechadura tamanha!

A religiosa pouzou as chaves á beira de Martha, e continuou fallando em milagres operados pelo fervor, recompensas concedidas ás almas humildes, effusões de graça, e poder das reliquias dos sanctos, particularmente de S. Marciano, o qual, havendo sido feiticeiro antes de converter-se ao christianismo, revertêra depois a sua prodigiosa sciencia ao allivio e consolação do proximo.

Quando se apartou da porteira, recommendou-lhe:

—Peça a Deus que a favoreça com uma visão celestial.

Martha não cabia na pelle de contente. Nenhuma duvida lhe passou pelo animo. O orgulho, solapado n'ella, inchou descompassadamente com a idéa de edificar a christandade relatando os favores com que Deus a visitára. Quem sabe até se ella não viria a dictar as suas memorias e visões, á laia de Catharina Emerich, Maria d'Agrêda, e quejandas? Agradeceu, por tanto, ao Senhor o obsequio de servir-se de Barbara como medianeira entre elle e ella. Orou pois com dobrada devoção, e, febril de sancta e orgulhosa impaciencia, esperou a hora promettida.

Alguns dias volvidos, realisada a conjectura da prelada, a cidade de Cracovia não fallava senão no caso das carmelitas. Desde o amanhecer até á noute as carruagens rodavam no bairro de Wesola. Quem recebia no palratorio era o padre Zózimo. Como era defezo o palestrar com as freiras, inaccessiveis á curiosa indiscripção dos fieis, o confessor é quem referia o milagre. Pediam-lhe conselhos. Encommendavam-lhe missas. Da-

va-lhe ricas esmolas para S. Marciano. O patrono de Cracovia S. João de Kenti perdeu n'aquella semana quasi todo o credito com Deus na opinião dos cracovezes. O fervor seguiu as fluctuações da moda. A's temporadas, ha no mundo catholico d'estas lufadas de devoção soprando para um ou outro sancto. Os mais das vezes é a egreja quem as sopra. Agora, é a mumia de uma joven martyr achada nas catacumbas, e logo o nome de Philomena ganha grande poderio como intercessora: logo, folheam-se chronicas para exhumar um sancto pulvereo á feição do bemaventurado Labre. E' de suppôr que Labre, cujo principal heroismo era ignorar que a agua lava as immundicies, não comprehendia que tanto o velho como o novo testamento recommendam a virtude da limpeza. Como é que se curavam annualmente os infermos de Jerusalém? Banhando-se na piscina. Como se administrava o baptismo? nas correntes dos rios. E, não obstante, lêde quantos livros asceticos ahi correm, estudai todas as regras dos mosteiros, e notareis que o cuidado com o corpo é tido em conta, não só de perigo, mas até de imperfeição. Ora, com o exemplo de Labre, não seria justo tirar do esquecido martyrologio aquelle S. Marciano, o sabio confessor da fé? Não se fallava, pois, de coisa em Cracovia, que não fosse a resurreição de Barbara Ubryk.

A clinica do doutor Wrobleski dobrou na seguinte semana.

O valor da reliquia tentava os infermos tanto como a sciencia do medico.

O honesto homem tinha furias intimas.

—Vês onde me leva a minha condescendencia?—

dizia elle a Ladislau—D'aqui a pouco, estou sendo a fabula do povo.

—Por que, meu padrinho?

—O' amoroso estupido! não vês o que por ahi vai?

—Vejo que o preferem aos outros medicos, por que meu padrinho é o mais habil.

—Não é isso—redarguiu Wrobleski batendo o pé—Bem se lhe importa o publico do que eu sei e do que estudei! O que me pedem é que lhes applique o maldito relicario. Catharraes, rheumatismo, dyspepsia, phthisica, paralisia, nevroses, que sei eu! Querem que tudo desappareça em vinte e quatro horas, do pé para a mão. Já não sou senhor de tomar o pulso, de estabelecer diagnostico e receitar. Quando me valho d'estes expedientes, unicos que tenho, olham-me de má catadura, e dizem-me: «Seja humano, doutor!»—Então que querem?—pergunto eu. «Ah! o doutor bem nos entende...—Não sei o que diz—«Não me desampare...» Encho-me de cólera, e brado:—E' preciso que a doença siga o seu curso regular.—Hontem, um homem disse-me cara a cara: «quanto quer você por me curar de repente?» —Não sou feiticeiro, senhor; não posso.—«E a freira carmelita? e o relicario de S. Marciano?» Levantei-me furioso e safei-me. Repito, Ladislau, tornaste-me ridiculo, e, d'aqui a pouco, odioso. Não tardo a ser posto entre os charlatães e milagreiros.

—Meu bom e digno amigo—replicou Zolpki—responda aos que lhe pedem prodigios que esses prodigios se repetirão quando os supplicantes egualarem as carmelitas na sanctidade dos costumes.

—E' boa idéa essa; mas, meu pobre Ladislau, tanto faz; da situação difficil é que tu me não salvas.

—Peço-lhe que por amor de mim soffra com paciencia. D'aqui a pouco, tudo será acabado, menos o prazer de me ter soccorrido na empreza da minha felicidade.

Zolpki não perdia tempo. Descobriu Casimiro, seu fiel companheiro da infancia. Era este quem devia saltar para a almofada da sege em que Barbara havia de fugir. Resgatada do convento, esconder-se-ia por alguns dias nos suburbios da cidade; depois, iria para Italia, Belgica ou França, para qualquer parte onde se podessem amar em paz.

Ladislau embolçou o seu patrimonio, herdado do pai, com os rendimentos vencidos nos annos da sua auzencia. Tinha pois dinheiro—esse ingente meio de acalcanhar estorvos; e tinha tambem energica vontade para investir com as difficuldades da empreza. Concorriam n'elle, por tanto, a febre ardente do coração, e a serenidade da força, quando chegou o grande dia esperado em Cracovia com diversas impaciencias.

Barbara fingira o seu ardil perfeitamente. A ausencia do côro, os passeios solitarios, as palestras com Martha eram explicadas á communidade pela importancia do papel que a freira representava.

Ao oitavo dia prepararam-se os altares, e os ornamentos da igreja.

Corria então o mez de abril. Os jardins das casas nobres de Cracovia despojaram-se para aformosear e perfumar o convento.

Sobejavam açafates de camelias, ramilhetes de lilas

branco, e flôres purpureas nascidas nos tropicos e artificialmente aclimadas. Rendas de preço fabuloso, offerecidas por uma donzella em momento de generosa devoção, adornavam o altar. Caçoulas enormes, cheias de vaporosos perfumes, recendiam seus vestiginosos aromas.

A organista havia de ser uma carmelita de grande habilidade.

Finalmente, como attractivo superior a todos, dizia-se que Barbara Ubryk, concluido o officio, cantaria um *Magnificat* em acção de graças.

Depois seguir-se-hia uma practica do padre Zózimo, consagrada ao panegyrico de S. Marciano, para corroborar a confiança nas reliquias cuja exposição se faria depois.

O programma da sancta ceremonia, em fórma de cartaz de espectaculo, foi profusamente espalhado na cidade.

A' hora designada para o *Te Deum*, o doutor, vendo Ladislau a ponto de sahir, perguntou-lhe:

—A que hora voltas?

—Talvez muito tarde. Não sei quando terminarão as sanctas ceremonias.

—Vais ouvil-a esta tarde, para ficar bem certo de que ella vive?

—Justamente; vou ouvir esta tarde aquella voz querida! E então, meu velho amigo, meu pai, o coração de Zolpki o abençoará.

—E bem preciso é que me dês essa compensação, em desconto dos dissabores que vou tendo. Sê feliz, Ladislau!

Zolpky apertou o doutor nos braços, accusando-se intimamente da sua falta de confiança; por que não ousava dizer-lhe, que n'aquella noite, raptaria Barbara.

O doutor imaginava que o afilhado, certo da saude de Barbara, desistira dos perigosos intentos.

Ladislau, querendo só para si a responsabilidade e a censura que poderiam caber-lhe se a tentativa se baldasse, desviava o doutor da minima complicidade, por intender que já bastantemente expusera o honrado homem, levando-o a entregar o relicario que tamanho ruido causara na cidade.

Por volta das sete horas, começaram a repicar os sinos do convento. A multidão encheu logo a igreja. Apezar do rigor da estação os devotos e curiosos estanciavam diante da fachada do mosteiro. As ruas convisinhas estavam cheias de tréns. Na multidão de tantos vehiculos, ninguem reparou n'uma sege de viagem, cujo cocheiro, involto n'um ferragoulo que o cobria até ás orelhas, parecia impaciente sobre a almofada.

Ao passo que as harmonias magestosas do orgão reboavam no templo, centenas de cirios se acenderam, radiando pelas naves uns clarões magicos.

O padre Zózimo subiu ao pulpito, referiu a vida de S. Marciano, animou os devotos a confiarem n'elle, fez uma pathetica narração do milagre, e, quando abençoou o auditorio, um lisongeiro murmurio testemunhou o bom exito que elle obtivera com a sua eloquencia.

Foi então que, por detraz da grade que separava as freiras do concurso do povo, se cantou aquelle cantico d'amor e triumpho que se chama *Magnificat*. A voz de Barbara tinha grande volume; mas sobre tudo, o que

mais a destinguia era o timbre metallico e sonoro. Aquella voz não agradava sómente: deslumbrava, fascinava o auditorio, com inexprimivel encanto.

Aquelle cantar enviava-o ella ao coração de Ladislau, perdido na multidão, esperando a hora de a libertar. A alma extravasante de jubilo deixava exhalar a sua alegria. Liberdade e amor vibravam em todas as notas. O auditorio estremecia, palpitava, por que a paixão de Barbara, trahindo-se na voz, filtrava em todas as almas. O seu amor, que ali chamavam devoção, era n'ella o exalçamento vertiginoso da pythonisa antiga. Ao findar o sagrado cantico, os fieis, electrisados pela sublime artista, estavam de pé.

Correu-se então uma cortina escarlate posta diante do altar, e expoz-se o cofre das reliquias de S. Marciano.

Cantou-se a benção do SS. Sacramento, o orgão gemeu pela ultima vez os seus grandes suspiros, e depois, lentamente os assistentes retiraram-se.

Entre os fieis, havia dois homens, um dos quaes envolto no seu capote, tão perto estava, da grade que encostava a face ás rexas; o outro, de braços cruzados, parecia assistir pacientemente a um espectaculo.

Dir-se-hia que o homem do capote receava perder uma só nota da voz da cantora. Durante o cantico, a mão occulta comprimia as pulsações do peito. Quando se apagaram os ultimos brandões, sahiu elle do templo, seguido do outro, e ambos se encaminharam á sege de viagem.

Não havia já outra na rua.

O tropel dos cavallos, o rodar surdo das carroagens, e o bradar dos cocheiros já resoavam longe.

Ladislau acercou-se do bolieiro, e disse-lhe:

—Casimiro, agora vamos esperar... Ouvi-lhe a voz, e, pelo modo como ella cantou, parece-me que está prompta a sahir.

—Pois esperemos.

—Parece-me—disse o outro amigo de Zolpki, o conde Wenceslau—que seria prudente entrarmos ambos na sege, para darmos menos que desconfiar. Em emprezas d'este genero todas as cautellas são poucas.

Zolpki e Wenceslau entraram no trem.

No interior do convento começava a reinar o silencio do costume.

As freiras iam entrando para os seus cubiculos.

Maria Wenzyk, reconhecida a Barbara pela celebridade que o mosteiro estava gosando, disse-lhe, ao separar-se, algumas palavras affectuosas.

Barbara entrou na cella e assentou-se na cama.

Uma freira passou pelo dormitorio, vigiando que as freiras estivessem recolhidas com as portas fechadas. Barbara parecia dormir sobre a sua enxerga. Logo que ella ouviu o rumor da ultima porta, e percebeu que a freira se tinha fechado, ergueu-se mui de manso. Levantou com ambas as mãos o alisar da porta para que os gonzos não rangessem, abriu o bastante para sahir ao corredor, e ás apalpadelas, tremula e descalça, desceu a escada.

Isto já era muito; mas a maior difficuldade estava por vencer.

De que modo se apossaria ella das chaves da porteira? Era preciso seduzir a vaidade religiosa de Martha com os vãos prestigios d'uma visão. E' certo que a velha soror estava preparada para ella; mas, se uma

duvida, uma desconfiança lhe abalasse o animo, tudo estava perdido; por que então Martha, irritada por fazerem d'ella tola, romperia em furias contra a desgraçada Barbara.

Era mister representar esta mistica farça com rara destreza e imperturbavel velhacaria, ao mesmo tempo que Ladislau esperava cheio de angustia, e não menos sobresaltado que ella.

Barbara atravessou o pateo, e entrou no pequeno quarto habitado pela porteira. A lamparina estava apagada. Dormiria Martha? Barbara esperou.

Nos conventos austeros em que o serviço da noite é interrompido pelas rezas do côro, apenas as religiosas se deitam, adormecem logo. O pouco tempo que tem de repouso não lhes permitte meditarem antes de adormecer. Dormem para restaurar algum tanto o equilibrio das forças corporaes. E n'aquella noite, a festa mais demorada que o costume as tinha obrigado a velar mais duas horas; e porisso, quebradas do cansaço, haviam logo adormecido.

Barbara abriu a porta de Martha.

Conheceu que ella dormia pelo resonar igual da respiração.

Martha costumava deixar as chaves á cabeceira.

Barbara abeirou-se do leito: a porteira voltou-se neste lance suspirando.

As mãos da freira procuravam na parede o molho das chaves.

Martha sonhava, murmurando:

—Visões! Quem me dera visões e consolações espirituaes!

A religiosa pôs a mão sobre as pesadas chaves, e pousou a outra na testa da porteira.

—Martha! Martha! — disse ella, com a voz mui maviosa.

A porteira ia despertando, quando Barbara já estava de posse das chaves.

E a voz maviosa continuou:

—Eu sou Marciano... Venho reclamar as tuas mais puras jaculatorias; e em paga eu te encherei de dons celestiaes... Serás a preferida amante de Jesus, e toda a cidade maravilhada porá em ti os olhos... Ah! fecha tu os teus, cruza as mãos no peito, reza piedosas litanias, e espera a realisação das minhas promessas.

Martha, repartida entre a curiosidade e a ancia de obedecer á apparição, começou a rezar; mas o seu espirito, fluctuando entre a realidade e o sonho, não resistiu muito tempo ao somno: apenas teria nomeado metade dos bemaventurados da ladainha, quando adormeceu.

Barbara sahiu do quarto, e desafogou n'um suspiro immenso de exultação.

Estava livre! Ia abrir-se a pezada porta! D'ahi a momentos estaria reclinada ao coração de Ladislau.

Barbara achou a chave no molho, fêl-a rodar na fechadura e a porta abriu-se vagarosa, transpoz o limiar, entreviu uma sege na rua, e correu para ella, exclamando:

—Ladislau! Ladislau!

XII

A PATRULHA NOCTURNA

Barbara deixou a porta do convento aberta, para evitar a bulha que ella fizesse ao fechar. Pouco importava que Maria Wenzyk, ao chamal-a de manhã, ficasse sabendo que a fugitiva deixara a porta escancarada.

Se uma religiosa das novas, ou uma noviça aproveitasse a liberdade de sahir, tanto melhor: em lugar d'uma seriam mais as resgatadas.

Quando Zolpki apertou Barbara ao seio, tamanho foi o seu jubilo que as pulsações do coração pararam, a ponto de pensar que a sua alegria e a de Barbara o matavam.

A' claridade da lua, Zolpki viu-a mais bella que nunca, n'aquella pallidez, envolta no manto escuro. O véo tinha-se despregado, alvejava-lhe a touca na fronte, adoçando-lhe a fixidez penetrante dos olhos.

Ladislau pôde arrancar-se áquella contemplação, e

tomando a freira pelo braço ajudou-a a entrar na carruagem onde estava Casimiro.

Não entrou, porém, tão depressa que uma patrulha, ao vêr passar aquella sombra, não suspeitasse algum mysterio nocturno. De salto, a religiosa sobresaltada sentou-se no fundo da sege; e Ladislau, sahindo á portinhola, exclamou a Casimiro:

—Marcha!

Mas o mancebo mal teve tempo de apanhar as redeas e dar alor aos cavallos. Um bando de guardas nacionaes desembocava da extremidade da rua.

Dissemos que corria então o mez d'abril de 1848. Rebentara em França a revolução de fevereiro.

A influencia d'aquella commoção abalou mais ou menos todos os reinos da Europa, e tanto os imperadores como os reis, vendo que os povos despojavam os thronos, tremiam por si, e redobravam temerosos a vigilancia da policia sobre a população.

A Polonia foi sempre dilectissima da França; e d'ahi o crear esperanças de redempção sempre que um sopro de liberdade lhe bafejava d'além.

A Polonia espera que a França a resgate. A Allemanha, cooperando na escravidão da infeliz, não lhe dá motivo a confiar-se n'ella. A Hespanha é debil, e Portugal é pobre. A Italia tem muito que fazer em sua casa. Não ha que esperar soccorro algum do poder d'essas nações.

A Irlanda catholica perseguida, á imitação da Polonia, faz votos pela salvação de sua irmã crucificada. Para salvar uma nação não basta a força: o que mais monta n'essa empreza é o enthusiasmo.

A França é arrojada. Ama a Polonia. Talvez por que d'aqui lhe foi Henrique III? Ou por que lhe deu Maria Leszinska? Não. A França folga de ser invocada no livramento dos que padecem. Praz-lhe atirar o seu gladio pezado á balança, afim de a fazer pender do lado dos vencidos. Quando a convidam a ser arbitra, folga de ser a justiça armada, e soberana reparadora. Foi, em nome d'estes sentimentos, que Carlos Magno declarou batalha á moirama; e d'esses honrados intentos sahiu aquelle brado de Pedro o eremita que arrebanhou a conjuração senhorial dos cruzados.

A França traja lucto quando a Polonia geme; e, se a aguia azul sangra e grita, a França responde.

Por tanto, quando, em 1848, o écco da revolução repercutiu em Polonia, viria a ponto recitar estes versos de Bathélémy:

E os olhos fita no deserto immenso
Do céo profundo a aguia branca, e olhava
Se a aguia fraternal, que fere o espaço,
Paira sobre Varsovia—a triste escrava!

O czar e o imperador d'Austria, os autócratas, tremiam.

O throno do primeiro, bem solido em Petersbourg, vacillava mal equilibrado na Polonia. Que farte sabia o imperador que povoar carceres, arruinar familias, decimar a nobreza, não era extinguir sentimentos de nacionalidade. Juncar a Siberia de polacos não era esponjar a Polonia. Assim como o sangue dos martyres, escalavrados pelas feras, nos circos de Roma, regou a arvore do christianismo, do mesmo modo a perseguição redo-

bra a vitalidade das nações captivas. Embora a Polonia fosse aspada d'entre os potentados, e agonisasse lentamente á mingua de filhos capazes de a redemirem; embora o congresso dos reis a retalhasse como objecto sem existencia pessoal—a desventurada resurgiria ainda no espirito e coração de seus filhos. Piedade, respeito, e compaixão das nações visinhas ser-lhe-iam as flores do tumulo.

O czar, entretanto, cobrara pavor.

A Austria não se dava por mais segura. Policia e patrulhas, formigando em Cracovia, exercitavam maior severidade. Farejavam conspirações onde quer que lhes negrejava um grupo nas ruas; se dois ebrios se amparavam reciprocamente a marradas, por alta noite, eram presos como jurados.

A demasia da desconfiança gerava a suavidade arbitraria.

Era de vêr que a patrulha, composta de guardas nacionaes austriacas, suspeitasse caso grave na sege que estanciava em frente do mosteiro.

O commandante mandou dobrar a patrulha, enviando metade dos soldados rodear o convento a fim de que a sege fosse impedida, no caso de retroceder.

Assim que descobriu tropa, Zolpki não pôde embargar um grito de afflicção. Desceu rapidamente a portinhola, e disse a Casimiro:

—Desanda!

Com destreza e rapidez extremas, o mancebo conseguiu dar a volta.

Barbara, cingida com Zolpki, murmurava anciosamente:

—Meu Deus, meu Deus, eu não estarei salva?..

—Estás, ainda que eu perca a vida!—respondeu Ladislau.

Ao proferir estas palavras, estrugiu um grito de furiosa angustia.

Os guardas haviam agarrado as cambas da sege, e Casimiro saccudira-lhes o chicote ás caras; depois, desesperado, conhecendo que só a rapidez os salvaria, affoitou a fogosa parelha que partiu, a desapoderado galope, arrastando os dous soldados. N'este lance, surgiram pela frente os dois que primeiro viram a sege, e lançaram-se ás redeas, subjugando os cavallos que estacaram escabriando-se resfolegantes.

Casimiro saltou da almofada: o encontro assumia perigosas proporções. Ladislau com um braço apertava a tremente senhora ao peito, e com a mão do outro arrancava d'um punhal.

—Deus não quer...—murmurou ella.

—Queremos nós!—respondeu Ladislau.

Depois, curvou-se á portinhola, e disse com uma pistola engatilhada:

—O primeiro que ergue um braço é morto.

Houve um momento de pavor, e quasi desistencia das patrulhas.

Pensavam ellas que o reterem uma sege de viagem, sem ordem, poderia ser um arbitrio que o proprio governo reprehendesse. Que era aquillo? Dois homens e uma mulher que iam de viagem: coisa naturalissima.

O local onde estacionava a sege é que não era muito natural. Pois, se ella estava parada, alguem se esperava ali. A particularidade de estar postada em frente

do mosteiro das carmelitas, dava que pensar. Além d'isso, a freira, se não tinha o véo, deixava vêr a touca. Com toda a certeza, era rapto, e rapto de religiosa.

N'esta conjunctura, conspirava tudo para a perdição dos desgraçados amantes.

Descobrir um mysterio d'amor, e dar-lhe fórma de escandalo religioso, foi para os soldados de Cracovia regalo que não cederiam a ninguem.

O momento do panico foi rapido. Quatro soldados arremetteram ás portinholas.

—Alto ahi! — exclamou Ladislau — se são ladrões que me assaltam a carruagem, recorro á legitima defeza!

—Para onde vão?—perguntou um dos soldados.

—Que lhe importa?—respondeu violentamente Zolpki.—A sua obrigação é patrulhar as ruas de Cracovia; nós não perturbamos ninguem, nem fazemos arruidos. Larguem as redeas aos cavallos, se não, eu não respondo pelo que acontecer.

—Eu é que respondo que não passam adiante sem que me digam os seus nomes, appellidos, e qualidades—respondeu um que parecia mais audaz e um tanto alcoolisado.

—O meu nome — disse Ladislau com altivez — é Zolpki: sou polaco.

—Olé! um polaco que conspira desde criança!

—Tem prudencia, por piedade!—disse Barbara ao ouvido de Ladislau.

O moço sopezou a colera, e disse com grande esforço de serenidade:

—Os senhores já veem que a minha nacionalidade nada faz. Tanto monta que eu seja polaco como austria-

co. Os senhores parecem-me pessoas bem educadas, e idoneas para perceberem que n'esta carruagem está...

—Bem vejo.

—Respeitem uma dama; peço-lh'o em nome da cortezia.

—Queremos vel-a...—disseram os guardas.

—Nunca!—exclamou Zolpki.

—Havemos de vêl-a por força — disse o commandante.

Travou-se então um conflicto horrendo. Abriram-se ambas as portinholas a um tempo. Quatro homens investiram com Cazimiro, cujo punhal vibrou tres vezes; dois arremetteram a Ladislau, que desfechou sobre um dos adversarios. Barbara, apesar das supplicas e gritos, foi arrancada da carruagem.

A lucta continuava. Cazimiro batia-se desesperadamente. Barbara, entre os braços dos guardas, escabujava de vergonha e angustia. A peleja era encarniçada de parte a parte; mas desegual para Zolpki e seus amigos.

Os prodigios de valor prolongavam a lucta, e extenuavam as forças dos defensores de Barbara. Zolpki, cercado de inimigos e já mal-ferido, sustentava-se ainda em pé, terrivel e ameaçador. Por fim, o commandante, fez-lhe um golpe de espada a uma perna. O mancebo cahiu sobre um joelho; mas, com um sabre arrancado a um dos guardas, e um punhal na outra mão, exhauria os ultimos alentos com as ultimas gotas de sangue.

—Barbara! — murmurava elle — adeus... que eu morro!..

Com desesperado esforço, a religiosa furtou-se ás

mãos brutaes que a retinham, e debruçou-se sobre o corpo de Zolpki.

—Ergue-te, Ladislau! — exclamava ella — Tu não pódes morrer, por que eu sou livre e amo-te!

—O' minha amada filha! — disse elle com a voz já muito extenuada — foge aos ultrages d'esses miseraveis!

—Não, em quanto viveres!

—Recebe o meu ultimo alento—disse elle, erguendo-se penosamente para aproximar os labios da boca de Barbara.

Os labios d'ella foram como trespassados do frio da morte.

Ladislau cahiu...

E, apertando nos braços convulsos aquelle corpo immovel, Barbara perdeu a consciencia de tudo que a rodeava.

—Ladislau!—exclamava ella—reanima-te... vem... estes infames deixam-nos passar... Eu te levarei nos braços... Ladislau, tu não me ouves? O' Senhor, fazei um milagre!.. Erguei-o, salvai-o, meu Deus!

Barbara, estirando os braços em vertiginosa agonia, chorava torrentes de lagrimas.

—Ora vamos, lindinha!—disse um dos guardas nacionaes—por cada namoro que se vai, vem dez. E' nossa a menina por direito de conquista... Vê-se que a galantinha não se dá no convento, por isso se escapuliu; mas amantes todos são um! Cá estamos nós que sabemos amar tambem como se quer!..

O soldado repuchou o braço de Barbara para a levar comsigo.

E ella, comprehendendo então o perigo que lhe estava eminente, intendeu as ultimas palavras de Zelpki.

O convento, a cujas austeridades fugira, já lhe parecia o supremo refugio.

Morto o amante, que lhe importava lá entrar para morrer?

—Deixem-me, deixem-me ! — exclamou ella — que eu pertenço á nobreza ! Basta de crimes, malvados !

—Deixal-a ! restituir tão bella preza ás carmelitas ! isso não anda ! Vamos... Nós... os homens do povo, tambem sabemos amar as lindas fidalgas.

A freira, ao sentir-se aferrada pelo soldado, vibrou um grito de pavor, arrancou-se-lhe dos braços, e fugiu na direitura do convento. Mais dous passos, e estaria salva. Transposto o adito do pateo, não teria mais que receiar; mas o guarda seguiu-a, exclamando:

—Venha comnosco !

—Matem-me, se querem...

E esforçou-se por entrar a tempo que o sino do segundo nocturno já chamava para o côro. Conseguiu desapressar-se dos scelerados; entrou á portaria; mas, quando ia fechar a porta, o chefe da guarda, estorvou-a, gritando:

—Nós vamos chamar a communidade, se nos não segue.

—Chame ! — bradou ella, correndo para o interior do mosteiro.

O austriaco ainda lhe travou do habito, dizendo a altos brados :

—Fechem as portas, que foge uma freira !

Na extrema do corredor perpassava então uma fileira de sombras : era o rebanho das religiosas que ia

entrando no côro, e todas se desgarraram ao ouvirem a voz d'um homem. Porém, a prelada, a sub-prioreza, e a porteira, as tres mais responsaveis da fuga, avançaram para a desgraçada Barbara.

Maria Wenzyk, dirigindo-se ao guarda nacional, disse:

—Quem quer que seja, senhor, grande é o serviço que prestou á religião prevenindo um grande escandalo; entretanto, queira sahir sem demora d'esta casa, onde é defeza a entrada de homens. ...

O soldado primeiro fez um passo á frente, depois outro á retaguarda, e sahiu.

No mesmo instante, o sacristão Gregorchyk foi direito a Barbara, obedecendo ao aceno da prioreza.

Martha, cerrando os punhos, invectivou-a furiosamente:

—Miseravel! promettestc-me visitas de S. Marciano para te sahires bem dos teus infames projectos! Não ha bastante penitencia que castigue a tua hypocrisia e malicia.

Barbara não respondeu.

—As correntes!—disse a prioreza ao sacristão, que immediatamente sahiu.

Já dissemos que estes successos passavam por uma noite de abril fria e clara. Terror, curiosidade e desejo de vingança retinham ali todas as freiras. Nenhuma pensava em ir ao côro. As monjas antigas scismavam no rigor das penas infligidas ás religiosas delinquentes; as novas, em cujas almas os sentimentos humanos ainda não haviam morrido, tremiam de susto e escondiam as lagrimas sob os véos.

Sancta Angela e Cinco-Chagas davam-se as mãos em silencio.

O sacristão chegou com as cadeias e golilhas de enorme pezo.

—Prenda a criminosa—disse a prelada.

Barbara offereceu os braços.

Quando os delicados pulsos começavam a esverdear-se, apertados pelas golilhas, a prioreza fez esta conciza indicação mais para horrores que longas phrases:

—Cova negra.

Gregorchyk solevou uma cadeia que rojava no chão, e Barbara, cambaleando, seguiu.

As religiosas contemplavam-na.

Um grito de piedosa magua fugiu do coração de Sancta Angela.

—Qual das senhoras em tão pouco tem a honra d'esta casa, que lastima aquella miseravel? — perguntou Maria Wenzyk.

Uma noviça affogou na garganta um soluçante gemido.

A prelada, alongando o braço na direcção do côro, disse glacialmente:

—Vamos cantar o officio.

Minutos depois, na egreja alumiada, resoava a psalmodia. Ah! Forçoso é confessar que os psalmos de David tem menos precoitos de amor e caridade que sêdes de vingança e sentimentos de odio. O profeta-rei, que nunca perdoou injurias, não se satisfaz odiando: emparceira nas suas vinganças o Senhor.

Em nome de tudo que fez bom, roga a Deus que o ajude a fulminar os inimigos. «Hão de rojar-se-me aos

pés (diz elle). Pulverisal-os-hei como pó que o vento espalha; e farei que se sumam como a lama dos caminhos. Senhor, julgai quem me não faz justiça. Arrancai do gladio, e atravancai o transito aos que me perseguem; que trevas lhes obumbrem o caminho, e o anjo do Senhor não cesse de os atormentar... Esmagai meus inimigos com o peso que elles querem sobre-pôr-me, e exterminai-os, consoante promettestes... Elles soffrerão fome como cães; divagarão em volta da cidade, errarão dispersos á cata de alimento, e nunca se fartarão. Que os olhos se lhe escurentem a ponto de cegarem; fazei que o dorso se lhes derreie para o chão; cubri-os de vossa colera, e sobresaltai-os com o furor da vossa indignação; que a sua habitação seja erma, e não haja quem lhe povôe as tendas.»

Os psalmos de David sempre nos pareceram assaz improprios para serem cantados nas igrejas catholicas.

Primeiro, porque essas poesias são biblicas, saturadas do espirito da lei antiga, que era a lei de Talião, da colera e do rancor; depois, os psalmos de David são personalissimos para se apropriarem á generalidade dos fieis. Poucos são os cantares de graça e triumpho que possam quadrar com a uncção religiosa.

Posto isto, vem de molde inquirir por que é que, durante os officios, fazem cantar nossas filhas innocentes as phrases dos pesares de David, assassino e adultero? D'esta anomalia o correctivo unico é responderem-nos que os psalmos são ditos em lingua desconhecida ao maior numero de christãos. Pois a egreja catholica não pôde formular preces, crear expressões contrictas, compor as supplicas adequadas ao seu espirito, e culto e es-

peranças? Não houve sancto ou doutor da egreja com tanta inspiração para resumir o pensamento do evangelho. Praticamos um culto, e pedimos emprestadas a outro culto as nossas rezas. Pedimos vingança contra nossos inimigos quando Christo nos mandou que offerecessemos uma face logo nos esbofeteassem a outra. Imploramos o Messias, e o Messias ha dezoito seculos que veio. Fallamos de sacrificios abolidos, usanças abrogadas, leis de sangue mudadas em leis de misericordia.

Os psalmos de David, se os consideramos clamores humanos, lastimas de poeta, canticos doloridos e lacrymantes, são admiraveis. O poema de Job, com esses outros poemas, representam a mais egregia expressão da magua. Vibra enthusiasmo grande nas odes lyricas. Foi e eternamente será um excellente poeta David. Quem desconhece a poesia biblica carece do mais acrisolado elemento da poesia universal. Como quer que seja, as poesias do profeta rei devem ser lidas, pensadas e admiradas como se admiram todos os poemas notaveis. Somos, porém, de parecer que a egreja catholica deveria expungir essas fezes de judaismo, e recompor orações harmonicas e congruentes com o culto que derruiu completamente o dos hebreus. Não é irracional coisa que os israelitas e catholicos psalmodiem os mesmos versiculos? As fadigosas interpretações dadas pelos padres a certos trechos de David e Salomão são nova prova da insufficiencia do rito christão. Já não fazemos caso do cantico dos canticos mysticamente applicado á egreja: isso então é um esforço de ingenho que já não embaça ninguem. Mas é tão altamente injurioso que n'um templo se peça a Deus que fulmine os nossos inimigos, co-

mo o estar-se ahi a rememorar os deliquios da Sulamita, em quanto o rei lhe *põe a mão esquerda sob a cabeça, e com a direita se abraça n'ella.*

O Concilio, que tantas cousas trata, não poderá reformar na egreja uma usança que não póde ser desculpavel por ser muito ancian? Deixai que os psalmos de David se leiam como poemas; mas expurgai-os das orações christãs. Os pezares das multidões não se acham bem exprimidos nos clamores do assassino de Urias e do amante de Bethsabé. Se existisse officio especial para uso dos grandes criminosos, convenho que a explosão d'esses remorsos viesse a ponto; porém, quando uma menina innocente se ajoelha ante o altar, com a candura dos quinze annos, parece-nos que a afinação da sua alma destôa d'isso que canta, e que o excesso do remorso de David póde dar-lhe vontade de querer saber que crimes elle expiava com as suas choradeiras.

Em resumo: quizeramos que os padres catholicos se servissem de orações catholicas. Por que é que se muda o ornato dos templos e as ceremonias que lá se celebram, se os sentimentos, que ahi se exaltam, são os severamente reprehendidos por Jesus?

Mas emquanto esta logica não entrar na christandade, invocaremos com David a colera celeste sobre os transviados, como se Christo não houvesse dito: «Vai mais alegria no céo pela conversação d'um peccador, que pela perseverança de noventa e nove justos».

E n'aquella noite de abril de 1848, as religiosas carmelitanas de Cracovia pediam a Deus que trovejasse sobre a criminosa, e a esmagasse sob o seu opprobrio...

XIII

O TRIBUNAL DAS CARMELITAS

Eram passados dias depois que Barbara fôra encarcerada na prizão denominada por Maria Wenzyk a *Cova negra*.

Era uma especie de ante-camara do *In-pace*. Prendiam-se ahi as freiras incursas em algum delicto, em quanto não eram sentenciadas no tribunal monastico.

N'este tribunal negrejavam ceremonias lugubres com o intuito de atterrar as espectadoras do drama, e espavorir a fantasia das noviças e recentes professas. Qualquer successo avultava enorme proporções aos olhos de mulheres privadas de distracções externas. Maria Wenzyk procurou nas tradições do convento memorias deixadas por suas antecessoras do que praticaram em ana-

loga occorrencia. Como não achasse alguma particularidade, tratou de copiar servilmente as excommunhões usadas na idade media.

A communidade gastou dois dias nos preparativos funebres.

Parecia ter esquecido Barbara na *cova negra.*

Esta masmorra, de fórma quadrada, recebia a luz por um postigo gradeado. O pavimento era de ladrilho. Uma tarima, com sua manta, e um escano, eram a mobilia do lobrego recinto. Não havia ahi o pão da amargura, nem a agua das angustias: era completa a abstinencia. A religiosa, que entrasse n'esta sepultura, fosse qual fosse a demora, soffria sede e fome. Barbara, em meio das grandes dores que lhe dilaceravam o seio, escassamente sentia áquelles tormentos. De si, do seu existir, do que era e do que viria a ser, parecia de todo despreoccupada. Apenas uma palavra lhe descerrava os beiços requeimados: «Zolpki!»

A morte absorvia aquella desgraçada.

Era-lhe consolação a esperança de morrer exanime á mingua de alimento.

Involta no seu habito, prostrada no catre, cobrindo a face com as mãos, deixava passar as horas. A escuridão da *cova negra* era-lhe grata, por lhe parecer que ali começava a noite do tumulo. Abençoava, e não maldizia as mulheres que a condemnaram. Matavam-na, haviam com ella a misericordia de a matar, se lhe faltasse a coragem do suicidio.

Já não existia para ella o sentimento da vida actual. Só a' intervallos as mãos lhe estremeciam no seio, não saberia dizer que dores lh'o dilaceravam; o que ella sa-

bia ao certo é que morria, acceitando sem resistencia o amargo calix da morte..

Ao cabo do segundo dia, a portinha da *cova negra* deixou passar uma sombra indecisa.

Um ente vestido de negro, cujas vestes roçavam na parede, com uma lanterna de furta-fogo, entrou na camara lugubre, pendurou a lampada n'um prego que de certo conhecia, aproximou um escabello para a beira do grabato da religiosa, e assentou-se.

A encarcerada não abriu os olhos.

—Barbara! Barbara!—disse uma voz tremula.

—Que me querem?—perguntou a freira levantando-se.

—Confessal-a—respondeu o visitante.

Barbara ergueu-se de salto, exclamando:

—Fóra! fóra d'aqui!

—Por que recusa escutar-me, minha filha? — perguntou o padre Zózimo com perturbação.

—Por que não commetti falta de que me accuze a consciencia: não tenho que confessar.

—E a infidelidade que quiz commetter contra os seus votos?

—Isso é com Deus, e commigo.

—Pois é em nome de Deus que eu pertendo fallar-lhe.

Barbara sorriu desdenhosamente.

—Ousa appellar para a justiça divina?

—De certo.

—Olhe—disse Barbara—Eu vou morrer, e morrer de fome n'esta cova, por que ha dois dias me não deram nada; pois creia que este supplicio nada é em compara-

ção do horror que me faz a sua presença... Não sei por que, a sua visita a esta hora liga-se á lembrança d'uma terrivel visão...

—Qual?—perguntou Zózimo.

—Lembre-se da sala da penitencia.

—A minha filha está sonhando... Mas o que é terrivel realidade... é o castigo que lhe preparam, e do qual só eu poderei salval-a...

—Estou resignada.

—Por que cuida morrer, como ha pouco disse; mas conhece mal a justiça dos conventos, se cuida que o seu castigo hade acabar tão depressa

—Pois não me hão de deixar morrer de fome?

—Não.

—Então que me fazem?

—Hade ser julgada primeiro.

—Estou prompta; e nada responderei ás accusações que me fizerem... Tentei fugir, a fatalidade não quiz: soffrerei o castigo.

—Então não teme o carcere perpetuo, a tortura infinita, um trespasse dilatado gota a gota de sangue?

—Zolpki está morto!—disse Barbara soluçando.

—E' tão nova — replicou o padre Zózimo — Deve querer a vida. Deve amal-a seja como fôr... Faz-me compaixão, Barbara... Esqueço-me de que nunca deixou ver ao confessor toda a sua alma... Quero arrancal-a a este longo supplicio... Confie-me o seu destino. Deixe-me salval-a.

—Para que?.. Não quero salvar-me.

—Mas queria fugir...

—Sim, por que me seguia o homem que eu amava.

—Sacrilega! Ousa confessar esse crime!

—Tanto importa confessal-o como não... Arguiu-me ha pouco de que eu lhe não abrisse francamente a minha alma... Vou agora contar-lhe tudo... Se quizer, absolva-me depois... Eu não vim para aqui por vontade. Amava um homem, quando meu pai me trouxe a esta casa. O sacrificio da minha liberdade era a paga da vida d'esse homem, que eu tão barata comprava... Trouxe para aqui a imagem d'elle, no mais intimo da alma. Eu jurara de entrar no carmelo, mas viver aqui não... Esperava que o meu amante, um dia, me arrancasse de cá... Passaram-se as semanas e os mezes... Acabou-se a esperança... Então esforcei-me por me sugeitar á vida que me deram; humildei-me, silenciosa, casta, mortificada, e estudei o espirito da regra para cada vez mais o observar... E já quando a serenidade começava em mim, então duvidei do valor que tem n'esta casa as palavras virgindade e pudor...

—Que quer dizer, Barbara?

—Eu não sonhava, não, n'aquella horrenda noite, em que fui conduzida ás saturnaes dos supplicios, seguidas de noutes cujos sacrilegos prazeres a minha lingua não ousa proferir... Comprehendi, na casa das torturas, a voluptuosidade que certas pessoas achavam na contemplação das minhas irmãs nuas, e no espectaculo da carne palpitante. Comprehendi, que não se tratava só de penitenciar freiras, mas sim de as suspender nuas na cruz, parodiando o drama redemptor do Calvario, em proveito dos sentidos d'um homem... Comprehendi tudo isso, que me indignou, e luctei para que me não despissem o meu vestido de estamenha; por que o meu

seio seria indigno de palpitar, se uma vez se prostituisse em similhante assembléa... O meu futuro, o meu amor, a minha felicidade tudo estava perdido... Restava-me só o corpo, que eu jurara guardar casto e puro, apezar de todas as violencias... E foi dentro d'estas paredes, erguidas para me protegerem, que se tentou contra a minha virgindade... Oh! que horror se fez na minha alma, e me lançou por terra, sem alento, quasi morta, quando o resplendor d'uma fingida aurora, mostrando Sancta Angela crucificada, me mostrou, padre, a sua cara ardente de lascivia, a espreitar por um secreto postigo da parede!..

—Enganou-se, Barbara.

—Enganada! oxalá! Pedi a Deus que me desopprimisse de tal lembrança, que me arrancasse da idéa o phantasma que me perseguia sem descanço!.. e sempre deante de mim aquelles olhos fulgurantes que me horrorisavam... aquella incessante tentação que eu debalde espancava!.. E ainda mais... As confidencias de Sancta Angela.

Zózimo estremeceu todo desde as unhas dos pés até á raiz dos cabellos.

E Barbara continuou:

—Cuidavam que eu fosse tão simples que me deixasse lograr por taes artimanhas... Fizeram-me o favor de me não dar importancia... Eu vivia no mosteiro como se não fosse nada... Já me não fallavam de mortificações nem gosos de amor divino. Graças dava eu a Deus por isso... E mais fervorosas lh'as dei, quando me senti morrer, morrer da consumpção do claustro, do frio que ressumbra d'estas paredes e congela a alma... Sen-

tia-me adormecer para sempre depois de amar, luctar e soffrer... Ia para Deus, sem macula, e coroada pelo meu martyrio... Acceitava a morte com as mãos erguidas, quando de repente uma palavra me resuscitou... O amado da minha mocidade voltára... Chamava-me aos seus braços... Fui, sem terror do passo que dei, nem medo de castigo, se a fugida se malograsse... Chamava-me... corri para elle... Já eu lhe sentia o bater do coração... eramos livres... iamos esquecer oito annos de apartamento quando um raio nos subverteu... Elle cahiu por terra ensanguentado, e depois... eu... Mas que valho eu já agora?.. Estou perdida... e resignada...

—Perdida, sim, se se obstina a querer perder-se.

—Obstino-me só em querer morrer.

—Diga uma palavra, que eu salvo-a.

—O senhor?

—Eu, sim, Barbara... Eu, que posso contrapôr a minha vontade á de Maria Wenzyk.

—Pois póde trahil-a?

—Sim... por sua causa... posso!

—Sancto Deus! e que horrivel preço quer por tal serviço?

—Que me não odeie.

—Não ha odio onde ha despreso.

—Deixe-me ser o director da sua alma e eu farei que lá renasça o amor á vida. Quer sahir d'esta masmorra? quer voltar ao seu posto no côro? Diga que sim, e Maria Wenzyk será sua subdita; o poder que ella tem será seu... heide tornal-a independente de todas para que seja exclusivamente minha.

—Miseravel! — fremiu Barbara—Miseravel! vem

aqui fingir piedades, prostituir compaixões no carcere d'uma condemnada á morte! Tem a ousadia de apresentar á minha razão que se perde o quadro das devassidões infames! Vai-te, scelerado! vai-te, não manches este ergastulo que d'aqui a pouco será uma sepultura! vai pedir que me carreguem de ferros, não peças o meu livramento. Apostata! sacrilego! devasso, torpissimo padre que tu és! Se a eternidade vingadora existe, os teus crimes hão de ser castigados!

Zózimo parecia impassivel á ira de Barbara.

—Ha cinco annos—disse elle — n'aquella noite em que quizemos contar uma nova eleita, como eu visse a sua rebeldia e a julguei motivada por sentimentos de pudor, respeitei-a... Hoje, porém, o caso é diverso... Hoje sei que esta virgem do Senhor não se esquiva a ser d'um homem, pois que fugiu, de noite, do convento... A sua castidade é, por tanto, uma impostura... A menina já sabe o que são as delicias do amor e sahia em procura d'ellas. Já não vejo na senhora a esposa immaculada. A infidelidade moral consummou-se. O desejo venceu-lhe a vontade... o seu peito sentiu as pulsações d'outro peito... uns braços a fizeram estremecer nos seus apertos... as volupias arderam-lhe no sangue... a sua virgindade está perdida... e o meu respeito cessou...

—Se assim é, respeite-se a si proprio, padre. Amei um homem livre, que nada devia á sociedade nem a Deus. O snr. padre Zózimo é um sacerdote, um confessor, um impudico, um sacrilego, um incestuoso, um adultero, um infame dos que costumam ser suppliciados no fogo.

—Tenciona denunciar-me?—bradou elle crescendo para Barbara.

Ella affastou-o de si com um repellão, apesar de ter as mãos algemadas, e gritou:

—Soccorro! meu Deus! soccorro! Matem-me, mas livrem-me d'este malvado homem!

Não obstante, Zózimo agarrou da victima pelos hombros prostrando-a sobre a tarima chumbada na parede.

N'este lance abriu-se a porta.

A prelada entrou.

Barbara arrastou-se até aos joelhos d'ella, que lhe parecia já menos horrenda que o padre.

—Condemne-me! faça que eu morra nas maiores torturas; mas tire-me este padre d'aqui... tire-m'o, que a minha agonia não póde com a torpeza da sua prezença...

—Não ha que fazer d'esta rebelde,—disse Zózimo com uma voz seraphica—está obstinadissima.

—Não era esta a hora nem este o lugar para ensaiar o triumpho—disse Maria Wenzyk em tom de voz vibrante de colera — e estou quasi em dizer que o seu excesso de zelo é um abuso de confiança... Ora vamos, meu padre, n'este instante, esta mulher depende de mim e de Deus.

—Pensei que devia preparal-a para o castigo que deve soffrer.

—Covarde hypocrita! — disse Barbara — Nem se quer tem a coragem da sua vilania!

—Maria — disse Zózimo a meia voz á prioreza — haja-se com ella sem piedade.

—Descance... que hade sèr o juiz.

O padre sahiu da *cova negra.*

No corredor estavam Gregorczyk, a porteira, e duas das mais corpulentas freiras.

Ai! não era precisa tanta gente para subjugar a desgraçada menina! Barbara exhaurira-se de forças; estava para ali cahida nos ladrilhos sem voz nem respiração.

Martha levantou-a.

Barbara cambaleava.

—Leve-a—disse a prelada ao sachristão.

Quando elle lhe poz a mão no braço, a freira sacudiu-se d'aquelle contacto, recuando até á parede.

—Irei sósinha... digam-me para onde...—exclamou ella.

A prelada e a porteira iam na frente: depois seguia-se Barbara, escoltada pelo sacristão e as duas irmãs conversas.

Subiram as escaleiras, foram ao longo dos corredores, e entraram no claustro.

O sacristão sahiu. Minutos depois, os sinos tangeram um dobre a finados.

Martha abriu a porta da igreja. Estava ornamentada de negro. No altar um grande crucifixo, e um vaso de agua benta com o seu hyssope de buxo. A porta do sacrario estava aberta, e lá ao fundo scintillava o ciborio. A toalha do altar, lançada sem o costumado alinho, queria dizer que havia perturbação grande nas aras do Senhor.

Por de cima dos brandões negrejava uma especie de escudo funerario sustendo uma caveira.

Este lugubre apparato espavoriu a religiosa extenuada pela fome. Que vinha a ser aquelle scenario? Qual seria o acto final do drama sinistro?

A prelada poz um véo sobre o rosto de Barbara, o véo que ella quando fugia tinha perdido.

—De joelhos!—disse-lhe ella, indicando-lhe o logar marcado no pavimento.

E o sino continuava a dobrar.

As religiosas entoaram o *De profundis*.

Acabada a funebre cantoria, as freiras ordenaram-se em circulo, e a prioreza, subindo o degrau da balaustrada, e olhando de travez sobre a religiosa ajoelhada, disse.

—Barbara Ubryk confessas que professaste n'este mesmo tribunal votos de obediencia, de clausura, de penitencia e castidade?

—Confesso—respondeu Barbara, tendo como coisa indigna de si lembrar n'aquelle local a violencia que seu pai lhe fizera.

E a prelada continuou:

—Infringiste o voto de clausura transpondo o limiar do mosteiro; infringiste o voto de castidade, seguindo um homem; o voto de penitencia, voltando a procurar as delicias do seculo; o voto de obediencia, infringindo todos os mais. Confessas?

—Confesso.

—Para salvarmos tua alma, que a teu pezar salvaremos, vamos castigar o teu corpo... Pois que deixaste o Carmelo, serás preza toda a vida, comendo o pão da amargura, e bebendo a agua das lagrimas. Pois que faltaste á obediencia e quebraste o jugo do Senhor, ge-

merás até á hora derradeira que o céo te der. Nunca mais voltarás ao gremio de tuas irmãs. Eu te repulso do rebanho, ovelha tinhosa; eu te privo do véo, mulher sem pudor; eu te arranco dos hombros a veste das esposas de Christo, prostituta de Sião! Em signal de castigo e affrontamento cada uma de tuas irmãs fará gotejar de teu corpo algumas gotas de sangue. Em signal de apartamento absoluto não só do claustro, mas tambem do altar, eu te privo da agua lustral, em que os teus dedos nunca mais serão molhados, e regarei com ella o chão do templo... e apagarei com o meu pé as luzes sanctas que alumiam nossas sanctas ceremonias... Serás para sempre privada da eucharistia, que assim o vês no tabernaculo aberto e na custodia vasia... Prohibo até que jámais possas beijar um crucifixo. Maldita sejas em tua alma que concebeu o crime, e que a bestial demencia de Nabuchodonozor se aposse d'esse cerebro que engendrou planos de fuga. Maldita sejas em teus pés que transpozeram as grades sagradas; paralisem-t'os a dôr; lancem raizes nos ladrilhos do teu carcere! Maldita sejas na bellesa do teu rosto e das tuas fórmas! Que teus olhos se cavem á força de chorar, que teus cabellos alvejem precocemente, que tua cintura se curve e retorça, que tuas unhas cresçam como as das bestas-feras, que tua voz rouqueje á força de gritar! Maldita sejas n'esses olhos que viram um homem, n'esses labios que beijaram um rosto, n'esses peitos que o cingiram a si! Maldita sejas n'este mundo e no outro, pelos homens e pelos demonios, privada de absolvição á hora da morte, e queimada eternamente nas lavaredas da Géhenna!

Maria Wenzik, proferindo tal apostrophe, era realmente medonha! A estatura do seu corpo parecia maior, as dobras do habito eram como as azas negras d'uma ave nocturna; em pé no meio dos vasos sanctos dispersos, dos cirios apagados, do Crucifixo arrojado ao sopé do altar, parecia a imagem da destruição, a estatua animada do rancor. Coriscavam-lhe os olhos em meio da face acobreada. Tremiam-lhe as mãos no vibrar das maldições.

Barbara fitava-a, escutava-a; mas não a via nem ouvia.

A intervallos, os beiços da religiosa crispavam-se, vagindo este murmurio:

—Zolpki é morto!.. mataram-no...

Findas as formulas do anathema, quatro freiras se acercaram da condemnada. D'esta feita, apezar da grande resistencia, despiram-na até á cintura, e cada freira armada de disciplinas com pontas de ferro verberou-lhe as espaduas.

O sangue espirrava ás faces das atormentadoras.

Nem um gemido nos labios da suppliciada! E' que não ha comparar aquella dôr physica á indisivel angustia que lhe ia na alma! A infeliz abençoava a tortura, por que esperava morrer n'ella. Alquebrada pelos jejuns, pela desesperação, e pela lucta com o padre, e vendo-se a braços com aquellas mulheres mais incarniçadas que verdugos, julgou que ia acabar, que o frio que lhe inteiriçava os membros era o da morte, que do spasmo em que sentia esvair-se não acordaria jámais.

As freiras espancavam já uma coisa inerte, um quasi cadaver.

Quando o sangue borrifava o pavimento da egreja, a prelada ordenou á freira que a seguisse.

Barbara não deu signal de vida.

Martha, debruçando-se sobre ella, disse:

—Parece-me que morreu.

Cobriram-lhe o peito avergoado com um véo de estamenha escura, tomaram-na em braços duas freiras, e outra pelos pés, e conduziram-na á frente d'um longo cortejo.

—Ao *In pace!*—disse a prelada:

Cessou o dobre a finados.

Desceram uma escada tenebrosa. Abriu-se a porta da masmorra. Lá dentro, no canto, uma pouca de palha, uma bilha d'agua, um pão negro... o pão da amargura e a agua das angustias...

Barbara continuava desfallecida.

As freiras deitaram-na sobre a palha, tirando-lhe as algemas.

A prioreza encarou-a, e disse:

—*Fica em paz.*

No mesmo dia, na cidade de Cracovia, soube-se que o dobre a finados no mosteiro tangia quando se estava sepultando Barbara Ubryk, morta na paz do Senhor.

IN PACE!

Quando emergiu de sua lethargia, estava sósinha. Era noite alta. Estendeu os braços, e roçou as mãos na parede. Levantou-se, quiz ter-se em pé, não pôde, recahiu sobre a palha que lhe era cama. O sopitamento, nova fórma da alma anniquilada, furtou-a por momentos á crua realidade da vida. E, quer fosse consolação

quer ironia, sonhou com o jardim de seu pai, e viu, á claridade da lua, Zolpki, o moço, o gentil, o amante arrebatado; e ouviu-lhe as promessas de eterno amor, e viu que elle lhe descerrava as portas do paraizo d'onde os anjos são desterrados... Jubilos ineffaveis e puros a indoudeciam, quando os beijos do amantissimo esposo lhe sorviam o halito.

Raiou a estrella da manhã, e o presente lhe avultou em toda a sua negrura. Abriu os olhos, e conheceu onde estava. Era um quarto subterreo, caiado, sem moveis. D'uma fresta alta coava-se luz froixa; apenas se entrevia o azul do céo; mas claridade bastante para qualquer trabalho não a tinha. Barbara forcejou debalde por espreitar pela fresta em que parte do mosteiro jazia aquella masmorra. As feridas não na deixavam redobrar esforços para chegar ao postigo inaccessivel. Não chegava ali som de relogio, nem toada de sino. Suppoz, portanto, que fôra soterrada nas profundezas do mosteiro, para a banda da cêrca. A idéa de que lhe dariam alimentos alimentava-lhe esperanças de interrogar a freira que lh'os trouxesse. Mas ninguem ali foi. Intendeu então que a deixariam morrer de fome. Recordou-se de que as Vestaes infieis eram sepultadas vivas. Conheceu que anoitecia. Pediu a Deus que a deixasse adormecer. E dormiu. Ao despertar, apezar de tão infeliz, sorriu á restea solar que lhe tremeluziu no carcere.

Ahi por meio dia, pareceu-lhe ouvir rumor de passos. Pulsava-lhe a impetos o coração. Achegou-se á porta e poz o ouvido; era para lá que os passos se moviam. Ouviu uma estralada de abrir e desaferrolhar portas. Eis que assoma uma religiosa no ergasluto:

Era Martha conduzindo pão e agua. Barbara exclamou:

—Minha irmã, diga-me por piedade, minha irmã, onde é que estou?

Martha encarou-a com expressão de atroz regosijo, e, sem lhe dar resposta, sahiu.

Barbara debulhou-se em pranto. Foi-se-lhe o restante animo. Todo o seu desejo, e unico alento, era morrer, morrer para ir ao encontro de Zolpki.

—Heido suicidar-me pela fome—disse ella comsigo.

E, por mais que se agonizasse, não boliu no pão nem provou gota d'agua.

Pareceu-lhe infinito aquelle dia. Os mesmos pensamentos exulcerantes recresciam de hora a hora. Quebravam-lhe as fontes dores agudissimas; oiravam-na zunidos afflictivos. Se fechava os olhos, via horrendas visões creadas pela vertigem. E lá por deshoras, ouviu uma voz que lhe dizia:

—Barbara! Barbara!

A preza sentou-se no seu ninho, mais perturbada que se visse entrar Maria Wenzyk e as suas carrascas.

—Barbara, ainda é tempo—continuou a voz—queres salvar-te?

—Vai-te, miseravel! vai-te! respeita, sequer, uma sepultura!—respondeu ella.

—Ouve... eu posso arrancar-te d'este carcere, dar-te liberdade, e a vista do céo, intendes? a vista do céo, a ti, que nunca mais resurgirás d'este antro de agonias... Amo-te... Não me repulses, que eu serei teu libertador, teu escravo!

—Antes morrer!—respondeu Barbara.

E, muito ao longe, sumiu-se o soturno rumor de passos.

Novo martyrio davam á desgraçada. Não lhe bastava a prizão. Era atrocissimo que ainda o padre Zózimo ali fosse vibrar os clamores da sua paixão dentro d'um sepulchro! Nem ao menos deixavam que a infeliz senhora vasquejasse silenciosa nos seus paroxismos! Era forçoso que, em quanto a alma não rompesse os liames do corpo, aquelle homem, ebrio de sensualidades ali entrasse, a polluir, a sobrepôr aos horrores da tumba a sordicia das suas impurezas! Este supplicio exacerbava-lhe a dôr mais que todos. Que faria? que diria? crêl-a-hiam? Desconfiou Barbara dos ciumes da prelada; mas Maria Wenzyk não iria ali, e Martha nada lhe diria, se a presa lh'o contasse.

Apoderou-se d'ella o maior terror. Entrou a scismar que Zózimo podia ali penetrar quando lhe aprouvesse, e que ella estava tão sem forças que não poderia defender-se da lubricidade d'aquelle monstro.

Martha levou-lhe outro pão. A preza nada lhe disse. Ao anoitecer recresceu-lhe o terror, e formou tenção de não adormecer. Não obstante, os olhos fecharam-se apezar do intento. Mas acordou estouvinhada por um subtil rumor, semelhante ao apalpar d'uma déstra mão que diligenciasse introduzir uma chave em fechadura. Erguida, com a fronte a ressumbrar suor de afflicção, attentando o ouvido, esperou... Era com certeza o padre que tractava de se introduzir na masmorra; porém, qualquer que fosse o motivo, o visitante retirou-se. O castigo da prisão já não pezava nada nas dores de Bar-

bara, nem sequer o da fome; todo o seu morrer-se de angustia era o medo da violencia. Esta mulher, amante e corajosa, que tão ardente se lançava aos braços d'um homem, tinha a castidade das naturesas sublimes.

—Se eu teimo em não comer—dizia ella entre si—mais um dia, e não terei a mais pequena força que me salve contra a violencia...

E comeu para reter o vigor expirante.

As chagas cicatrisaram-se. Voltou-lhe a energia. Era preciso viver para affrontar o opprobrio. Viveria! Faria ainda a Zolpki o sacrificio da tão suspirada morte.

E' de presumir que o padre, cuja vinda tanto medo incutia em Barbara, não conseguisse no espaço de um dia preparar chave que abrisse o antro da preza; ou talvez desistisse de luctar com o despreso d'ella. Como quer que fosse, decorreram duas noites sem algum incidente.

Continuava Martha a levar pão e agua. Sempre que entrava, Barbara fallava-lhe, mas em vão: a porteira permanecia incorruptivel. Com tudo, na oitava noite, pareceu tentada a mover-se; uma luz piedosa lhe adoçou a vista pela primeira vez; mas este sentimento foi instantaneo, e de mais a mais, a porteira, receiosa de ceder, fugiu.

Barbara rompeu o seu pão, e achou dentro um objecto rijo e frio. A preza expediu um brado de inesperada alegria.

—Uma chave!—exclamou—uma chave!

E correu á porta, introduziu a chave, e desandou-a. Estava aberta. Sahiu, e tropeçou no que quer que fosse. Era uma lanterna. Quem a deixaria ali?!

Não lhe occorreu idéa de perfidía, nenhum raciocinio lhe occupou o espirito. Ia, ao acaso, pensando que a mão que lhe abrira a sepultura a levaria ao ar da vida.

Perpassou-lhe na mente a lembrança do medico. Talvez fosse elle o salvádor, pelo muito que estimava Zolpki.

Se ella soubesse que era julgada morta em Cracovia, tal idéa não lhe entraria na alma. Na situação terrivel em que se via, qualquer esperança de salvação era acceitavel com a energia do desespero. Conjecturou tambem a louca que as freiras, tão cruelmente implacaveis com ella, haviam sentido remorsos, e annullavam o julgamento dando-lhe escapúla. Tudo isto e muito mais lhe lembrou em menos tempo que o preciso para referil-o. N'aquelle conflicto a sua cabeça era um cahos, um tumultuar de idéas antagonistas. Ia febril, ao longo dos corredores, apalpando as paredes, como quem busca uma evasiva. Evidentemente, devia existir uma; e, se a não havia, para que lhe deram a chave e a lanterna tanto á mão?

Em fim, descubriu um encaixe, empurrou uma portada, e logo enxergou uma restea de claridade. Onde ia dar aquella sahida? donde vinha aquella luz? Barbara esteve a ponto de retroceder.

Mas, de repente, e com tal rapidez que lhe não foi possivel fugir nem defender-se, cahiu-lhe a lanterna das mãos que dois robustos braços agarravam.

Barbara voltou-se convulsa de pavor.

Viu a face pallida do padre Zózimo.

A' desventurada, sentindo-se no cumo de horrivel perigo, forcejou por se arrancar ás gargalheiras que lhe cin-

giam os pulsos. Inutil esforço! A mão de Zózimo era dura como as presas d'uma tenaz.

Fito a fito, o algoz e a victima encararam-se.

Zózimo intendendo que não venceria com palavras, cingiu-a rapidamente com os braços.

—Escuta...—disse elle—Repelliste-me e ameaçaste-me; cobriste-me de injurias e insultos... Como não havia dobrar-te o orgulho com bons modos, armei-te um ardil. Cessa de me resistir, que te dou a liberdade... Não me affastes com o pé que eu hoje mesmo te abro as portas do mosteiro. Faço-te o que quizeres. Se tanto fôr preciso, perder-me-hei desafiando a vingança da prelada e de todas as freiras... E olha que é enorme o pezo da vingança que vou arrostar... O' Barbara, eu luctei muito contra mim, hesitando em disputar a Deus a mais pura das suas virgens... Mas tu quizeste dar-te a um homem... repudiaste o Senhor, rasgaste da tua fronte o véo que te defendia de mim... descingiste o teu cinto de esposa de Christo, e deste-te como um triumpho ao teu amante... E' pois certo que tens coração e sentidos... Não és uma noviça de gêlo nem uma estatua marmorea! O coração falla, o sangue arde, os desejos estuam em ti! Queres vêr, e amar e beber a longos tragos o prazer! Pois bem! olha para mim, e vê-me tremulo, perdido, louco! Estou a teus pés! Os teus labios insultam-me, e eu ardo em sede dos teus beijos! As tuas mãos algemadas repellem-me, e eu cada vez mais te cinjo com o meu seio... Ai! não te defendas! Renuncia á idéa da fidelidade... Não és tu que te dás, sou eu que te arrebato! Não queres que eu te ame; mas eu roubo-te o amor... Recusas-te ao meu bafejo abrazado, e eu sou um

ladrão das tuas caricias... Tu não peccas contra Deus, nem trahes a memoria do teu amor... De mais, Barbara, perdôo-te o delicto de que serás apenas cumplice. Amo-te! Sabes como é feito este sentimento em mim? de mil fórmas diversas, oppostas, terriveis. Reverte este furor em ternura, Barbara! Por que não hasde ser minha?

A freira estorcia-se semi-morta, afogada de desesperação, de colera, de vergonha. Zózimo despeitorou-lhe o vestido, já quando ella não podia defender-se dos olhares do cynico verdugo. Gritou, chamou, valeu-se até das supplicas. Cahiu, rolou-se por terra, implorou a justiça do céo, o soccorro dos anjos que outr'ora accudiam ás martyres lançadas nos bordeis de Roma. Estalou todas as cordas que vibram n'alma, valeu-se de quantos sentimentos commovem corações; mas soluços, ameaças, rogos tudo se mallogrou contra a vontade infrene do devasso, cada vez mais encarniçado na lucta repellente! Os dentes de Barbara cravejaram-se-lhe nas mãos, e elle não sentiu as dores, nem lhe ouviu as imprecações. A final, vendo que não sopezava aquella mulher debilitada pela fome e pela estagnação do carcere, correu a um canto do quarto, pegou d'um frasco, e approximou-lho do rosto. A desgraçada conheceu que estava perdida... O terror esbugalhou-lhe os olhos supplicantes ainda na vaga treva que os escurecia. Recuou tremente; mas as pernas faltaram-lhe, e eil-a que veio a terra desamparada como morta.

No dia seguinte, quando Martha entrou á cellula da presa, viu-a prostrada na palha, com os vestidos esfarrapados, e fria como cadaver. Foi chamar Maria Wen-

zyk, por que tamanho foi seu medo que julgou a condemnada morta...

A prelada examinou vagarosamente a freira. Depois disse á porteira:

—Deixe-me sósinha. Basta eu para guardal-a.

Martha sahiu.

E então a prioreza, operando como um juiz em exame de corpos de delicto, pegou d'um castiçal, examinou o quarto, encarou de novo a freira desfallecida, abriu a porta da prisão, e, rastreando a luz no pavimento, espreitou vestigios.

Estalou-lhe na garganta um rugido mal abafado. Acabava de encontrar pegadas; depois um phosphoro apagado de fresco; e mais longe tres pingos de cêra no chão.

Não procurou mais nada: sobravam-lhe vestigios.

—E' elle — bramiu ella—é o padre! O corredor... a alcova... Elle m'as pagará... Quanto a ella, se este carcere não basta, nós lhe cavaremos outro nas entranhas da terra, de modo que ninguem lhe vá no faro...

Maria Wenzyk não sahiu logo da cova de Barbara. De pé, encostada á parede, com as mãos escondidas nas largas mangas do habito, pregara um olhar negro sobre aquella victima de seu rancor, d'hora em diante duplamente odiosa.

— Oh! — exclamou— antes de alguns mezes e talvez semanas, tornar-te-has tão repulsiva aos olhos de todos, e até aos d'elle, que não haverá quem se não horrorise do cadaver vivo!

Nem a lividez d'aquelle rosto ainda aljofarado de lagrimas, nem a graça do formoso corpo, nem a casti-

dade d'aquelle colo que parecia sobreviver ao attentado, interneceram a prelada. N'esta hora, a alma de Maria Wenzyk não sentiu os assomos da authoridade, mas sim o ciume de mulher, ciume feroz, doido, cego, ingrandecido ás proporções que lhe dá o claustro, combinando-se, agigantando-se com mil diversos elementos, aguçando-se feramente á mingua de distracções, á falta de outra escolha; formando-se do opprobrio, das affrontas e do constrangimento do pudor. A sede de torturar a mulher que já é victima, e perdoar provisoriamente ao homem que trahiu, abjurar o orgulho em proveito dos sentidos, acurvar-se ao jugo dos appetites, perdoar quando o odio está pedindo dilacerar, immudecer quando ha impetos de gritar: que abjecta situação! que dilacerante ignominia!

Era esta a situação infamemente atormentada da prioreza!

Denunciar o padre? Pensou n'isso... Mas a quem? Ao bispo. Porém, o padre, perdido, e desesperado, fallaria... E depois, outra razão a impedia... Odiar Zózimo, ah! isso odiava-o; mas não o ver nunca... não poderia. Um dia, talvez, se sentisse bastante forte... A'quella hora, não.

A infame sabia de mais que lhe perdoaria. A impunidade d'este crime estava segura nos outros crimes... E, quanto a estes, a prelada tremia se pensava n'elles.

Repleta de odio, e meditado o meio de o satisfazer, sahiu.

Foi chamado o sacristão.

XIV

TORTURAS

Ao pé do cano de esgoto, n'um fosso humido, infecto de miasmas pestilenciaes, havia uma escavação anegrada, uma quasi noite perpetua. Esta latrina, que media um metro de comprimento, e sessenta centimetros de largura, não era sobradada nem ladrilhada; ali os pés escorregavam na terra lodosa e diluida. Encerrar aqui um ente vivo era idéa que não devia caber na mais preversa alma. As luras das emparedadas deviam de parecer palacios comparadas áquelle socavado fétido.

—Gregorczyk—disse a prelada—pregue uma tabua n'este postigo.

Concluido este primeiro arranjo, a prioreza chamou um serralheiro. A porta de ferro do escondrijo foi reformada com uma fechadura de segredo, cuja chave a prelada pendurou das suas calmandulas. Um postigo, aber-

to sobre uma prancha pregada interiormente, servia a introduzir os alimentos, de modo que não fosse necessario abrir a porta. Terminado isto, uma manta parda foi posta a um canto, sobre uma gabella de palha.

O sacristão recebeu ordem de ir buscar Barbara, e trazel-a áquella cova immunda, sua habitação eterna. A prelada não teve sequer pudor para cobrir o corpo de Barbara meio-nú.

—Esta freira indoudeceu—disse a prioreza ao sacristão.—Veja o que ella faz aos vestidos! E' mister que a não veja ninguem, e pôr em pratica meios fortes para lhe domar os accessos de furia.

Ao passo que a levavam, Barbara recobrou os sentidos.

A idéa de que era levada por Zózimo alanceou-lhe o cerebro amodorrado pelo chloroformio que respirára.

Estrebuchou para fugir, e soltou um grito.

Maria Wenzyk tapou-lhe a bocca, dizendo:

—Cala-te! cala-te!

O sacristão deixou cahir a freira em terra.

Barbara viu tão densa noite á volta de si que murmurou:

—Agora sim... estou morta!

O sacristão sahiu.

—Barbara—disse a prelada—o teu ultimo crime exhauriu o resto de compaixão que eu tinha por ti.

—Crime? O meu crime?.. O meu? Quem ousa fallar-me em castigo quando eu peço justiça?.. Sabe que eu... sou...

—Uma freira infiel aos seus votos.

—Vingança divina, onde estás? Eu roguei, luctei,

e pedi soccorro... Defendi-me com os dentes... Fulminaram-me não sei com quê... Não sei depois o que aconteceu... Tenho horriveis duvidas... e não ouso já dizer que sou a mesma... Maria! Maria! que o crime de Zózimo recaia sobre elle, sobre ti, e sobre esta casa amaldiçoada! Estou innocente e sacrificada, humilhada, esmagada, mas não vencida. Fui ultrajada, mas sou casta... Macularam-me, mas sou ainda virgem! A minha alma não teve parte nas manchas do meu corpo inquinado por um monstro... Póde ser que eu expie o crime de Zózimo, mas eu appello para a justiça de Deus!

—Espera pois que a eternidade se abra para ti. A esta hora, estás nas entranhas da terra, sem halito de ar, sem raio de luz... A palha d'este ninho não será renovada nunca... os teus vestidos desfazer-se-hão de podres sobre o teu corpo, e a tua nudez nunca mais se cobrirá... Os teus dentes cahirão, as tuas unhas crescerão como as das feras, os teus cabellos hão de encanecer n'ésta caverna, que é a tua sepultura. Não haverá creatura humana que haja de soffrer o que tu vais aqui amargurar. E o teu proprio amante, se te visse alguma vez recuaria horrorisado de ti!

—Deus me vê! — disse Barbara — Apesar da tua crueldade e do teu ódio, Maria, creio ainda em Deus. Elle haverá misericordia de mim.

A prelada fechou o postigo; pouco depois, abriu-o, e disse:

—E' meio dia, Barbara. Não verás jámais o sol; nunca mais contarás os dias.

D'esta vez, fechou-se o postigo para não mais se abrir.

A prioreza atravessou os corredores, subiu a escada de caracol, e fez chamar o padre Zózimo.

O que passou entre elles? Ninguem o soube. Mas o certo é que o director e a prioreza continuavam na melhor conformidade.

O que mais terrificou Barbara, quando se viu a só no seu infecto antro, foi este pensamento :

—Nunca mais verei o sol; não poderei mais contar os dias!

O terror, a agonia, o stupor moral, o spasmo eram taes que nenhuma outra idéa se lhe suggeriu no espirito por tanta maneira atormentado.

Noite perpetua!

Ignorar infinitamente o resvalar dos dias! Nem uma claridadezinha, nem uma gota d'agua por onde ella podesse contar os segundos! Pensou em contal-os pelas pulsações. Mas calcular as horas de que lhe servia? Não haveria uma melhor que as outras na sua vida! Quiz erguer-se, mas não se sustentava em pé. O tecto era mais baixo do que ella.

Nem a palha chegava para se deitar toda. Era-lhe preciso encolher-se, retrahir-se, arquear-se. Ardia em febre... bebeu a agua toda. Soffreu sede cruel; mas medeou tanto tempo a ser-lhe dado outro pão e outra agua, que ella calculou tres dias. Não era tanto. O certo, porém, é que lhe davam a miseravel ração com intervallos irregulares. muito de acinte para que ella não lograsse medir as horas decorridas.

A desgraçada, extorcendo-se em dores do corpo e da alma, golpeada pelo sentimento de involuntaria macula, asphixiada por measmas pestilenciosos, para ali es-

tava, agachada, absorvida, bebendo a longos tragos a agonia, a vêr se assim morria depressa. O excesso da tortura dava-lhe esperanças de não sobreviver muito ao seu vilipendio. Esperava, pois...

Mas as semanas e os mezes dobraram-se... A morte não chegou... E Barbara, retransida, deitada na palha pôdre, meio-nua, tiritando, comendo apenas pão e bebendo agua bastante para não expirar... não morria!

Os martyrios cresciam com as horas, martyrios sem nome para a mulher vezada aos usos da boa sociedade, á limpeza, ao luxo, aos esmeros da elegancia... Os bichos asquerosos, os ratos e as santopeias roçavam-lhe nas carnes, mordidas pelos moscardos creados nos esgotos.

Barbara reagia, quanto em si era, contra este supplicio. Poupava metade da sua agua para lavar o rosto e as mãos. E, talvez por que o desconfiaram, davam-lhe já só metade da ração. Baldaram-se as supplicas que fez á pessoa invisivel, que lhe levava o pão, para que lhe dessem alguma camisa, o mais urgente ao vestir d'uma mulher.

Não lhe era menor soffrimento a grandeza das unhas. Um homem, que soffreu semelhante supplicio, Tasso disse que elle era horrendissimo.

O vestido da freira era um apontoado de farrapos, a desfazerem-se na palha humida e fetida.

A miserabilissima creatura já não era mulher, já não era ser humano: era uma coisa immunda, revolvendo-se n'um chiqueiro.

O animal irracional não tem consciencia de sua immundice; o cerdo que se retouça n'um enxurdeiro não

sabe que sae d'ali esqualido e nauseabundo; mas Barbara palpava-se, sentia-se asquerosa. Contava os minutos da sua transformação na bestialidade animal.

E a torvação de seu intendimento era-lhe mais afflictiva que todas as outras ignominias. Sentia-se insandecer. Horas inteiras, com a cabeça abafada entre as mãos, recordava-se de todos os incidentes da sua vida para certificar-se de que ainda tinha idéas e memoria. Outras vezes, rememorando coisas que aprendêra, repetia passagens historicas. Esta lida intellectual occupava-lhe algum tempo de cada dia. Depois, curava de avultar aos olhos da alma imagens de pessoas que conhecera, e logares onde estivera.

—Eu não quero sahir doida d'aqui!—dizia ella.

E, uma vez, accrescentou:

—Zolpki, a final, hade descobrir-me... hade arrancar-me d'esta sepultura...

Esquecera-se de que Zolpki era morto...

Porém, quando se lembrou de que elle morrera, passou por violenta crise de desesperação.

—A horrivel doença vem chegando...—pensou ella.—Estas trevas abafam-me a intelligencia... Sinto que o espirito vae descendo ao abysmo onde eu cahi...

Redobrou de energia contra o flagello da loucura. Durante tres annos de prisão, nunca disse palavra, quando lhe traziam a comida. Depois, já supplicava que lhe descem um livro e uma luz. Nem sequer lhe respondiam. Teve então ataques de furia; gritava e bramia como fera; desangrava as mãos a bater na porta, feriu o rosto de encontro á parede, espedaçou a manta já apodrentada, mordeu os braços e rasgou a carne com as unhas.

Job, todo ulcerado, no seu muladar, ao menos tinha o sol a que via as suas chagas.

Quando abriam o postigo, Barbara desabafava em injurias e ameaças. Accusava a prioreza, o padre Zózimo, Martha, a communidade toda. Promettia denuncial-os no tribunal dos homens, e dizia que só o fogo poderia purificar o chão d'aquelle infame convento. Outras vezes, humilhava-se em rogativas. Pedia que lhe dessem por uma hora sómente o espectaculo do céo, algum vestido e bastante agua, jurando submetter-se ao encarceramento sem se queixar.

—Acceito tudo!—clamava ella.—Pequei contra a regra por que tentei fugir... Não me queixo... estou bem condemnada e punida... Mas todos os prezos tem uma hora no dia em que respiram... e contemplam o céo... Luz! dêem-me luz ao menos! Tenho muito frio... estou como debaixo da terra... dêem-me um vestido que me aqueça... Tenham piedade, e vergonha da minha nudez! Estou nua... Se querem que eu morra, acabem commigo já... Eu lh'o agradeço, por que soffro horrorosamente. Não me respondem?.. Dêem-me agua, só agua, não peço mais nada... E nem uma palavra!.. Pois nada me dão, nada!... E sabem que, se ha falta perdoavel, é a minha... Eu amava Zolpki... amava-o tanto! Que outro crime tenho eu? Outro? não, não! esse não o pratiquei eu... Appello para Deus!.. E quem sois vós para me julgardes? O' impuras! ó devassas! ó monstros de torpeza e ferocidade! instrumentos cegos de sordidos scelerados! Deus vos julgará... Deus verá as chagas de vossas consciencias! Estas paredes hãode fallar... Oh! eu não sei que prodigio fará Deus...; mas hade fazel-o! hade fazel-o, ó infames!

E cahia esvahida, livida, estrangulada pela anciedade dos gritos.

Então era o tomarem-na hallucinações, por modo que já não destrinçava entre sonhar e pensar. A demencia cingia-lhe ferreamente a fronte convulsa. Sentia o progredir da invasão, e já não podia rebatêl-a.

E não sabia que tempo era corrido desde que entrara n'aquella caverna. Desmoronava-se a pedaços o edificio d'aquella alma. Começaram a corroer-lhe o cerebro idéas fixas. Pedia a brados café, na esperança de que o café lhe reacenderia a lucidez do espirito vasquejante.

Ah! se ella podesse vêr-se, contemplar-se! Se a luz, que pedia, relampejasse n'aquella masmorra, decerto estalaria em maiores furores aquella loucura nas trevas!

Que mudança, ó sancto Deus!

Quem reconheceria a futura condessa de Ubryk, a formosa e explendida Barbara, n'aquella coisa sem nome na escala das miserias!

Quem veria ali a mulher radiosa d'aquella noite de baile!.. a pallida professa submettendo os cabellos doirados á thesoira monacal!.. a tremente fugitiva arquejante de jubilo nos braços de Zolpki!..

Bem podera applicar-se-lhe aquelle dizer de David: «Creatura humana ja não sou!.. eis-me um verme!»

E aquelle ente desamparado, flagellado, e attascado n'um lamaçal, mordido por animaes nojentos, ainda tinha alma na qual bruxuleavam lampejos de rasão!

Aquella creatura ainda recordava... e quer, por memoria, quer por instincto, balbuciava ainda o nome de Zolpki!

E que era feito d'elle?

XV

ZOLPKI

Entretanto que Barbara Ubryk, reconduzida ao convento d'onde fugira, se sentia vergar á vingança das filhas de Sancta Thereza, um lance deploravel passava em casa do medico.

Ahi por volta das duas horas da manhã, parou uma sege em frente da porta; o cocheiro apeou da almofada, abriu a portinhola, e um mancebo desceu. Este e o bolieiro tiraram então da sege um corpo sem alento, involto na sua capa. Repetidas aldabradas na porta do doutor despertaram a creada, que desceu ao pateo, e recuou de horror quando viu dois homens amparando o ferido.

—Onde está seu amo?—disse o cocheiro—depressa, que o snr. Zolpki está mortalmente ferido.

—Ferido!—exclamou a governanta.

A pobre mulher oirou. Com muito custo lhe fez Casimiro perceber que a salvação do moço dependia da presteza d'ella.

Emfim, a creada acordou o amo. Wroblesky, informado de estar ali um homem ferido n'uma desordem, não lhe passou pela mente que se tratava do seu afilhado. Só depois que reconheceu Casimiro, comprehendeu o que era.

—E' Zolpki!—disse elle anciado.

—Fiz quanto pude por ajudal-o e defendel-o —observou Casimiro, mostrando o peito e braços ensanguentados—Tractemos d'elle—proseguiu o amigo—e depois fallaremos de mim.

Signal de vida não dava nenhum o ferido. Volvida meia hora, porém, á custa de esforços mais de pai que de medico, recobrou o alento, circumvagando um vago lance de olhos.

O que primeiro reviveu n'elle foi o instincto do amor.

—Barbara!—murmurou, e depois, olhando para Casimiro, disse:—Meu bom amigo...

Bem que fossem graves, nenhuma ferida pareceu mortal ao medico; mas a perplexidade do ferido, quanto ao destino de Barbara, agravava grandemente o caracter dos ferimentos. Quando elle soube que a infeliz voltára para o mosteiro, suspirou com anciosa pena, e quasi perdeu os sentidos.

No dia immediato, os sinos dobravam a finados. Com a subtileza auricular d'um selvagem, e a dolorosa agudeza dos sentidos de um agonisante, Zolpki exclamou:

—Alguem morreu nas Carmelitas!

—D'onde te vem essa phantasia?—perguntou o doutor.

—O som vem do lado de Wesola... Barbara morreu... Felizmente... que eu vou morrer tambem...

Ai! Zolpki não devia succumbir nem á dôr da alma nem ao desangrar das feridas. A dôr lá lhe ficou no coração como serpente a devorar-lhe a seiva; as feridas cicatrisaram; e, poucos dias passados, Zolpki estava convalescente.

Do lugubre recontro da Wesola nada transpirou.

Os soldados, que tinham abusado da força, não interessavam no divulgar-se o caso; as consequencias de sua curiosidade e pertinacia haviam sido funestas de mais para que elles ousassem gabar-se da façanha, que ao principio lhes pareceu uma travessura.

Impunha-lhes silencio o sangue derramado, um homem morto—que assim o julgaram—e uma freira expirando tres dias depois da aventura.

Pelo que respeita a Zolpki, tambem elle a não dizia. Que valia espertar lembranças da desgraçada mulher, se estava morta?

O medico tão paternalmente se desvelou que Zolpki, para lhe não desanimar a ternura, acceitou todos os cuidados. Se Barbara não tivesse morrido, os phrenesis do amante seriam mais desesperados. A ancia de resgatal-a, a impossibilidade de tentar segunda vez arrancal-a á sepultura, leval-o-iam á febre, ao delirio e á morte. Mas acabado era tudo! Deus cortara a questão de modo que não havia em forças humanas já nada que fazer. Zolpki deixou-se salvar por amor ao ancião que tanto

lhe queria. Todavia, o enthusiasmo juvenil, o vigor da alma, a alta poesia do coração, isso morreu n'elle, e para não mais resurgir. Na tumba de Barbara cahira tambem a mocidade d'aquelle homem.

Ladislau ficou hospede do medico com quem unicamente fallava de Barbara, e recordava aquella nefasta noite de sangue e lagrimas, em que, d'um lance, a recuperára e perdêra!

Depois, deu-se a estudar. Sahiu. Explorou particularmente a sciencia do direito, e publicou formosos livros ácerca de questões juridicas. Como não podesse fomentar nova rebellião, e visse que era mister aguardar opportunidade, por que a Europa se pacificava, e a França passára de republicana a imperial, quiz cooperar no progredimento das idéas, se nada podia na conquista da liberdade.

A placidez de Zolpki foi explicada por dissabores da mocidade e trabalhos padecidos no praso dos oito annos de carcere duro. Não obstante, dizia-se que, se o clarim da peleja soasse outra vez, elle seria na vanguarda dos mais valentes.

E assim proseguiu pacientemente no assiduo estudo, como quem deseja tornar util ao menos uma existencia viuva de alegrias. A sociedade tem phases successivas de febre e repouso: o homem é como ella. As ingentes crises não duram. As multidões, á imitação do individuo em separado, não actuam longo tempo convulsas. As febres e as revoluções tem intermittencias.

Viu Zolpki resvalarem longos annos em apparente calmaria politica. Aquelle coração, onde o amor havia chammejado, parecia exhaurido das doçuras dos affe-

ctos. Morto o amor, o homem sobrevivia-se como solitario em si proprio. Mas lá estava o vacuo immenso do coração, augmentando a par e passo que as saudades se iam refazendo por entre as nevoas longinquas da lembrança. Era homem... Barbara, sombra querida orvalhada de prantos, era a visão do passado. O presente, porém, erguia-se despotico. Era homem...

E o doutor, coadjuvando quanto em si cabia aquella transformação, pensou em casar o afilhado.

A' primeira vez que lhe tocou em tal assumpto, Ladislau atalhou-o com desabrimento:

—Esquece a minha noiva immortal! Barbara espera-me no céo.

—Não—replicou o doutor—não te espera nem te chama. Se aquella pobre senhora, martyr dos odios de familia e preconceitos sociaes, te vê do céo, folgará que entres na vida positiva, discreta e racional. Amaste-a até ao extremo de dar-lhe teu sangue. Estás desligado pela morte. Perante Deus, e perante a memoria d'ella, és livre! E's hoje um homem já de annos reflexivos. Não fiques assim sósinho, quando te eu faltar. Bem vês quanto hei envelhecido. Pensa no triste porvir do homem sem lar nem familia.

—Não me falle mais em tal...—concluiu Ladislau.

O doutor nada mais disse ao intento; mas, corridos dois mezes, levou comsigo Zolpki a um sarau da senhora Zilmann, bella dama, mãe de duas meninas que pareciam suas irmans.

A senhora Zilmann era viuva e pouco abastada. As suas relações com o medico procediam dos cuidados com que elle lhe assistira em grave enfermidade. No seio d'a-

quella familia era tanta a paz, a honestidade, a magia da vida intima, que o espirito e olhos não tinham mais que ver e admirar.

Conversavam ao fogão, ao sabor do animo, em quanto as senhoras bordavam. A's dez horas uma das meninas preparava o chá. Algumas vezes cantavam cançonetas amoraveis de poesia d'alma, sem pretenções nem desvanecimento. O doutor admirava quanto é possivel a viuva. Zolpki, a poucos passos, deu em achar infinito encanto n'aquellas reuniões em que se estava tão á vontade e tão respeitosamente ao mesmo tempo. Quando Mina, a mais nova, o fitava serenamente com os seus olhos azues, Ladislau sentia-se dulcificado de paz intima. O conjuncto das tres senhoras inspirava por egual o sentir respeitoso, a dedicação e o affecto que deliciam as relações — tão raras vezes assim formadas. Zolpki, ali, sentia a quietação das nevrozes, o refrigerio do cerebro.

Como elle era homem!..

Quando Ladislau e o doutor entravam, a viuva erguia-se graciosamente do seu sophá, estendendo-lhes a mão. Lisbeth ia com infantil enthusiasmo ao encontro do velho, que ella chamava o seu amiguinho, e Mina, purpúrea e enleiada, esperava a primeira palavra do moço.

Mas que diverso não era este d'aquelle brilhante rapaz que, aos vinte annos excitava a admiração dos homens, e inspirava desvairado amor a Barbara Ubrik! A fronte de Zolpki, sulcada pela meditação, amarellecida pela dôr, fallava de soffrimentos longos; os labios pareciam lacrados pelo sinete da amargura indelevel; os olhos sómente, a espaços, se animavam e rutilavam debaixo das pestanas sedosas e negras.

Mina, ao principio, deu a Ladislau o importante interesse de bello personagem de romance. Via-o ao travez do prisma da dôr tão attractiva dos corações sublimes. Figurava-se-lhe perseguido por odios partidarios, preso, torturado. Deixou-se ir embevecida pela aureola que veste a fronte dos heroes. Amou-o silenciosa e secretamente; mas o doutor desvendou o mysterio no seio da resguardada alleman.

Uma noite, perguntou-lhe Zolpki se não iam a casa da senhora Zilmann. O medico respondeu magoadamente:

—Não, meu amigo, e bom será que lá vamos pouquissimas vezes.

—Porque?!—volveu Ladislau sobresaltado.

—Por que não devemos levar o desassocego, embora involuntariamente, ao seio d'esta familia.

—Não entendo, meu padrinho.

—As duas meninas são bellas, mas pobres: duas condições que nos mandam ser prudentes... A reputação de Mina e Lisbeth é pura como o orvalho do céo, e...

—Mas quem é que lh'a macúla?

—Ninguem... que eu a defenderia... crê, Zolpki... Não é d'isso que se tracta... E' que Mina inquieta-me... Está pallida e deperece visivelmente... Estão com ella as primeiras tristezas da mocidade...

—E d'ahi?

—Não adivinhas o mais? Se tu te consideras velho, os outros julgam-te o que és: um rapaz com trinta e quatro annos. Nada perdeste das antigas seducções, e tens de mais a mais o prestigio. Receio que Mina scisme muito a miudo com Ladislau, e aqui está por que me

abstenho de vizitas que poderiam suggerir n'aquella creança esperanças irrealisaveis.

—E crê que ella me...

—Que te ame?.. desconfio.

—Engana-se... isso é uma apprehensão sua. Quero sabel-o...

—O que devemos crer, primeiro que tudo, é o socego d'estas senhoras.

—Mas, se o padrinho não se engana, alguma imprudencia haveria da nossa parte.

—Talvez...

—E, n'esse caso, deve dar-se a reparação...

A voz de Ladislau tremia. O doutor, como se não désse tento d'isso, replicou serenamente:

—Reparação de quê? Eu por mim estou velho de mais para me cazar, tendo além d'isso a certeza de que não inspirei amor a nenhuma.

—Meu amigo — tornou Ladislau, pondo-lhe a mão sobre o hombro—rogo-lhe que vamos hoje a casa da senhora Zilmann... Mortifica-me o receio de ter perturbado a paz d'esta senhora... Se meu padrinho tiver supposto a verdade...

— Vamos... — disse o medico, interrompendo o afilhado — apraz-me dar-te provas de que me não illudi.

...

A senhora Zilmann, quando o medico e Zolpki entraram, alisava animosamente o cabello de Mina, fallando-lhe mui de manso.

A filha tinha chorado: denunciavam-na os olhos humidos.

Ao vêr, ainda assim, Ladislau, allumiou-lhe de im-

proviso o semblante, como em céo tempestuoso, um subito romper do sol.

Zolpki apertou a mão da menina com desacostumada vehemencia; e, depois, com tanta gravidade como ternura, disse-lhe:

— Eu desejava fallar-lhe e pedir-lhe um conselho.

—Dar eu conselhos!.. tomára eu quem m'os desse; mas, se insiste...

—Com todo o meu coração.

Sahiram para um terraço.

—E' certo que me ama?—perguntou elle.

—Quem lh'o disse?—exclamou Mina.

—Mas posso eu crêr tal! A menina, bella, tão nova, sympathisar com um homem quebrantado, e vencido nas luctas da vida! Preferir-me a mim, que tão desfeita sinto a alma nas irreparaveis tempestades da minha juventude!.. Por que a não encontrei eu, quando tinha soffrido menos; quando...

—Amo-o justamente por que soffreu muito...

—E acceita-me tão triste, tão desencantado já das illusões da vida... O' Mina, não se engane!.. Olhe que eu hoje sou um phantasma de mim proprio!

—Se o acceito?.. Pois quer...

—Fazel-a minha esposa, se é sua vontade.

Mina tremia por maneira que houve de amparar-se nos braços d'elle.

—Ah!—murmurou ella.—A alegria é quasi uma dôr...

E assim estiveram algum tempo no terraço, murmurando apenas os sentimentos que lhes affluiam ao co-

ração. Zolpki não poderia commover-se a não ser amado extremosamente.

Quando voltaram á sala, Mina entrou pelo braço de Ladislau.

—Esta querida menina—disse elle á mãe—consente em ser minha esposa, se isso é do gosto de sua mãe.

A senhora abraçou o noivo, e Lisbeth abraçou o doutor, dando palmas muito alegre, e dizendo-lhe ao ouvido:

—E olhe que Mina não chora uma lagrima!..

E a viuva disse então gravemente:

—Sabe, snr. Ladislau, que somos pobres?

—Eu sou rico—disse Zolpki.

—E eu velho—ajunctou o medico.

O sarau correu muito intimo de jubilosa conversação. A's onze horas o noivo e o padrinho sahiram.

—Estás, com effeito, casado...—disse o doutor.

—Assim que fitei Mina, para logo me convenci de que as suspeitas de meu padrinho eram justas. Que outro proceder honesto me competia, se não fazer feliz esta creança! Se me ama, acaricial-a-hei... Já não posso reviver a devorante paixão que senti por outra; mas desvelar-me em lhe fazer ditosa a existencia, creio que poderei. E, depois, meu padrinho fica sendo da nossa familia, de que eu vou ser o chefe. A juventude de todo em todo se vai sumir nas obrigações de homem feito.

—Muito bem, meu amigo!—applaudiu o doutor.

Toda a cidade ficou maravilhada com a noticia das nupcias de Ladislau. Ao inverso dos usos allemães que estatuem longa duração nos esponsaes, Zolpki deu-se pressa no casamento.

Enriqueceu Mina de preciosissimas joias, e levou-a para sua casa com o mais sincero e jubiloso sentir de coração, onde ella reclinou a formosa fronte.

Um incidente, porém, conturbou a felicidade d'aquelle dia.

Quando jantavam, os sinos do Carmelo repicavam festivalmente, e Ladislau attentava o ouvido áquelles sons do bronze que já lhe havia batido no peito.

E um dos convivas disse:

—Houve hoje profissão no Carmelo. A professa adorava um homem que a enganou, e lá foi sepultar-se em vida.

—Pobre menina!—disse Mina fitando os olhos apaixonados no esposo.

Mas os olhos do marido não a viram, por que lh'o vedavam o pranto. E Mina viu aquellas lagrimas... Não lhes adivinhou a causa; mas, desde aquella hora, desconfiou que entre as antigas paixões de seu marido havia um amor desgraçado.

O casamento pacificou inteiramente a vida de Zolpki. Mina era adorada; e, um anno depois, nos braços d'ella, era tambem adorada uma filha que se chamou Vanda, nome de heroina, verdadeiro nome de polaca.

Se alguma coisa faltava á felicidade de Ladislau, o nascimento d'aquella menina prehencheu-lh'a.

Ai! Mina deu á criancinha mais do que a existencia, o leite e a ternura: deu-lhe a propria vida. As fadigas da maternidade extenuaram-na: via-se a morrer de dia para dia. Fez quanto heroicamente pôde por esconder dos olhos do esposo a hora do trespasse. Zolpki esperava no medico, o medico não esperava nada.

Uma tarde, Mina aconchegou de si o esposo, que se abeirava do leito, e disse-lhe:

—Meu querido, quero fallar-te pela derradeira vez, hoje; que ámanhã ja será tarde... Vou morrer... E por que vou tão cedo? E' segredo do Altissimo... Foste o meu amor unico; e tu, se não podeste dar-me a parte de tua alma que se tinha evolado, isso não impediu que eu fosse muito feliz... Soffri bastante quando soube que amaste; e nunca me deixou a lembrança das lagrimas que te vi no dia do nosso casamento, quando ouviste os sinos das carmelitas... Mas não tinhas culpa... As lembranças não as mata quem quer... Foste um fiel e bom esposo: eu t'o agradeço e te abençôo, filho! Vou morrer; mas não te deixo só... Tens a nossa filha. Deus a faça ditosa!.. Sacrifica-te á felicidade d'ella... Jura que eu serei amada em minha filha e que sobrevivo para ti no querido anjo...

—Juro!—disse Zolpki solemnemente.

—Agora... posso ir... Tive o meu quinhão de alegria n'este mundo; e, para maior ventura, de tuas mãos o recebi... Não esqueças a morta que te vai esperar...

E lançou ao pescoço do esposo os braços desfallecidos.

Volvida uma hora, a senhora Zilmann e o medico, chamados por Ladislau, entravam no quarto. Mina reconheceu-os, pediu a criança, passou-a aos braços do marido, expediu um grande suspiro, e reclinou a cabeça para as travesseiras.

E não teve outra agonia.

....

Vanda cresceu entre os afagos do pai e do medico.

Tres annos depois, Lisbeth casou, e transferiu-se para Berlin, levando comsigo a mãe.

Tinha então a menina cinco annos.

Era uma creança singularmente precoce.

Os seus grandes olhos interrogavam sempre brilhantes de curiosidade, a sua alma impregnava-se, digamol-o assim, tão puramente de tudo que lá tem ao longe o destino impulsor dos altos sentimentos. As dôres de Zolpki e a morte de Mina influiram na compleição e educação de Vanda. Aos quatorze annos dava ares do pai aos vinte. Ardente e ousada em frente do perigo, não obedecia senão aos dictames de sua consciencia.

Havia n'ella o morgadio das paixões.

No começo d'esta narrativa, vimol-a abatida aos pés do pai, e logo rebelada em tom ameaçador! Oh! Zolpki devia ter visto ali o seu sangue! Devia lembrar-se da logica inflexa da sua paixão, quando se arrostou a defender Barbara contra todo mundo. Devia vêr ali o odio á oppressão, o amor á liberdade, a sêde dos affectos e a febre da dedicação sem limites...

Todavia, á hora em que o coração de Vanda se abria florido, o do pai resfriava-se com os invernos da idade; è já então elle não saberia intender a linguagem que fallara outr'ora.

O achaque da nossa natureza está na palavra: *mudança.* Opera o tempo transformações espantosas. Cessamos de vêr com os mesmos olhos, de sonhar os mesmos sonhos, de amar com o mesmo coração. Deluz-se-nos da alma o que mais amamos. Chega uma hora em que os olhos n'algum dia inundados de jubilosas lagri-

mas e fitos n'outros olhos, encaram enchutos e friamente o mesmo rosto. O som de voz que nos fazia estremecer difficilmente nos altera. E' então o dizer-se cada homem a si mesmo: «Ali está a mulher que eu amei tanto!..» E alguem terá dito lá comsigo: «E por que foi que eu tanto a amei?!»

Sujeito, pois, á razoira commum, Zolpki, vendo que o duro nivel do positivismo acaba por abater as mais poeticas frontes, não permittia que Vanda experimentasse os juvenis ardores da paixão. Queria-lhe na alma a placidez da sua, a frieza, o raciocinio, o calculo, o amor ao demonio do ouro, o heroismo de sacrificar quimeras de amor aos interesses tangiveis. Todavia, se por uma parte os pais exigem dos filhos coisas que só a idade experimentada póde dar-lhes, por outra parte, a logica do coração faz que os filhos deitem a mão á taça do amor, sem se importarem se lá dentro ha fel.

Vanda nunca ouvira fallar de Barbara Ubryk. Este episodio da vida de seu pai nunca se divulgou. Tudo corrêra entre elle, e a infeliz e o pai inabalavel. A sociedade ignorou sempre aquella valsa no baile, os encontros no templo, as entrevistas no jardim, a tentativa de rapto. Nem Mina propriamente entreviu o mysterio. Se sabia que Ladislau amara, nunca descobriu o nome da sua rival. Além de que, se tal nome lh'o proferissem na sua presença, ella não teria ciumes de Barbara, duas vezes morta, no mosteiro do Carmêlo.

Casimiro conhecia os pormenores do romance de Ladislau; mas nunca mais lh'os recordou. A imagem de Barbara esvaecia-se ao longe nas neblinas das sauda-

des. A rebellião de Vanda, porém,—a recusação a cazar-se com Radzwil, levantou diante do pai a livida larva de sua perdida mocidade. Não queria elle, todavia, succumbir. Esqueceu-lhe que Barbara regeitara por amor d'elle o conde Rastoi: attentou principalmente na rebeldia da familia, e o seu primeiro impulso foi mandal-a reconsiderar na clauzura. Algumas palavras da filha, em verdade, abalavam-no profundamente; mas recuzou crêr que ella antepozesse o convento a um inlace abominado.

A experiencia nada monta. A nossa propria experiencia pouco nos aproveita. A lembrança do que já sentimos desfaz-se. A não ser assim tão triste e tão verdadeiro este aleijão da alma, como deixaria aquelle pai sahir a filha, uma noute, para o mosteiro do Carmo?

De prompto se entende o terror que o traspassou, quando uma carta anonyma lhe disse que Barbara não tinha morrido, e havia vinte annos que gemia torturada!

O passado entrou-lhe pela alma. Eil-a, em frente d'elle, aquella formosa e apaixonada mulher! Derivaram-lhe copiosas as lagrimas do coração. Ia vêl-a... Ah! como a veria? Invelhecida pelo soffrimento, inlouquecida pela desesperação, e já não podendo conhecer o homem que a exhumava da sepultura, o amante por quem duas vezes se abysmara!..

E por mais horrivel que se lhe afigurasse o quadro, para maiores pavores lh'o mostrou a realidade.

A desgraça de Barbara seria ao menos util, para que elle salvasse a filha. Era o martyrio da amante que pagava o resgate da nova victima!

Logo, pois, que Vanda entrou na casa paterna, o pai abraçou-a, estreitou-a ao seio, e disse-lhe:

—Socega, minha querida filha... Por emquanto, deixa que o magistrado siga a sua delorosa missão; que brevemente voltarei por ti com todo o amor de pai.

XVI

EXPIAÇÃO DO PADRE ZOZIMO

Quinze dias antes do acontecimento que encaminhou a justiça em busca de Barbara, e fez levantar de seu sepulchro aquelle esqueleto vivo, uma scena de tragedia, intima, tanto mais pavorosa, passava em uma casa insulada em Csezy.

Um padre, prostrado em uma othomana, arcava phreneticamente desesperado contra soffrimentos incomportaveis. A espaços, os musculos do rosto convulcionavam-se-lhe; a voz rugia-lhe nos gorgomilos estrangulados; o peito arfava-lhe a trances de oppressiva asphixia. Quando as crises redobravam violentas, vibrava-lhe na cara patibular uma visagem diabolica! Perto d'elle, no vão de uma janella, estava outro homem, que de vez em quando, olhava para o padre, interrogando-lhe as posturas, o olhar, as alterações do rosto; mas não lhe dizia palavra.

Reinava silencio havia mais de hora, quando a porta se abriu, e o medico entrou. O doente cravava a flecha da vista nos olhos do doutor, e por certo leu-lhe a sentença, por que, recurvando os dedos, raspou com as unhas no respaldo da othomana.

O medico abeirou-se da testemunha muda da agonia do padre.

—Senhor Gziorowski—disse elle—seu primo póde pôr em ordem as suas coisas n'este e no outro mundo.

—Bem o receiava eu, doutor... Bem vê com que paciencia elle soffre as agudissimas dôres... Facilmente se resignará... E' um varão de Deus em toda a extensão da palavra.

—Oh! sim!—respondeu o medico—a reputação do padre Zózimo está feita. Já era conhecido entre nós, quando deixou o mosteiro das carmelitas, e se retirou para aqui.

O primo do infermo apertou a mão do doutor, acompanhou-o á escada, e voltou para junto do recosto do padre.

O moribundo fez signal ao primo que puchasse cadeira e se sentasse ao pé d'elle.

Quando se defrontaram face a face, Zózimo, frementе de terror, perguntou:

—Vou morrer? é isso? o medico disse-te que eu morria?

—Meu primo...

—Não mintas, não me enganes... Estou condemnado... perdido... morrer! Tu não sabes que horror e angustia ha n'esta palavra... morrer! Não quero!.. não quero... Tenho medo!

—Se o primo teme tanto o minuto que nos separa da eternidade, tendo sido toda a sua vida consagrada á virtude e practica do bem, que farão aquelles que viveram indifferentes em religião, e não resaram, nem enfrearam suas paixões? Não o tenho eu tantas vezes ouvido fallar aos agonisantes no anjo da morte que os acolhe nos braços e leva ao seio de Deus!..

—Cala-te! cala-te!

—E' certo, primo, que eu não sei exhortar nem consolar: ignoro a linguagem mystica... Haverá um mez que o primo me arguia por eu me não subjeitar ás practicas da religião que me pareceriam pieguices... Já se vê que nada lhe saberei dizer ácerca da sua inquietação e de seu medo de acabar... Compete aos sacerdotes essa missão... Só elles tem força e uncção necessarias para o socegarem, convencerem, e insinuarem-lhe as esperanças celestiaes que meu primo prodigalisava aos moribundos... Quer que eu chame o padre Ludwig?

—Esse!—bradou o agonisante.—Nunca! nunca!

—Eu suppunha-os amigos.

Esvoaçou nos beiços do padre um sorriso truculento.

—Veja se quer outro...

—Nenhum, nenhum! Tenho medo de morrer, confesso...: mas antes quero morrer só, desesperado, e não vêr ao pé de mim um homem assoldadado para me dizer palavras hypocritas... Cuidas que estou delirando? Pensas que estou doudo? Não... O terror subjuga-me sem me turvar o juizo... Tenho uma necessidade grande...

—Qual?

—Queria confessar-me...

—Eu vou chamar...

—Confessar-me a um homem honrado...

—Escolha quem quizer, primo.

—A confissão, no seu principio, era um acto grandioso e sanctissimo... Em quanto foi publica foi excellente. A voluntaria humildade a que o penitente se condemnava, restaurava-o e influia-lhe paz na alma. São dois os elementos da confissão: humildade e contricção. O sacrificio do orgulho innobrece. A confissão foi proveitosa, austera, indispensavel: era, para assim dizer, o eterno baptismo do espirito. Ahi se lavavam nodoas. Logo que a fizeram secreta, perdeu a indole boa, abastardou-se lentamente. Mas agora, ai! agora, quero confessar-me por que vou morrer, e levo commigo um segredo que me despedaça. Porém, que importa dizel-o a um padre ou a um leigo? Deus me descontará o confessal-o... Se eu disser a um padre o segredo que me tortura, elle recuará decerto deante da reparação, e temerá desacreditar a cleresia... e eu preciso, percebes? preciso que a reparação se faça...

Gziorowski escutava Zózimo com doloroso assombro.

Pois aquelle homem venerando, aquelle sacerdote exemplo de ministros de Jesus, albergava no seio um segredo criminoso? Já não ha em quem se fiar a gente!

O primo no entanto, intendendo que era preciso usar caridade com aquelle homem acabrunhado por dôres phisicas e moraes, apertou-lhe a mão para lhe incutir coragem.

O padre bebeu uma poção, reanimou-se, e disse:

—Só a ti direi tudo...

—A mim?

—Fio-me na tua palavra... Jura-me que me ajudarás a reparar uma iniquidade, a castigar um crime cuja responsabilidade é minha em parte?

—Juro.

—Escuta-me com a placidez de juiz. E's mais novo que eu; e, com tudo, tens mais senso... Eu, apezar do meu caracter sagrado, humilho-me diante de ti... Por que tu és quem és, e nunca te mascaraste com a hypocrisia. Diante de ti arranco a mascara! Antes de morrer, quero que me vejas qual sou! Tenho sede de desprezo e odio, como se estes ultrajes, flagellando-me a hora final, podessem ganhar alguma piedade n'aquelle que me vai julgar e confundir. Meu primo, eu tinha nas veias o sangue ardente, e no coração as paixões da nossa raça. Fiz-me padre, sem attender ás provações que me esperavam, sem attentar no que ao diante seria o voto de castidade que me forçaram a fazer. Quando soube o que fiz, quando a minha carne e a minha alma se revoltaram, ó maldição!.. era tarde! A tunica de Nessus adheria-me aos membros... Queimava-me o estigma do celibato... Desde a cabeça até aos pés, todo eu era da igreja... A minha cabeça foi assignalada pelo ferro, e o meu corpo foi involvido n'uma tunica negra. Julguei-me apartado do genero humano, moralmente amputado, guarda d'um harem, em rebeldia perpetua, por que era perpetuo o martyrio... O meu temperamento, degenerado, amollecido no seminario, perturbou-se bestialmente. Inundou-me a onda dos desejos que rompera os diques; repucharam-me ao cerebro jactos de sangue. Estorci-me entre as roscas da serpente lasciva; escabu-

jei aguilhoado pelos farpões da carne que faziam gemer S. Paulo; tentei sopesar orgulhosamente as remettidas da natureza de homem! Vãos esforços! Lucta sem treguas nem esperança!.. Cahi! Que raiva, que embriaguez diabolica, que revelação e terror n'este cahir! Trovejou-me na alma uma phraze de S. Jeronimo: *Se um monge cahe, um padre pedirá por elle; se um padre cahir, quem pedirá pelo padre?* Escruciaram-me remorsos; mas duraram pouco. Praticada a primeira culpa, estava para sempre perdido! Restava-me sustentar a minha reputação... Era preciso conciliar a regularidade apparente da vida com os prazeres de que eu já não podia abster-me... Eu queria á volta de mim mulheres... muitas mulheres... Soube então que as carmelitas de Cracovia precisavam de capellão.

—Meu Deus!—disse entre si o interlocutor.

—Nada direi dos mysterios d'esta casa, onde as doutrinas de Molina tem uma grande influencia... As fragilidades do corpo são menos punidas do que se cuida... Mas a mim não me contentavam as pombas gemebundas... Deixei-me vencer de uma louca paixão por uma bella mulher... paixão que me excitou até á ferocidade do crime... Ella era casta e sem mancha... Um amor contrariado a levára ao Carmêlo... Oito annos ali viveu chorando... Ao cabo d'este tempo, quiz fugir... Condemnada pelas freiras a prisão perpetua, lá a fui arrancar uma noite ao seu covil; e, como era impossivel vencer-lhe a resistencia, narcotizei-a...

—Horror!—exclamou o primo recuando.

—Oh! sim!.. foi horrivel!.. Essa desgraçada só tinha de seu a castidade do seu corpo, e essa mesma lhe

roubei... como um ladrão e algoz! Ainda mais... A prelada soube tudo... Esta mulher amava-me como eu amava a outra... A vingança que ella exercitou sobre a desgraçada foi infamissima... Sotterraram-na em uma cova tão baixa, que ella não podia erguer-se, e tão estreita que não tinha espaço, onde deitar-se... Ahi esteve emparedada sem ar, sem luz...

—E o primo deixou consummar tamanha atrocidade!

—A prelada atterrou-me... e, depois, o meu unico recurso era esquecer...

—E esteve muito tempo n'essa cova a infeliz?

—E lá está ainda!—disse o padre erguendo-se—Estava lá, quando sahi de Cracovia. Eu quero, sim, quero antes de morrer que a luz e a liberdade sejam restituidas a esta mulher...

—Que devo fazer?

—Avisar a justiça.

—E se o primo é cumplice?

—Que importa? Vou morrer... Escreve, escreve, não te demores um instante, e manda a carta ao juiz do crime...

—Zolpki tem fama de ser o melhor.

Zózimo passou a mão pela testa, e disse:

—Parece-me que ouvi pronunciar esse nome á desgraçada mulher... Escreve, escreve...

—Para o não expor, irá anonyma a carta.

—Pois sim.

—E o nome da freira?

—Barbara Ubryk.

—E' aquella celebre formosa que ha vinte annos vestiu o habito com grande admiração de Cracovia?

—E'.

Gziorowski escreveu a carta que os leitores viram no principio d'este livro. Aderessou-a a Zolpki, e levou-a á caixa postal.

A noite do infermo passou serena.

Assim que foi dia, esperou os periodicos impacientemente. Parecia-lhe que o facto da sequestração de Barbara havia de irritar a geral indignação, e forçar a justiça a exercer violentas repressões contra os mosteiros, e em particular contra os do Carmêlo.

Gziorowski não se apartava do criminoso, posto que o affecto que lhe tivera estivesse extincto. Assim mesmo a confissão do padre commoveu-o. Era-lhe, todavia, custoso occultar o involuntario desprezo que sentia, ao passo que lhe suavisava os paroxismos.

Ao quarto dia, o jornal *Le Kraj*, de Cracovia, referiu que, por ordem de um magistrado, o snr. Pamza, chefe da policia, com authorisação do bispo, as portas do convento de Wesola haviam sido arrombadas, e ahi encontrada em um fosso subterraneo uma freira chamada Barbara Ubryk, encarcerada desde 1848; e acrescentava que o capellão fôra preso, juntamente com a prelada e com a sub-prioreza.

O artigo do *Kraj*, relatava miudamente a exasperação dos habitantes de Cracovia, as desordens que tumultuavam na casa dos jesuitas, o sentimento de ira geral contra os conventos, e o proposito de os supprimir que preocupava o governo.

Zózimo ouviu serenamente a leitura do *Kraj*.

—Barbara está livre—disse elle.—Metade do meu dever está cumprido. A outra é o meu proprio castigo.

—Que intenta fazer?!—perguntou o primo.

—Deixa-me ficar... Tenho necessidade de me recolher e pensar... Soffro horriveis dôres... Tem-me sido preciso muita energia para domar o soffrimento, a fim de ter este intervallo... Está feito o que me cumpria fazer... A dôr não tarda ahi... a morte não tardará tambem.

—Eu estarei perto; se precisar, chame-me.

—Aperta-me esta mão... e perdôa-me.

—«Quem se sentir innocente que te arremesse a primeira pedra» disse Jesus.

O padre ficou só.

Prostrado na othomana, com os olhos cerrados, e os labios trementes, assim se quedou immovel por espaço de duas horas.

O que iria n'aquella alma atormentada por tantas paixões preversas? Que perdão pediria elle á justiça divina? Que exame faria em sua vida antes de ir dar contas d'ella? Segredos do céo.

Mas duas lagrimas lhe rolaram nas faces.

Depois, levou aos beiços um frasco de opio.

Passaram mais duas horas. O primo, não querendo contrariar a vontade do agonisante, esperava na saleta visinha. A creada entrou ahi então, dizendo que a justiça estava na sala. Um dos magistrados disse, que vinha ali, depois da inquisição feita no convento das carmelitas de Cracovia; por quanto, uma freira interrogada no hospital de S. Lazaro accusava o director d'aquelle convento, justamente o padre Zózimo, que elles procuravam.

—Queiram seguir-me, disse o dono da casa; mas previno-os de que ao desgraçado que vão interrogar se deve a noticia do encarceramento de Barbara Ubryk.

E abriu a porta.

Os magistrados foram direitos á othomana do doente.

—Queira acordal-o—disse um dos juizes ao primo.

—Este pegou na mão de Zózimo, e logo a deixou cahir, por que estava fria.

E murmurou:

—Já está julgado por Deus, senhores.

Os magistrados sahiram sem proferir palavra.

E depois que elles sahiram, Gziorowski voltou ao quarto para cerrar os olhos d'aquelle criminoso cuja agonia fôra alumiada pelos terriveis clarões do remorso. Ao abaixar-lhe as palpebras sobre as pupilas immoveis, quiz estender-lhe os braços ao longo do tronco, e então viu na mão do cadaver o frasco do opio que estava vazio.

XVII

PENULTIMO CAPITULO (*)

Barbara Ubryk foi tratada com o maximo carinho no hospital de S. Lazaro, para onde foi conduzida. O interesse que ella inspirava não provinha sómente do sentimento piedoso pelas dôres que soffrera: é que toda a cidade, e a Prussia, Austria e a França foram commovidas pelo horrivel drama. Durante muitas semanas, o *Kraj* de Cracovia, *a Nova imprensa livre* de Vienna, o *Narodni, Listy,* o *Freindenblatt,* a *Correspondencia de Berlim,* o Czar, o periodico *La Lys* publicaram vehementes artigos relatando não só os actos monstruosos relativos á freira de Cracovia, mas tambem os factos de prisão e tortura cujas provas augmentavam diariamente. Não foi sómente devassado o mosteiro de Wesola. Todos

(*) O auctor denomina *penultimo* este capitulo, como quem diz que o *ultimo* está ainda pendente da vida de alguns personagens da medonha tragedia.

os subterraneos dos claustros de carmelitas e trapistas deram victimas comprovativas de iguaes infamias. Foram theatro de analogas scenas o mosteiro das irmãs da misericordia, em Casolinenthall, muitos conventos da Gallicia occidental, as carmelitas de Kradshum, o convento de Kamé, junto de Jodoina, o convento dos benedictinos de Mogilno, na provincia de Pozeu, finalmente, o das carmelitas de Courtroi.

O caso de Cracovia, semelhante a um rastilho de polvora, derramou-se por toda a Europa. Um geral terror se apoderou dos espiritos, que perguntavam espavoridos de que servira abolir-se a inquisição, e o supprimirem-se os votos perpetuos, se os crimes religiosos se prepetravam ainda, graças á impunidade da concordata.

A effervescencia dos espiritos foi tamanha em Cracovia, que os habitantes tentaram derruir o mosteiro das Carmelitas. Foi mister que a tropa o defendesse.

No dia vinte e quatro de junho, passante de quatro mil pessoas se reuniram no bairro de Wesola; e como a tropa impedisse a tentativa de invasão, o povo voltou-se contra os outros conventos da cidade, principalmente de jesuitas. Os padres principiaram por entrincheirar as suas agigantadas portas; apagaram as luzes nas celas; e, tomados em todas as avenidas, esperaram os effeitos da ira popular. A gritaria, os apupos e as ameaças retumbabam á roda do convento. A porta cedeu aos empuxões, os vidros voaram em estilhas, e os jesuitas a muito custo escaparam ás prezas dos furiosos. Fizeram-se prisões de populares, cujo resultado foi augmentar a colera geral, e odio do povo contra freiras e frades. De toda a parte sahiram reclamações a pedir que a nova

legislação providenciasse energicamente, e a ameaçar que a sociedade faria justiça, se os tribunaes a não fizessem no processo de Barbara. Os interrogatorios e depoimentos não cessavam; por maneira que, em tão grave questão, todos os interesses eram pequenos, incluindo propriamente a lucta diplomatica com Berlim.

A opinião publica em Cracovia, em Praga, Triestre, Gratz, Linz e Vienna já proclamou repetidas vezes e vivacissimamente contra o espirito geral dos conventos, e mormente contra o dos jesuitas. Espera-se agora o resultado definitivo da reforma dos mosteiros e seus estatutos.

Se monsenhor Galeski não mostrasse a firmeza e espirito justiceiro que permittiram aos magistrados de Cracovia penetrar o odioso mysterio do Carmêlo de Wesola, quem sabe por quanto tempo ainda se perpetuariam similhantes crimes? A Hespanha já pede a suppressão dos conventos; a Italia hade imital-a um dia. Chegará por tanto a epocha em que de todo desappareçam esses refugios mysteriosos, em que a vida se furta ao imperio da lei, e o escudo d'um falso evangelho rebate os golpes da espada da justiça.

Barbara recuperou pouco a pouco o socego de espirito. Recommendaram-lhe que não torturasse a memoria a renovar a cadeia dos acontecimentos passados. A mudança de vida devia produzir aquellas melhoras. O primeiro allivio que recebeu a desgraçada foi uma sala espaçosa, arejada, com muita luz, e janellas para um jardim. Era triste vêl-a infantilmente risonha com coisas insignificantes para pessoas que houvessem menos padecido. A irritação acalmou-se lenta e progressivamente. Já

sentia mais vigor e elasticidade no corpo. E já no rosto lhe transpareciam uns traços d'aquella celebrada belleza, que tão fatal lhe havia sido.

Zolpki ia todos os dias ao hospicio informar-se do estado da enferma, sem ousar dar-se a conhecer, reccioso da fraqueza em que ella estava. Era muito para temer essa hora, tão solemne quanto dolorosa. Que diria áquella martyr, elle que não tivera coragem de guardar os luctos do seu amor, e da sua juventude!

Barbara fallava; mas não ligava conversação escorreita. Phrases breves, exclamações, palavras desatadas, e mais nada. Talvez que lá no seu intendimento as idéas se incadeassem; mas as pessoas, que a escutavam ou interrogavam, não a percebiam. Além de quê, Barbara infadava-se quando lhe faziam perguntas, e respondia constrangidamente. Lá o que ella dizia de si para comsigo, indicava que as pessoas circumstantes lhe não davam o minimo cuidado. Não se queixava da prelada e do padre com grande colera. Invocava contra o director a justiça divina, sem saber que o miseravel sacerdote se punira dos crimes velhos com um crime novo, evadindo-se dos tribunaes pela porta do suicidio.

Deliberou, finalmente, Zolpki, passados cinco dias, entrar no hospital de S. Lazaro. Barbara estava socegada n'essa occasião, e dormitava. Pousava o rosto livido sobre a travesseira menos alva que os seus cabellos, e as mãos translucidas e intrelaçadas assentavam sobre a coberta. Dir-se-ia uma estatua de cêra n'aquella palidez e immobilidade.

O magistrado assentou-se convulsivo á cabeceira da doente.

D'ahi a instantes, cuidou ouvir n'um suspiro o nome «Zolpki», ao mesmo tempo que Barbara descerrava as palpebras.

—O senhor aqui!—disse ella.

—Não me esperava?

—Ha dois dias... antes d'isso não pensava quasi nada... Lembra-me quo o vi... n'aquella noite do subterraneo... ao clarão das tochas... Sim, vi...

A religiosa tomou-se d'um profundo inlevo, e tornou, depois de instantes:

—Se o homem que eu amei não fosse morto...

—Fallemos d'elle,—disse o magistrado apertando a mão da freira—Quem lhe disse que elle morreu?

—Vi-o eu cahir cortado de golpes defronte da portaria do convento... Era já morto, quando os soldados me quizeram arrastar... Foi então que eu me refugiei no mosteiro... Morreu!..

—Barbara,—replicou o juiz—a Providencia é mysteriosa e impenetravel nos seus designios. A mim disseram-me que Zolpki não succumbiu aos ferimentos, posto que padeceu longo tempo, e parecia agonisar da vida quando nas carmelitas dobraram os sinos por aquella tão sua amada...

—Sim... tão amada!..

—Deus condemnou-os ambos a viver...

—Tem a certeza d'isso? — exclamou a religiosa — Zolpki é vivo! Deus do céo!.. Mas... já agora... para quê? De que lhe serviria Barbara, este medonho esqueleto, fugido dos calabouços do Carmêlo? Poderia elle, ao menos, olhal-a com a piedade de amigo?.. Não... Zolpki morreu... Se elle vivesse, estaria aqui...

—Talvez que elle receie não ser perdoado...

—Que heide eu perdoar-lhe? Quo posso eu exigir d'elle, senão uma saudade da mulher morta?

—E se elle, infiel a essa saudade, ou antes abafando o seu lucto no intimo da alma, carecido de familia...

Barbara sorriu meigamente, e disse:

—Receia dizer-me que elle casou? O que eu quero é que elle viva... não importa que seja com outra... mas que viva! Desejo vêl-o, quero fallar-lhe... Quero apertar as suas mãos, e fixal-o bem face a face... Quero vêl-o, como o estou vendo... O' meu Deus!... Por que está olhando assim para mim? A minha memoria hesita... Recordo-me... reconheço... Tu!.. tu!..

E cahiu sem sentidos.

Desde este momentto, era quasi seguro o restabelecimento d'aquelle espirito. Quando voltou a si, Zolpki estava ao seu lado.

—Não me havias tu promettido a liberdade?.. —disse ella.

Depois quiz saber a vida toda do querido da sua mocidade, estremeceu quando ouviu proferir o nome de Mina, e alegrou-se quando lhe ouviu o nome de Vanda.

—Tu hasde trazer-m'a, sim? e depois hasde deixal-a cazar com o homem que ama...

Nesse mesmo dia, Vanda era auctorisada por seu pai a dizer a Wladimir que seria recebido como noivo em sua casa.

....

O processo relativo ao encarceramento de Barbara

Ubryk durou longo tempo. A sociedade reclama o castigo de Maria Wenzyk; mas a familia da prelada é poderosa; o clero faz supremos esforços por abafar a infamia; os arcebispos e o papa entraram n'esse conloio; e, por fim, baixou ordem do governo para que o processo fosse trancado.

FIM.

INDICE